

Disney

O REI LEÃO



LIVRO OFICIAL COM A HISTÓRIA DO FILME

UNIVERSO DOS LIVROS



Disney

REI LEÃO

Disney

REI LEÃO

**ADAPTADO POR ELIZABETH RUDNICK
BASEADO NO ROTEIRO DE JEFF NATHANSON
BASEADO NO ROTEIRO DE *O REI LEÃO*, DE IRENE MECCHI,
JONATHAN ROBERTS E LINDA WOOLVERTON
PRODUZIDO POR JON FAVREAU,
JEFFREY SILVER E KAREN GILCHRIST
DIRIGIDO POR JON FAVREAU**

São Paulo
2019



The Lion King

Copyright © 2019 Disney Enterprises, Inc.

All rights reserved. Published by Disney Press, an imprint of Disney Book Group.

Copyright © 2019 by Universo dos Livros

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor editorial: Luis Matos

Gerente editorial: Marcia Batista

Assistentes editoriais: Letícia Nakamura e Raquel F. Abranches

Tradução: Raquel Nakasone

Preparação: Marina Constantino

Revisão: Nathalia Ferrarezi e Juliana Gregolin

Capa: Valdinei Gomes

Diagramação: Vanúcia Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

R854r

Rudnick, Elizabeth

O Rei Leão / adaptado por Elizabeth Rudnick ;
baseado no roteiro de Jeff Nathanson, Irene
Mecchi, Jonathan Roberts, Linda Woolverton ;
produzido por Jon Favreau, Jeffrey Silver e Karen
Gilchrist ; dirigido por Jon Favreau ; [tradução de

Raquel Nakasone]. — São Paulo : Universo dos Livros, 2019.

224 p.

ISBN: 978-85-503-0435-9

Título original: *The Lion King*

[Adaptação baseada no filme O Rei Leão, da Disney)

1. Literatura infantojuvenil I. Título II.

Nathanson, Jeff III. Mecchi, Irene IV. Roberts, Jonathan V. Woolverton, Linda VI. Favreau, Jon VII. Silver, Jeffrey VIII. Gilchrist, Karen IX. Favreau, Jon X. Nakasone, Raquel

19-1076

CDD

028.5

Universo dos Livros Editora Ltda.

Rua do Bosque, 1589 – Bloco 2 – Conj. 603/606

CEP 01136-001 – Barra Funda – São Paulo/SP

Telefone/Fax: (11) 3392-3336

www.universodoslivros.com.br

e-mail: editor@universodoslivros.com.br

Siga-nos no Twitter: [@univdoslivros](https://twitter.com/univdoslivros)

Para Jonathan Kast.
Sua memória e amor permanecem.
– E. R.





CAPÍTULO UM

Momentos antes de o sol nascer no horizonte, a planície africana estava quieta. Nenhum pássaro cantava. Nenhum animal gritava. Os únicos sons eram o sussurro suave da brisa soprando entre a grama alta, ainda verde naquele início de primavera, e o trovão distante da água de Victoria Falls caindo nas piscinas espumosas abaixo.

Mas, quando a luz do sol rompeu pela savana, a vida começou a se agitar.

Foi devagar, quase imperceptível. Um miado suave do suricate. Um farfalhar de penas dos marabus abrindo suas longas asas negras e esticando o pescoço. E então, rapidamente, os sons ficaram mais e mais altos, fundindo-se para formar a canção da savana. Com empurrões gentis e lambidinhas que diziam “olá”, as mães chita convenceram seus filhotes a sair para o sol. Dois antílopes bateram seus chifres, cumprimentando-se, e, em seguida, viraram-se para o pasto, ansiosos para a primeira refeição do dia. Os corpos marrons, marcados com faixas pretas, brilharam ao sol, que subia cada vez mais.

Nas vastas planícies, uma manada de elefantes começou a marchar em direção ao olho-d’água, balançando suas trombas compridas e deixando pegadas profundas no chão seco com suas patas enormes. Perto do topo de uma colina, uma mãe girafa apareceu. Seu bebê a seguia de perto, girando a cabeça para examinar a paisagem em busca de amigos – e de predadores. Abaixo, em uma planície ainda coberta por uma camada fina de névoa matutina, um rebanho de gazelas saltava e brincava, enquanto as mais jovens pulavam sem medo sobre os arbustos até se assustarem quando um rebanho ainda maior de zebras passou.

Até o menor dos seres acordou. Nos galhos das árvores, formigas saíam de suas tocas e seguiam para o chão, tomando cuidado para se manter fora do caminho das galinhas-d’angola. Passarinhos voavam de galho em galho; o mais ousado de vez em quando descia para pegar uma carona em um elefante.

Todos os animais da savana estavam acordando, e o barulho aumentou

progressivamente até enfim acabar com o sobressalente barrido de um elefante. Por trás da paz, porém, havia um sentimento de excitação que cada animal, do maior ao menor, podia sentir. Por isso, em sincronia quase perfeita e completa harmonia, eles rumaram para a Pedra do Rei. Coração dessa parte da savana, a Pedra do Rei era onde Mufasa, o leão que comandava o reino havia anos, vivia com os seus. Naquele dia, ele apresentaria o seu filho ao reino – uma tradição mantida por gerações. A família de Mufasa era bastante respeitada. Ele era feroz e poderoso, mas também muito bondoso, e tratava bem a todos, das formigas aos antílopes. Em troca, tinha o respeito de todos os animais das Terras do Reino. E agora eles demonstrariam seu respeito saudando o filho dele.

O sol já estava a pino no céu quando os animais chegaram à Pedra do Rei. Um silêncio recaiu sobre eles, que ergueram a cabeça para olhar a pedra imensa se projetando sobre a savana. Ela dominava a paisagem e acolhia os mais próximos em sua sombra. Fazia anos que era o símbolo do reino – um anfiteatro natural, um ponto de encontro. Na estação chuvosa, oferecia abrigo e, na seca, era um refúgio do sol brutal. Mas o mais importante era que ali Mufasa e sua rainha, Sarabi, viviam com sua alcateia. Naquele momento, a Pedra era um palco, e todos estavam ansiosos para o início do show.

Enquanto esperavam dentro da caverna escondida atrás da Pedra do Rei, Mufasa olhou para sua rainha. Ao lado dela, seu filho, Simba, dormia tranquilamente, sem saber o que estava acontecendo. Seu corpo marrom-claro estava relaxado, e suas costelas subiam e desciam uniformemente à medida que respirava. Abaixando a cabeça, Sarabi acariciou o filhote com gentileza; os olhos de Simba se abriram devagar. À reconfortante visão de seus pais, ele soltou um enorme bocejo e se espreguiçou. Mufasa sorriu orgulhoso ao observá-lo. Ele tinha feito muitas coisas grandiosas em sua vida, mas as de que mais se orgulhava eram estas: seu filho, sua rainha e a vida que criara para eles.

Ouvindo passos, Mufasa se virou e seu sorriso cresceu mais ainda. Seu velho amigo e confidente Rafiki havia chegado. Embora o mandril estivesse um pouco grisalho e curvado, seus olhos ainda brilhavam. Ele se apoiava no cajado de madeira mais do que antes, mas seus passos ainda eram leves. Foi Rafiki quem apresentara o reino a Mufasa quando ele era apenas um filhote – da mesma maneira como faria agora com Simba. Aproximando-se, os velhos amigos trocaram um abraço, e então Mufasa se distanciou. Era hora de a cerimônia começar.

Simba observou curioso quando o macaco se aproximou dele. Mirando no cajado de madeira, o filhote tentou acertá-lo, mas errou, e os adultos caíram na risada. Rafiki acenou com a cabeça, contente. Era um bom sinal para todos que Simba fosse curioso e alerta. Elevando o cajado, Rafiki o balançou e fez a poeira vermelha cair na cabeça do filhote, que espirrou.

Satisfeito, Rafiki se abaixou e pegou Simba com cuidado. Segurou-o em um braço e virou-se para sair da caverna, devagar. Atrás, seguiam Mufasa e Sarabi, caminhando juntos. Quando saíram, o sol se escondeu em uma nuvem, como se não quisesse estragar o momento. Abaixo, os animais se inclinaram para a frente em antecipação. Pé ante pé, Rafiki seguiu em direção à beirada da Pedra do Rei, parando a apenas alguns centímetros do precipício. Enquanto a multidão observava lá de baixo, ele ergueu Simba mais e mais alto... até que por fim todos o viram.

No mesmo instante, os animais irromperam em algazarra: elefantes trompetaram, zebras bateram as patas, marabus agitaram as asas e chitas soltaram gritos. O sol atravessou as nuvens, e um feixe de luz caiu diretamente sobre Simba, o futuro rei.

Os animais abaixaram a cabeça, em uma reverência respeitosa.

Simba, ainda pendurado nos braços de Rafiki, olhou para baixo, sem compreender a magnitude do momento. Esse era o costume na Pedra do Rei. Era como sempre foi e como sempre deveria ser. Era o Ciclo da Vida, o caminho da savana. Fosse em tempos de dificuldade, fosse em tempos de fartura, os animais confiavam uns nos outros e na ordem da vida. Agora era a vez de Simba se juntar ao ciclo.

E, embora ainda não soubesse, um dia ele tomaria o lugar de seu pai e completaria o ciclo – quando se tornasse rei.



Todos os animais na savana tinham ido conhecer o futuro rei, menos um. Alguém cuja ausência, apesar de não ter sido percebida pelos outros, foi fortemente sentida por Mufasa. Seu irmão, Scar, tinha perdido o evento.

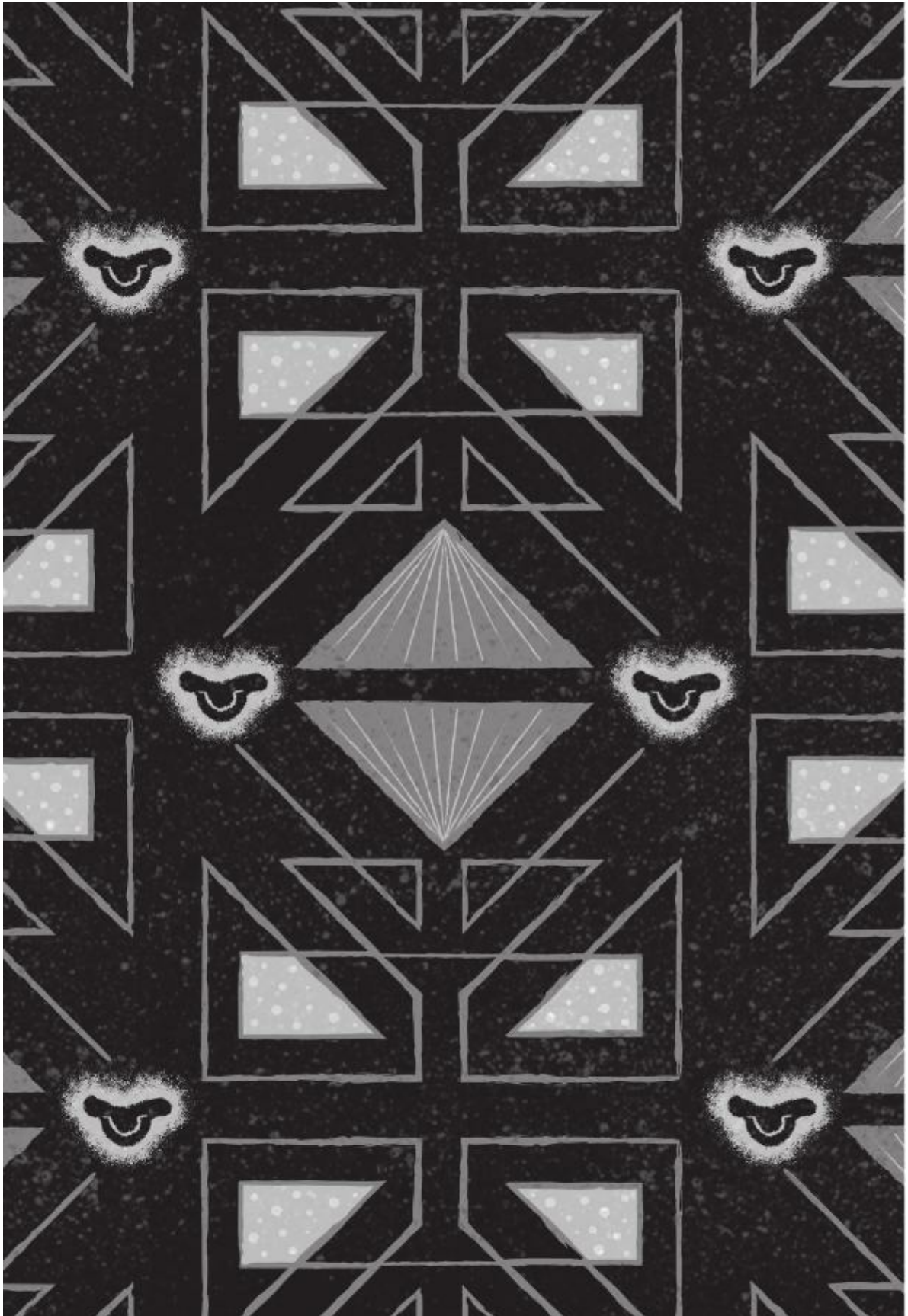
Olhando para o local reservado para ele, Mufasa suspirou. Mais uma vez, seu irmão o decepcionara. Ele esperava que pelo menos dessa vez Scar viesse, provando estar acima de qualquer ciúme mesquinho. No entanto, suas esperanças foram em vão. Scar tinha agido como sempre: com amargura, ressentimento e raiva profunda.

Enquanto Mufasa seguia Rafiki e Sarabi de volta para a caverna, seus olhos percorreram as sombras abaixo da Pedra do Rei, onde Scar vivia. O rancor começou a substituir a decepção. Sim, Scar tinha nascido depois dele, mas isso não era culpa de Mufasa. Só que, de alguma forma, *ele* acabou se tornando o vilão da história de Scar. Mufasa sabia que o leão mais novo o culpava por sua posição inferior. Scar era tolo e amargo; gostava de se esquivar, descontente da agitação dos jovens leões, e de zombar e desrespeitar Mufasa toda vez. Como havia feito nesse dia.

Acenando para seu mordomo, um calau chamado Zazu, Mufasa fez sinal para que ele se aproximasse. Tentando não incomodar Sarabi ou Simba, que estava no meio de um banho, Mufasa sussurrou para Zazu:

– Diga a Scar que não estou feliz com ele – pediu. Sua voz profunda transmitia autoridade mesmo em um sussurro. – Logo desço para ouvir a desculpa dele... desta vez.

Depois de dar as ordens, voltou a atenção para sua família. Queria passar mais alguns minutos curtindo a companhia deles – não como rei, mas como pai. Mais tarde, falaria com Scar – não como irmão, mas como rei.





CAPÍTULO DOIS

Em sua caverna, Scar sentou-se nas sombras. Ele podia ouvir os sons abafados da comemoração do lado de fora. A caverna sacudia enquanto os animais desfilavam ao redor da Pedra do Rei, trompeteando e rugindo de emoção com a apresentação do pequeno e amado Simba. Os olhos de Scar se estreitaram, e ele bateu uma pata com raiva no chão. Seria demais pedir que eles fossem um pouquinho mais silenciosos? Tanto barulho por apenas um filhote. Era nojento, assim como seu irmão. O poderoso rei adorava um belo show.

Tentando afastar o ruído, Scar focou em uma tarefa muito mais urgente: o lanche da tarde. Abaixando-se, ele se moveu para trás nas sombras e esperou. Em instantes, a caverna ficou assustadoramente silenciosa, como se Scar tivesse parado de respirar e de se mover completamente. Na savana, essa habilidade faria dele um poderoso caçador. Mas a cicatriz em seu olho o tornara inútil para o pai, o que fez com que ele nunca fosse levado para as caçadas, nunca aprendesse a ser um predador. Dentro de sua caverna, no entanto, ele era o mais poderoso dos guerreiros. Ninguém julgava sua aparência fraca: suas costelas sempre salientes, não importava quanto comesse; sua juba sarnenta e magra; seus pelos malhados e prematuramente cinzentos; seus olhos desiguais – um brilhante, outro turvo e ferido. Não, ali, em sua caverna, ele era o rei.

E estava prestes a pegar sua comida.

Um rato, embalado pela falsa sensação de segurança da quietude, correu para o coração da caverna. Ele levantou o focinho, seus bigodes tremeram e seus olhinhos se moveram para a frente e para trás. Convencido de estar bem e sozinho, avançou correndo com o focinho pressionado ao chão, procurando por uma migalha. Focado na tarefa, o ratinho não percebeu uma sombra assomar na parede da caverna atrás dele.

Lentamente, Scar ficou de pé. Seus pelos se arrepiaram e seus olhos se estreitaram enquanto observava a presa. Esta era sua parte favorita: o

momento antes de atacar, quando estava bem diante de sua vítima. Mufasa sempre fora o mais forte, mas Scar era o mais inteligente dos dois e adorava um bom jogo de gato e rato. Ele avançou silenciosamente, mal tocando o chão frio e duro da caverna com suas patas. Quando estava quase em cima do rato, ergueu uma pata. Manteve-a no ar por um segundo e então atacou, prendendo a criatura contra a parede.

Um esgar de prazer apareceu no rosto de Scar. Ele podia sentir o rato tentando escapar, desesperado. Mas não havia para onde ir. Levantando mais a pata, aproximou o focinho da criatura assustada.

– A vida não é justa. Não é, amiguinho? – disse. Ele estava tão perto do rato que sua respiração fazia o pelo do animalzinho se mexer. – Enquanto uns nasceram para se banquetear, outros passam a vida no escuro, implorando por migalhas. Da forma como vejo, você e eu somos exatamente iguais.

Ele abaixou a cabeça, ainda muito próximo, rindo em silêncio da ironia de se comparar com um rato. Mas era verdade. Eles eram iguais. Tinham nascido prisioneiros. Mesmo tendo nascido na mais orgulhosa das famílias, Scar era visto como se não fosse mais do que um rato. Suspirando, continuou:

– Nós dois queremos encontrar uma saída...

Levantando o animal pelo rabo, Scar o deixou se contorcer por um momento. Nunca se cansaria do prazer que sentia ao fazer o mais fraco sofrer. E por que deveria? Ele era o mais fraco em sua família. E o que faziam com ele? Deixavam-no de lado, tratavam-no como lixo, enquanto cobriam Mufasa de elogios e atenção. Scar nunca seria rei. Isso era um fato, especialmente agora que o pirralho tinha nascido. Mas isso não significava que não poderia encontrar uma fonte de alegria – mesmo que fosse ferir criaturas pequenas demais para revidar.

Com foco renovado, Scar abriu a boca e começou a baixar o rato. Estava prestes a abocanhá-lo quando ouviu asas batendo. Um momento depois, a inconfundível voz de Zazu ecoou pela caverna.

– O rei se aproxima! – gritou o calau. – Isso não é um teste!

Ao escutar a palavra “rei”, a pegada de Scar afrouxou. Foi só por um momento, mas era tudo de que o rato precisava. Saltando para longe de Scar – e de sua boca ainda aberta –, o rato correu em direção ao pequeno buraco de onde tinha vindo. E, antes mesmo que Scar pudesse soltar um rugido de frustração, seu lanche já tinha desaparecido.

Em seu lugar estava Zazu.

Sentando-se, Scar olhou para o pássaro ansioso. Ele odiava Zazu – quase

tanto quanto desprezava Mufasa. O calau achava que só porque era mordomo de Mufasa podia ir aonde quisesse e dizer qualquer coisa. Era irritante. Assim como seu hábito de estar constantemente nervoso e amedrontado – não era como se alguém pudesse tocá-lo sem ser punido pelo rei.

Sentindo o olhar do leão sobre si, Zazu observou a caverna. Abaixou o bico enquanto assimilava a sujeira dos arredores, a cama fina e opaca no canto e os restos do último lanche. Então olhou para Scar.

– Sua Majestade pediu uma audiência – anunciou. – Quando ele entrar, você se levantará e fará uma reverência.

Scar o ignorou, olhando para o ponto na parede por onde o rato tinha saído.

– Zazu – disse, arrastando o nome do calau e imprimindo na voz um tom repugnante –, você me fez perder meu lanche.

Zazu não pareceu preocupado.

– Você responderá a Mufasa por ter perdido a cerimônia hoje de manhã!

Scar se levantou no mesmo instante. Começou a se mover em direção ao pássaro, com a cabeça erguida e os lábios formando um rosnado. Se Zazu pensava que podia simplesmente voar até lá para mandá-lo se curvar e se fazer de arrependido, era mais estúpido do que Scar imaginava. Foi se aproximando e lambeu os lábios, faminto.

– Scar, não me olhe assim! – Zazu disse, afastando-se.

– Está com fome, Zazu? – Scar perguntou, sem deixar de se aproximar. – Talvez a gente possa *fazer uma boquinha* juntos?

Ouvindo a fome – e a ira – na voz de Scar, Zazu se levantou do chão da caverna. Ele podia esperar Mufasa lá fora, o que seria bem mais confortável do que ficar ali dentro. Mas, antes que pudesse se virar para sair, Scar avançou e obstruiu a entrada da toca. Seu corpo bloqueou a luz do sol e lançou sombras na porta.

Zazu estremeceu.

– Você não pode me comer! – anunciou, tentando impedir sua voz de vacilar. Mas falhou.

Em resposta, Scar mostrou os dentes. Gritando, Zazu se levantou no ar, evitando por pouco ter seu bico quebrado ao meio. Abaixo dele, Scar mordeu de novo e de novo; o som ecoou e ricocheteou pelas paredes da gruta.

– Scar!

Iluminado pelo sol, Mufasa preenchia toda a entrada da caverna. Sua enorme juba tinha a cor do fogo, mas seus olhos encaravam Scar friamente.

– Bem, olhe só quem veio aqui socializar com o povo – Scar por fim disse,

olhando o irmão e Zazu com desdém. Então levantou uma pata e começou a se lamber.

– Venha aqui! – Mufasa ordenou.

Ele sabia exatamente o que Scar estava fazendo. Estava tentando agir como se não se importasse. Mas Mufasa compreendia. Ele sabia que Scar não tinha ido por um motivo, um motivo apenas: inveja. Deu um passo para trás e esperou o outro leão.

Lentamente, Scar se esgueirou para fora no sol. Ele apertou os olhos, desacostumado com a luz brilhante. Começou a andar em volta de Mufasa, verificando se o rei não tinha trazido mais ninguém com ele. Mufasa estava sozinho.

– Sarabi e eu não o vimos na apresentação de Simba – Mufasa finalmente disse.

Ele levantou a cabeça em direção à Pedra do Rei, bem acima deles. Seu corpo estava relaxado, mas seu tom deixou o desgosto evidente. Enquanto esperava pela resposta, nem fez questão de olhar para Scar.

Parando diante de uma grande rocha, Scar sacou uma garra longa e afiada, e começou a afiá-la na superfície áspera. Ouvindo o barulho doloroso, Zazu fez uma careta, mas Mufasa não vacilou.

– Era hoje? Onde estou com a cabeça? Minha memória é tão escorregadia – Scar deu de ombros. – Claro, não quis ser desrespeitoso com Vossa Majestade. Ou com Sarabi. Como sabe, tenho um tremendo respeito pela rainha... – Sua voz sumiu, em uma omissão descarada.

Zazu girava a cabeça, observando os dois irmãos. Nunca era agradável estar na mesma área que eles, mas naquele momento era absolutamente assustador. Ele sentia o ódio fervendo dentro de Mufasa e o cheiro da indiferença de Scar. Limpando a garganta, o calau deu um passo à frente.

– Como irmão do rei, você deveria ser o primeiro da fila – apontou, verbalizando o que Mufasa estava obviamente pensando.

Scar levantou uma sobrancelha. O movimento repuxou sua cicatriz e fez com que o leão parecesse mais cruel do que o normal. Será que Zazu estava brincando? Será que não percebia a ironia do que estava dizendo?

– Eu *era* o primeiro da fila – lembrou. – Ou você esqueceu? Quer dizer, até a chegada do precioso príncipe.

Cansado da conversa, Scar se virou para ir embora. Ele tinha coisas mais importantes para fazer do que ficar ali levando sermão de um pássaro e de seu irmão estúpido. Precisava encontrar seu lanche fugitivo.

– Não dê as costas para mim, Scar!

Ao som da voz de Mufasa, Scar retrocedeu. Ele já tinha aguentado o suficiente.

– Oh, não, Mufasa – rosnou. – Talvez você não devesse dar as costas para mim.

– Isso é uma ameaça? – Mufasa rugiu. Levantando a cabeça, ele estufou o peito e enfrentou Scar. Por um longo e tenso momento, os dois leões permaneceram assim, encarando-se, até que finalmente Scar abaixou a cabeça e começou a se afastar.

Ele podia ser pequeno, mas não era tonto. Não adiantava lutar.

– Eu não sonharia em desafiar você. – Parando, completou: – De novo.

A raiva de Mufasa aumentou e um rosnado surgiu do fundo de sua garganta. Mas, antes que pudesse atacar, Zazu voou e se colocou entre eles.

– Uma sábia decisão! Você não é páreo para Sua Majestade!

Scar encolheu os ombros.

– Bem, no que diz respeito ao cérebro, eu tenho a parte do leão. Mas, quando se trata de força bruta, receio que meu irmão mais velho vá sempre me dominar.

– Não sempre – Mufasa disse, corrigindo-o. – Um dia será meu filho. Simba será seu rei.

– Então vida longa ao rei – Scar disse, virando-se para se esgueirar de volta em sua caverna, desaparecendo na escuridão.



Observando-o partir, Mufasa soltou um suspiro. Não era assim que pretendia que a conversa terminasse. De fato, ele estava bravo por Scar não ter ido à cerimônia, mas uma parte sua – embora pequena – esperava que talvez houvesse alguma boa razão. Que talvez diante de uma nova geração eles pudessem deixar o passado para trás. Mas claramente isso não ia acontecer.

– O que vou fazer com ele? – Mufasa disse, enquanto ele e Zazu tomavam o caminho de volta para o topo da Pedra do Rei.

– Bem, aqui vai uma ideia – Zazu disse, sem hesitar ao oferecer a solução ideal. – Por que não arrastá-lo por aí com seus dentes e garras enormes?

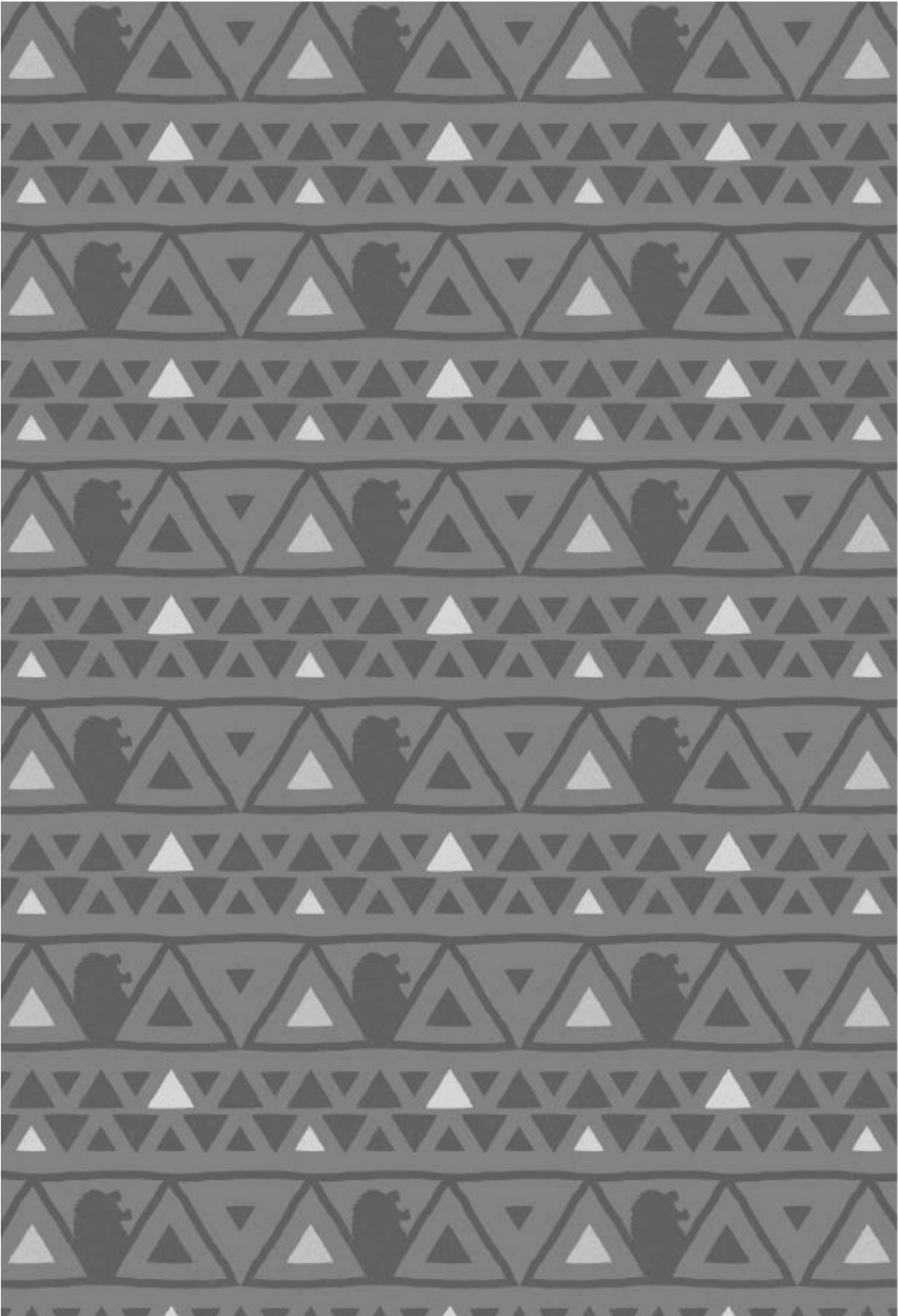
Mufasa tentou não rir. Não era segredo que o calau detestava Scar. Ele não sabia se era pela lealdade de Zazu ao seu rei ou pelo grande desleixo de Scar.

Zazu desprezava desordem.

– O que foi? Nós dois sabemos que ele devia ter sido expulso das Terras do Reino há muito tempo – Zazu disse.

O sorriso de Mufasa murchou.

– Ele é meu irmão, Zazu – disse, balançando a cabeça. – Este é o lar dele. Enquanto eu for o rei, isso nunca vai mudar – *Não importa quão difíceis Scar torne as coisas para mim*, completou silenciosamente.





CAPÍTULO TRÊS

O tempo passou como sempre na savana: o Ciclo da Vida continuou a girar enquanto a estação seca dava lugar às chuvas. Os leitões dos olhos-d'água evaporaram e então se encheram. Os rebanhos diminuíram e então cresceram. O calor do sol queimou o chão e então a chuva o inundou. Em meio a tudo isso, os leões da Pedra do Rei observavam seu príncipezinho ficar cada vez mais corajoso.

Os longos dias de sonecas entre as patas da mãe estavam acabados para Simba. Seu pelo escureceu com as brincadeiras ao sol, e sua barriga perdeu a gordurinha com as atividades constantes. Seus olhos, brilhantes e curiosos, estavam sempre frenéticos, e ele raramente parava de falar. Só quando o sono vinha ele finalmente aquietava, mas, mesmo sonhando, suas patas se moviam, como se estivesse perseguindo antílopes pela savana.

Acordando de um sonho particularmente bom, em que ajudava seu pai a salvar uma família de antílopes de uma enchente, Simba esticou as patas e arqueou as costas. Então, levantando a cabeça, soltou um bocejo. Ali perto, outro filhote se mexeu durante o sono e então se acalmou, aninhando-se de novo em sua mãe. Simba esperou mais um segundo, aguardando o colega acordar, mas, depois de outro bocejo – intencionalmente mais alto dessa vez –, percebeu que teria de encontrar outro companheiro. Então seus olhos se arregalaram. Ele não precisava de alguém para brincar. Tinha esquecido completamente que dia era! Passaria o dia todo com seu pai, como no sonho!

Levantando-se, começou a saltar sobre as leoas e seus filhotes dorminhocos até alcançar a entrada da toca, onde sua mãe e seu pai dormiam. Agarrando o rabo de Mufasa, Simba se ergueu e rastejou pelo corpanzil do leão adormecido. Mesmo que tivesse crescido substancialmente desde a cerimônia de apresentação, comparado ao pai, ele ainda parecia pequenino. Alcançando a cabeça de Mufasa, desabou sobre ele e bateu na enorme orelha do leão.

– Pai, está acordado? Papai...

Em resposta, Mufasa soltou um ronco sonoro.

Então você acha que esse ronco me engana?, Simba pensou. Seus olhos se estreitaram, travessos. *Bem, vamos ver.* Inclinando-se mais, de modo a deixar sua boca diretamente na orelha de Mufasa, gritou:

– Papai! Acorda, pai! Papai! Paiêêêêê!

Sarabi abriu os olhos e observou o filho. Vendo que o filhote não estava sangrando nem precisando de nada, fechou-os novamente.

– Seu filho acordou – falou para Mufasa, com a voz rouca de sono.

Ao lado dela, Mufasa balançou a cabeça, dando um empurrão em Simba.

– Antes do nascer do sol ele é seu filho! – respondeu, não se dando ao trabalho nem de abrir os olhos. Não era a primeira vez que acordava com os berros, ou dentes, de seu precioso filho.

– Vamos, pai... – Simba choramingou. – Você disse que eu poderia ir com você hoje! E hoje já começou. Você prometeu!

Descendo pela juba de Mufasa, Simba se jogou na ponta dela e ficou pendurado, agarrado nos pelos grossos com suas garrinhas.

– Está acordado? – perguntou, dessa vez sem choramingar. Estava sorrindo. Porque podia ver que, mesmo que seu pai não tivesse gostado, estava bem e desperto.

Lentamente, o rei se levantou. Então ele também soltou um bocejo. Mas, ao contrário do de Simba, seu bocejo chacoalhou as paredes da toca e acordou mais de uma dúzia de leões dorminhocos com um susto.

– Vamos – disse, afastando o sono e fazendo um carinho em Sarabi.

Juntos, Simba e ele saíram da toca para a luz da manhã. Atrás deles, Sarabi os observava com um sorriso nos lábios. Ela sabia que a hesitação de Mufasa era só atuação. Não havia nada que ele amasse mais do que passar tempo com Simba. E se isso proporcionava a ela alguns momentos de paz e silêncio, melhor ainda.

– O que vamos fazer primeiro? – Simba perguntou, olhando a savana que se estendia à frente. – Dar ordens para a caçada? Afugentar intrusos malvados?

Em vez de responder, Mufasa começou a caminhar. Ele não desceu as pedras rumo ao chão, mas começou a subir para o topo da Pedra do Rei. Simba correu para alcançá-lo, saltando e caindo enquanto lutava com as rochas íngremes.

– Pai! Você está indo pelo lado errado! – gritou.

Mufasa não falou nada. Lenta e constantemente, continuava subindo.

Alguns instantes depois, Simba chegou, ofegante e muito confuso. Olhando ao redor, viu o pai sentado com as costas viradas para a pedra, observando o horizonte. O sol subia cada vez mais. Simba foi até ele e se sentou ao seu lado. Esperou um momento – que lhe pareceram horas – até finalmente não aguentar mais.

– O que estamos fazendo? Não tem nada aqui!

Mufasa balançou a cabeça.

– Olhe, Simba – disse, com uma voz profunda e séria. – Tudo isso que o sol toca é o nosso reino.

Seguindo o olhar do pai, Simba observou o horizonte e a terra que se espalhava, infinita. Seus olhos se arregalaram.

– Uau – disse baixinho. – Você é o rei de tudo isso?

– Sim – Mufasa disse, acenando com a cabeça. – Mas o tempo de um reinado nasce e se põe como o sol. Um dia, Simba, o sol vai se pôr com o meu tempo aqui e vai nascer com você sendo o novo rei.

Simba assentiu, ouvindo as palavras do pai, mesmo sem compreendê-las muito bem. Havia algo tão sério em seu tom, algo tão triste, que ele sentiu um arrepio inesperado. Eles nunca tinham conversado assim antes. E, ainda que não pudesse explicar, também o entristecia ouvir Mufasa falar sobre seu tempo acabar. Então, tão rápido quanto veio, a tristeza desapareceu, substituída por uma compreensão repentina.

– Espera – Simba falou, animado. – Você está dizendo que tudo isso vai ser meu?

– Isso não é de ninguém – Mufasa corrigiu, balançando a enorme cabeça. – Mas você deverá protegê-lo. É uma grande responsabilidade.

Ele desviou o olhar do horizonte e olhou para Simba. O jovem filhote não sabia nada sobre responsabilidade, mas em breve entenderia. Leões cresciam rápido nas Terras do Reino, e ele precisava que seu filho entendesse o que estava em jogo.

Por um momento, Simba só ficou observando a savana, com a boca aberta em admiração. Então finalmente disse:

– Sério? Tem certeza? Tudo o que a luz toca? Aquelas árvores e o olho-d'água e aquela montanha e... – Fez uma pausa, procurando mais no horizonte. – Aquelas sombras lá longe?

Mufasa seguiu o olhar do filho até o ponto mais longínquo no horizonte, onde o sol mal tocava a terra, que parecia em sombras permanentes. Ele sacudiu a cabeça.

– Por ora, você não deve ir lá, Simba – alertou.
– Mas pensei que o rei pudesse fazer o que quisesse – Simba argumentou, confuso. – Conquistar qualquer território.

Mufasa suspirou.

– Enquanto outros procuram o que conquistar, um verdadeiro rei procura o que oferecer.

Virando-se, Mufasa começou a descer a Pedra do Rei. Simba ficou parado, observando o pai facilmente saltar sobre as rochas afiadas. *Um dia serei como ele*, pensou. *Daí vou poder ir aonde eu quiser e nada vai me assustar. Nem as terras sombrias.*

Acenando a cabeça com determinação, Simba seguiu Mufasa. Por um tempo, pai e filho caminharam em silêncio, cada um perdido em seus pensamentos. Enquanto percorriam as Terras do Reino, Mufasa apontava os lugares escondidos e quase secretos: cavernas esculpidas em pedra antiga, lar de búfalos de chifres longos, o bosque que fornecia comida para uma manada de elefantes. Simba assimilou tudo de olhos arregalados. Observando dois búfalos lutarem, enquanto o som de seus chifres ricocheteava pelas paredes da caverna, ele se aproximou de seu pai. Ele seria corajoso e nada o assustaria – um dia. Por enquanto, Simba ainda gostava de ter o pai ao seu lado.

Conforme seguiam para uma área mais aberta da planície, Simba viu um rebanho de antílopes pulando e saltando na direção deles. Seu coração começou a bater mais rápido e ele olhou para o pai, ansiando por uma perseguição divertida. Mas Mufasa sacudiu a cabeça e retomou:

– Tudo o que você vê coexiste em um equilíbrio delicado. Como rei, você precisa entender esse equilíbrio e respeitar todas as criaturas, desde uma formiguinha que se rasteja até um antílope saltitante.

Simba inclinou a cabeça.

– Mas, pai, a gente não come antílopes?

– Sim, Simba – Mufasa respondeu. Simba começou a assentir orgulhosamente, mas parou quando viu que seu pai ainda não tinha terminado. – Deixe-me explicar. Quando morremos, nossos corpos se tornam grama, e o antílope come grama. Nós estamos todos conectados ao grande Ciclo da Vida.

– Alteza!

Ao ouvir a voz inconfundível de Zazu, pai e filho se viraram e olharam para a Pedra do Rei. Zazu veio voando até eles, seu bico colorido parecendo mais brilhante que o sol.

– Bom dia, Zazu – Mufasa disse quando o calau pousou na frente deles. – Você está trazendo o relatório matinal?

Zazu deu um aceno breve.

– Sim, Alteza! – Estufando o peito, Zazu começou: – Dez flamingos estão tomando posição. Duas girafas foram pegas pescoçando...

Zazu seguia com o relatório, dando as costas para Mufasa. Olhando Simba nos olhos, Mufasa se abaixou e fez um sinal para que o filhote fizesse o mesmo.

– Pronto para a diversão? – sussurrou, indicando Zazu com os olhos. – Fique abaixado perto do chão.

Com a barriga tocando a grama, Simba assentiu, animado. Ele mirou no alvo.

– Deixa comigo – concordou baixinho.

– Verifique o vento – Mufasa continuou, querendo ajudar o filho.

Mas o filhote era um caçador nato. Mesmo quando Mufasa oferecia um conselho, Simba estava sempre um passo à frente. Ele levantou o focinho e conferiu sua sombra para se certificar de que ela não o entregaria, sem mover um músculo enquanto se preparava para atacar.

Zazu, completamente alheio ao seu papel na caçada, divagava:

– Há um zunzum entre as abelhas de que os leopardos estão com a reputação manchada. Os carrapatos estão pentelhando de novo no meio da noite, eles não conseguem parar.

Enquanto Zazu continuava, Simba se aproximou um pouco. Sua cauda balançou levemente e seu focinho se contraiu. O vento estava do seu lado. Ainda assim, ele esperou, deixando Zazu terminar:

– A chita roubou o jantar do babuíno, e agora os babuínos estão furiosos. Mas o crime não compensa! – O pássaro foi interrompido ao ser atacado por trás.

Rolando, ele olhou para cima e se viu cara a cara com Simba.

Mufasa soltou uma sonora gargalhada enquanto Simba orgulhosamente erguia sua “caça”. Resmungando, Zazu saiu voando pelo ar, sacudindo as penas. Ele parecia terrivelmente irritado – e estava prestes a dizer que era o mordomo do rei, não o brinquedinho do príncipe, quando viu algo à distância. Apertou os olhos para ter certeza do que estava vendo antes de soar o alarme. Mas não havia dúvida.

– Alteza! Hienas nas Terras do Reino! Elas estão caçando! – gritou.

No mesmo instante, Mufasa ficou alerta. A gargalhada morreu e sua

expressão ficou feroz. Notando a transformação, Simba deu um passo para trás, nervoso.

– Você consegue ver Sarabi? – Mufasa perguntou a Zazu.

O calau assentiu e disse:

– Ela e as outras leoas estão no encalço das hienas.

Satisfeito com a resposta, Mufasa começou a correr. Sarabi e as outras manteriam as hienas longe por tempo suficiente para que ele chegasse lá. Então ele as lembraria – de um modo não tão gentil – que elas não deveriam pisar nas Terras do Reino. Era o combinado. Ele correu alguns metros e parou de repente. Virando-se, gritou para Zazu:

– Leve Simba para casa! – ordenou.

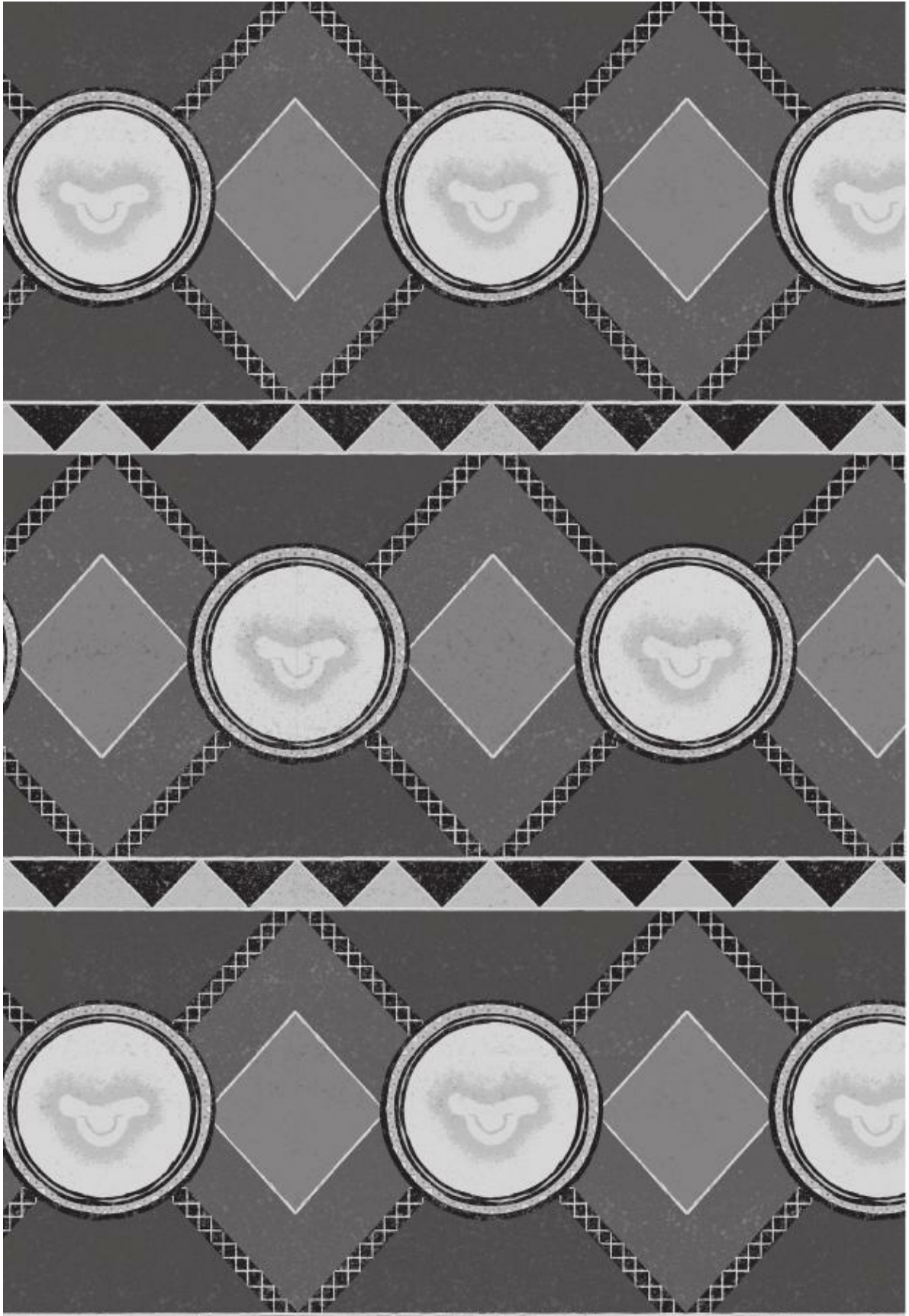
– Pai! Me deixe ir! Posso ajudar! – Simba protestou.

Mufasa balançou a cabeça e falou:

– Não, filho. Fique com os outros filhotes, onde é seguro.

Dando a palavra final, virou-se e começou a correr pela savana. Em instantes, ele era apenas uma mancha à distância.

Observando-o partir, Simba bateu a pata no chão. Seu pai estava errado. Ele *não* era um filhote. Ele era quase um leão adulto e deveria estar ajudando o pai a salvar as Terras do Reino. Era o seu dever. Mas não. Tinha de voltar para a Pedra do Rei e ficar lá com os bebês – e Zazu. Não era justo.





CAPÍTULO QUATRO

Simba estava sentado meio longe, observando vários filhotes rindo e perseguindo uns aos outros na área em frente à toca. Fez uma careta ao ver um filhote provocar outro e, em seguida, morder a orelha dele de brincadeira. Uma parte sua queria participar da diversão, mas outra parte ainda estava furiosa por ter sido deixado para trás. *Se eu mostrar ao papai que estou me tornando um bom caçador, pensou, talvez ele me leve da próxima vez.*

Com um aceno determinado, Simba examinou a área. Ele precisava de algo para caçar. Viu Zazu empoleirado em uma das pedras mais altas. Era possível... mas não incrível. Ele queria um desafio diferente e, como já tinha atacado Zazu de manhã, continuou procurando. Os outros filhotes também eram uma possibilidade... mas teria de explicar o que estava fazendo, e eles provavelmente iam querer se juntar. Finalmente, seus olhos pousaram em um besouro se movendo pelas pedras. Suas costas negras reluziam ao sol e ele se movia no ritmo certo.

Saindo do lugar, ele se abaixou, como seu pai tinha lhe ensinado. Então começou a se aproximar. Estava tão focado em seguir o besouro que nem percebeu que estava descendo pelas pedras, para longe da toca e em direção à base da Pedra do Rei. Tinha decidido fazer seu ataque quando uma voz vinda de trás o assustou.

– Se quer matar algo, é melhor ficar contra o vento.

Virando-se, Simba viu seu tio se esgueirar lentamente para fora da escuridão da sua toca. Scar parou na entrada, com metade do corpo ainda nas sombras.

– Eu sei caçar, tio Scar – Simba replicou.

Para provar, ele girou e atacou – errando completamente o alvo e batendo a cabeça em uma pedra.

Atrás dele, Scar ergueu uma sobrancelha.

– Espero nunca sermos atacados por um besouro – disse, com a voz escorrendo sarcasmo. Então acenou para a Pedra do Rei. – Volte para a sua

toca, Simba. Não sou babá. – Abanando o rabo, dirigiu-se para sua caverna.

Observando-o partir, Simba inclinou a cabeça.

– Babá? – repetiu, seguindo seu tio para dentro. Ele não precisava de babá.

– Eu vou ser o rei da Pedra do Rei. Meu pai me mostrou o reino todo, disse que vou governar tudo.

– Ah, é? – Scar disse, soando desinteressado.

Simba fez que sim. Chegando mais perto do tio, examinou a caverna. Ele nunca tinha estado lá antes. Franziu o focinho. Estava suja e cheirava a... algo estranho. Era fria também. Ali embaixo o calor do sol não chegava como na toca de Simba. Estremeceu, de repente se arrependendo por ter se afastado tanto. Mas então se lembrou daquela manhã. Ele não era mais um filhotinho. Não precisava ir para casa correndo.

– Pense nisso – disse Simba, focando a atenção no tio. – Quando eu for rei, vou ter que te dar ordens, dizer o que é pra você fazer, aonde ir. Isso não é esquisito?

– Você não faz ideia – Scar respondeu. Chegou mais perto e olhou para Simba. – Então... seu pai te mostrou o reino todo? – Simba fez que sim. – Ele te mostrou as sombras além das fronteiras do norte?

Simba parou de assentir e olhou para seu tio, surpreso. Como Scar sabia que ele tinha perguntado ao pai sobre aquele lugar? Simba franziu a testa. Será que Zazu tinha contado? Será que contou para todo mundo que seu pai não confiava nele? Sua carranca se aprofundou.

– Ele disse que não é pra ir lá. Nunca.

Para sua surpresa, Scar concordou.

– E ele está absolutamente certo! Um cemitério de elefantes não é lugar para um jovem príncipe. – Scar parou abruptamente, parecendo culpado. – Ops.

– Cemitério de elefantes? – Simba repetiu, arregalando os olhos. – Uau!

Então era por isso que Mufasa o queria longe de lá. Aquele era provavelmente o lugar mais legal de todos, repleto de ossos enormes e todo tipo de coisa que ele nunca tinha visto. Depois inclinou a cabeça. Como um lugar como aquele poderia ser assim tão perigoso? E quem gostaria de ficar perto de um monte de ossos? Ainda assim... seria incrível ver isso.

– Oh, querido – Scar disse, lendo a excitação no rosto do sobrinho. – Eu falei demais. Bem, suponho que você descobriria mais cedo ou mais tarde. Sendo rei e tal.

Simba olhou para seu tio com admiração.

– Você já esteve lá? – perguntou.

Scar fez que sim, e os olhos de Simba se arregalaram mais. Seu pai sempre lhe dissera para deixar Scar em paz. Mas, agora que estava ali, falando com ele, Scar não parecia tão mau. Na verdade, ele era o único que entendia que Simba seria rei um dia e talvez merecesse saber algumas coisas. Mas tão logo Simba começou a sentir que ele e Scar poderiam ser amigos, seu tio sacudiu a cabeça.

– Todos já estivemos lá. Não é lugar para um filhote.

À palavra *filhote*, Simba fez uma careta. Mas as próximas palavras de Scar o distraíram novamente.

– Todos aqueles ossos podres e poças ardentes de lama...

– Ossos podres... poças ardentes? – Simba sentiu como se fosse cair para trás. Ele queria ir lá. Naquele instante.

Scar levantou uma pata.

– Prometa que vai ficar longe de lá, Simba – disse solenemente. – Agora vá.

Scar lhe deu um leve empurrão. Simba tentou se virar, mas seu tio não cedeu. Abaixando a cabeça, Simba suspirou e tomou o caminho de volta para a Pedra do Rei. Quando já estava na trilha, ouviu Scar chamando seu nome. Virou-se esperançoso e viu o tio parado no mesmo lugar.

– Lembre-se! – Scar gritou. – É o nosso segredinho, Majestade. – Com um aceno, o leão mais velho se virou e se esgueirou de volta para sua caverna.

Nosso segredinho, Simba repetiu para si mesmo. Ele poderia guardar esse segredo. Não contaria a ninguém que tinha estado com Scar ou que tinha descoberto o que aquelas sombras lá no horizonte abrigavam. Bem, não contaria a *quase* ninguém. Porque havia alguém a quem definitivamente tinha que contar – quando a convencesse a ir com ele para ver o cemitério!



Nala estava deitada de barriga para baixo, louca para se mexer. Sua mãe, Serafina, estava lhe dando banho – e Nala *odiava* banhos. Ela queria estar lá fora brincando com os outros filhotes, queria encontrar seu melhor amigo, Simba. Talvez ir até o olho-d’água? Brincar de pegar o próprio rabo? Praticar ataques? Em vez disso, estava ali com sua mãe, sendo forçada a ficar parada enquanto cada centímetro de seu pelo dourado era lambido. Sua mãe gostava de dar atenção especial às marcas brancas que tornavam o pelo de Nala

incomum – e lindo.

Nala tinha que admitir, no entanto, que era até gostoso. Isso fazia parte de sua rotina e, mesmo que ela de vez em quando sonhasse em não ter que fazer tudo o que sua mãe mandava, ser filhote era, na maior parte das vezes, bem legal. Significava que podia brincar quando quisesse, comer quando estava com fome e sempre dormir aninhada à mãe dentro da toca segura. Fazer parte da alcateia de Mufasa era especial, e Nala sabia disso. Aprendera isso assim que nasceu. Alguns dias mais nova do que Simba, ela e o futuro rei cresceram juntos, e, quando ele aprendia alguma lição, ela aprendia junto. Quando ele aprendia sobre o reino, ela também aprendia. Era quase como se sua mãe estivesse a criando para ser parte da realeza. Esse pensamento fazia Nala rir. Ela? Realeza? Até parece.

Ouvindo passos na entrada da toca, Nala levantou a cabeça. Um sorriso se espalhou pelo rosto quando ela viu os olhos curiosos de Simba procurando-a pela toca. Tentou fazer um sinal, mas Serafina puxou sua pata e lambeu mais. Por sorte, Simba a viu mesmo assim.

– Nala! – Simba gritou, correndo. – Venha! Temos que ir!

– Para onde? – Nala perguntou, tentando se mover sem obter sucesso.

Simba parecia que ia pular para fora do corpo de tão animado. Nala sorriu enquanto ele dançava à sua frente, incapaz de fazer seu rabo parar de balançar. Seus olhos castanhos estavam arregalados e suas orelhas se mexiam para a frente e para trás. Ele se virou e apontou para fora da toca.

– Para o olho-d’água! – disse, como se fosse a resposta óbvia.

Antes que Nala pudesse responder, Serafina balançou a cabeça.

– Nala está tomando banho. – Para provar, ela retomou as lambidas.

– E está na hora do seu banho.

Olhando para cima, Nala viu a mãe de Simba, Sarabi, entrando na toca. Sua pele estava suja, mas isso não a impedia de parecer soberana. Era maior do que Serafina, com uma cabeça enorme e grandes olhos sábios. Nala sempre a admirara. Como rainha, era dever de Sarabi prover para as leoas e os filhotes. Mufasa ajudava, mas Sarabi carregava a maior parte do peso em seus ombros fortes. Nala sabia que sua mãe era a melhor amiga de Sarabi, o braço direito dela quando se tratava de caçar. A pequena esperava ser tão corajosa quanto elas um dia.

Enquanto Simba protestava, Sarabi o ergueu pelo pescoço e sentou-se em um canto próximo. Ela começou a lambê-lo, sua língua áspera livrando a pele de Simba da sujeira da aventura lá fora. Por fim, ele se libertou.

– Veja, estou limpinho – disse ele, girando na frente de Sarabi. – Podemos ir?

Sarabi levantou o focinho e farejou o ar.

– Não há hienas – Simba disse, percebendo o que ela estava fazendo. – Você acabou de afugentar todas elas!

Nala observou se Sarabi ia bater em Simba, mas, em vez disso, a leoa tentou esconder um sorriso. Simba era *mesmo* difícil.

– Só até o olho-d’água, e nada mais – ela finalmente disse, concordando.

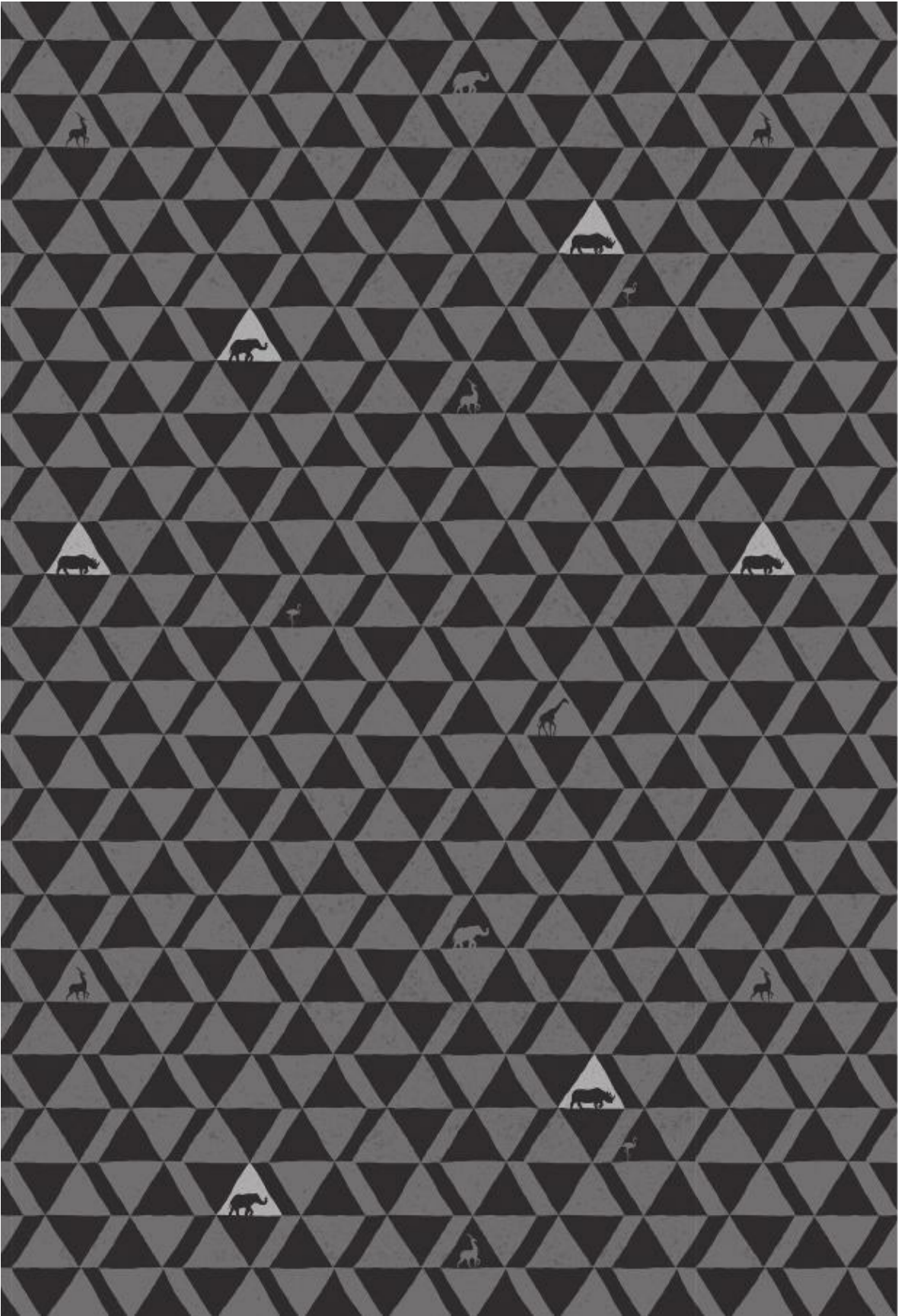
– Vá pela grama alta – Serafina recomendou, soltando Nala. Pulando em suas patas, ela correu para se juntar a Simba. Levantou as sobrancelhas em excitação e, juntos, os filhotes se viraram para ir.

Mas Sarabi ainda não tinha terminado:

– Fiquem contra o vento. E mais uma coisinha: Zazu vai com vocês.

Ao mesmo tempo, Nala e Simba soltaram lamentos de desânimo. Levar o pássaro com eles tiraria toda a diversão de qualquer aventura que Simba tinha em mente. Porque, se Nala conhecia alguém, era Simba. E ela sabia que ele estava tramando algo. Ele contaria a ela, mas, com Zazu junto, ela provavelmente teria de esperar...







CAPÍTULO CINCO

– Então, aonde estamos indo de *verdade*?

Seguindo a recomendação, Simba e Nala iam pela grama alta da savana. O sol aquecia suas costas, e o chão sob seus pés ainda estava macio por causa da estação chuvosa. Ele logo iria cozinhar sob o sol implacável, que o deixaria duro e doloroso de pisar. Mas agora estava agradável. E, apesar dos resmungos desafinados de Zazu voando acima deles, a caminhada era quase tranquila.

Simba olhou para Nala, surpreso com a pergunta. Ela estava sempre fazendo isto: adivinhando quando ele tinha algo na manga.

– Como você sabe? – sussurrou, sem querer chamar a atenção de Zazu.

Nala ergueu uma sobrancelha.

– Você odeia água – ela disse.

Simba assentiu. Ela tinha razão. Ele odiava água mesmo e normalmente tinha de ser arrastado entre chutes e gritos para o olho-d’água.

– Ouvi sobre um lugar, Nala. É a coisa mais incrível, maravilhosa...

– Só me conta o que é! – Nala disse, cortando-o.

Simba sorriu. Era uma das coisas que faziam de Nala sua melhor amiga: ela estava sempre pronta para qualquer aventura.

– Um cemitério de elefantes.

– É longe? – ela perguntou.

– Não muito – Simba disse, percebendo que não tinha certeza absoluta sobre a distância das terras sombrias. – Mas não se preocupe, todo mundo já foi lá.

Pela primeira vez, Nala pareceu levemente nervosa.

– E se a gente se perder?

Simba seguiu em frente, afastando a grama de seu caminho. Ela ficava mais esparsa perto do olho-d’água. Ele não queria admitir em voz alta, mas tinha se perguntado a mesma coisa. Perder-se parecia assustador... Ainda assim, ele não podia soar fraco ou medroso na frente de Nala. Afinal de contas, ele era o futuro *rei*. E Scar tinha dito que *todo mundo* já havia estado

lá. Provavelmente haveria alguma trilha ou algo assim.

– Relaxa, Nala. Eu visitei todo o reino hoje de manhã com meu pai. Não há nada com o que se preocupar.

– Bem, tem *uma* coisa. – Nala levantou a cabeça na direção de Zazu.

O pássaro estava voando em círculos, examinando ansiosamente a área à frente, atrás e nas laterais – de novo e de novo.

– Temos uma ameaça iminente! – berrou de supetão.

Os dois filhotes pararam.

– Alguma coisa está se aproximando. Esperem. – Os olhos de Zazu se estreitaram e seu bico se abriu para concluir: – É minha própria sombra. – Aliviado por estarem seguros e nem um pouco envergonhado pela reação exagerada, Zazu continuou a monitorar a área: – Quando chegarmos ao olho-d’água, quero que vocês fiquem no raso.

Ignorando o aviso, os dois continuaram a caminhar.

– Como vamos nos livrar desse pateta? – Nala sussurrou um momento depois, inclinando-se.

Simba sorriu e disse, estufando o peito:

– Confie em mim. Sei o que fazer. Só me siga rumo à liberdade...

Suas palavras foram cortadas quando, ao se virar de volta, viu-se cara a cara com Zazu. O pássaro tinha pousado bem na frente deles sem que percebessem. Simba apertou os olhos. Talvez *houvesse* um motivo para seus pais manterem o pássaro por perto...

– Quão adorável é ver o futuro rei com sua futura rainha – Zazu disse, olhando de Simba para Nala. – Faz perder as penas.

Simba inclinou a cabeça e perguntou:

– O que você quer dizer com “futura rainha”?

– Bem, um dia vocês dois estarão entrelaçados. – As palavras de Zazu encontraram olhares vazios. – Prometidos. Compromissados! – adicionou.

– Simba, você fala passarês? – Nala perguntou, sem entender o que o calau estava tentando dizer. Simba balançou a cabeça.

– Casados! – Zazu traduziu, frustrado. – Um dia vocês serão casados. Um com o outro.

Por um longo momento, Simba só ficou encarando Zazu. Em seguida, olhou para Nala. Então de volta para Zazu. Será que ele estava brincando? Casado? Com Nala? Esse pensamento pareceu muito estranho para ele.

– Não vai acontecer, Zazu – disse, sacudindo o corpo todo, como se isso pudesse afastar a ideia. – Nala e eu somos amigos. Além disso, ela tem medo

de rinocerontes!

– E ele *nunca* comeu uma impala! – Nala observou, claramente também não gostando da ideia.

Simba lançou um olhar para ela. Isso não era totalmente verdade. Ele tinha experimentado uma impala uma vez. Só não tinha gostado. Era muito fedida. De novo, balançou a cabeça. Eles nunca se casariam, fim da história. Não importava o que o outro gostava de comer ou fazer. Eles eram amigos. Sempre seriam amigos.

Zazu não pareceu impressionado e falou:

– Um monarca que ignora a tradição? Com uma atitude assim, acho que você será um rei bastante patético!

– Bem, não vou deixar ninguém me dizer aonde ir, o que fazer, com quem me casar – Simba disse, deixando Zazu para trás e seguindo em direção ao olho-d'água. – Nunca haverá um rei como eu!

– Simba! Você não pode fugir de seu destino! – Zazu gritou.

– Apenas observe! – Simba gritou de volta. Não era só de seu destino que iria fugir; escaparia desse calau intrometido também.

Abrindo caminho através da grama próxima ao olho-d'água, Simba ficou feliz ao surpreender um bando de flamingos. Ele riu quando levantaram voo, com as asas cor-de-rosa pingando água. Zazu podia falar coisas bobas e supor que ele seria um rei patético, mas Simba tinha planos maiores. Ele seria um rei poderoso. Não, não apenas poderoso – o *mais* poderoso de todos. Conforme Nala e ele começavam a correr pelo olho-d'água, ziguezagueando pelas patas de elefantes, hipopótamos e zebras, Simba ouviu os frenéticos lembretes de Zazu para que ficassem à vista e os ignorou. Ele tinha falado sério. Ninguém ia lhe dizer o que fazer. Ele rugiria tão alto quanto quisesse. Correria e iria a qualquer lugar que desejasse. Ele seria livre! E, como rei, se quisesse mudar as regras, ele mudaria.

Fazendo um sinal para Nala, Simba pulou em uma poça, cobrindo-se na grossa gosma marrom. Nala fez o mesmo. Cobertos de lama, eles foram se esgueirando, misturando-se entre os elefantes, também cobertos de lama para se refrescar. Olhando para cima, Simba viu que Zazu ainda estava falando com ele, embora não pudesse vê-lo. Com um bater de asas, ele se virou, ficando de costas para Simba e Nala.

Vendo a oportunidade, Simba correu para longe dos elefantes, ao longo da margem do olho-d'água, para o outro lado. Nala o seguiu de perto. Eles só precisavam chegar lá e então estariam mais perto do Cemitério de Elefantes –

e mais longe de Zazu, assim esperavam.

Mas, de repente, o calau se virou e os viu.

– Eu sei o que estão fazendo! Você não pode se esconder de mim, Simba! É meu dever mantê-lo a salvo!

Simba parou. Zazu estava certo. Ele não poderia se esconder do pássaro para sempre. Mas havia outro jeito. Rapidamente, ele pulou em uma saliência na margem do olho-d’água. Então... saltou!

A ação assustou os animais. As zebras começaram a bater as patas e os elefantes balançaram suas longas trombas, espirrando água por toda parte. Quase no mesmo instante, Nala e Simba tomaram o maior banho e Zazu ficou encharcado. Enquanto ele tentava sacudir suas asas ensopadas, Simba e Nala se enfiaram no meio de um par de jovens hipopótamos.

– Você vai voltar para casa comigo agora! – Zazu disse, seguindo-os, mas ficando para trás.

Simba estava cansado. Ele ia ser rei. E reis não precisavam de babás. Olhando para a frente, ele sorriu. Um enorme bando de pássaros tinha pousado perto. Deixando escapar um rugido, Simba disparou, correndo direto para eles. Quando as centenas de pássaros coloridos levantaram voo, bloquearam Zazu – e deram a Simba e Nala a chance que estavam esperando.

Antes que alguém pudesse detê-los, eles correram para longe do olho-d’água, em direção às terras sombrias lá no horizonte.



– Simba! – Nala chamou quando eles finalmente pararam de correr. Ela estava sem fôlego, tanto da corrida quanto da emoção de fugir. Ela nunca tinha feito nada tão excitante antes. – Nós realmente o despistamos!

Simba ergueu a cabeça e sorriu.

– Sei o que você está pensando. O futuro rei é um gênio.

Nala revirou os olhos.

– Você *não* pode estar falando sério. Você nunca chegaria a lugar algum sem uma rainha.

Ela tinha ficado tão chocada quanto Simba com a ideia de se “entrelaçar” a ele, como Zazu dissera, mas ela gostava, *sim*, da ideia de ser rainha. Afinal, Sarabi era tão poderosa quanto Mufasa – pelo menos no que dizia respeito a caçar e liderar as leoas. Mufasa a ouvia e confiava em sua opinião.

– Você não está esquecendo nada? – Simba perguntou enquanto eles

subiam a colina que levava a um cume largo. – Não haverá rainha nenhuma.

Nala franziu a testa para seu amigo. Seus pensamentos anteriores desapareceram. Ele estava certo. Ela não queria ser rainha – não se isso significasse se casar com *ele*. Eca!

– Eu preferiria me casar com um porco – disse, balançando a cabeça.

– Boa sorte pra encontrar um que diga sim – Simba respondeu, rindo.

Nala parou. Ela sabia onde isso ia parar. A provocação amistosa frequentemente levava a esse tipo de momento. Simba era seu melhor amigo – e futuro rei –, mas às vezes ele precisava ser lembrado de que *ainda* não era rei. Lentamente, ela começou a baixar o corpo para concentrar o peso nas patas traseiras.

– Boa sorte pra sair daqui sem nenhum machucado – disse.

– Dê o seu melhor – Simba falou, baixando o próprio corpo para ficar cara a cara com ela.

Nala esperou. Simba sempre atacava primeiro, pois não se aguentava. Ele era um exibido, e exibidos não gostavam de aguardar. Como esperado, um momento depois, Simba atacou.

Nala estava preparada. Com um movimento suave, ela se levantou apoiada nas patas traseiras e o enfrentou de cabeça erguida. Ele perdeu o impulso, e ela rapidamente o virou de costas. E jogando o peso para as patas dianteiras, ela o prendeu no chão. Então sorriu.

– Acho que você me deve desculpas.

– Nunca! – Simba disse, ofegante, lutando para empurrar Nala.

Simba finalmente conseguiu escapar e provocou Nala de novo. E, de novo, ela o derrubou. Só que, dessa vez, eles não pousaram na planície – foram despencando colina abaixo. Caindo e caindo, até que aterrissaram lá embaixo, com Nala por cima de Simba de novo.

– Estou esperando... – Nala disse, provocando-o, com olhos brilhantes.

Mas, para sua surpresa, Simba não falou nada. Em vez disso, seus olhos se fixaram em algo atrás dela.

– Nala... O que é isso? – sussurrou.

Nala sacudiu a cabeça e disse:

– Você não vai me enganar, Simba. Eu sei que não tem nada... – Sua voz sumiu quando percebeu que o sol não estava mais aquecendo suas costas e sua voz estava ricocheteando pelas rochas. Ela estremeceu. Então, virou-se lentamente.

Seus olhos se arregalaram ao verem onde tinham parado. Pedras

pontiagudas se erguiam alto no céu, lançando tudo em sombras. O chão era duro e quase queimava de tão branco. Não havia árvores nem arbustos, nem sequer um pássaro cantando. Tudo o que Nala podia ver eram ossos. Vários e vários ossos de elefantes.

– Deve ser aqui! – Simba disse, levantando-se. O medo inicial que Nala vira em seus olhos tinha se dissipado, substituído pela animação. – Venha!

Conforme ele corria na frente, uma espessa camada de poeira branca subia no ar. Simba não pareceu notar, disparando entre os ossos, abaixando-se sob um enorme conjunto de costelas e pulando sobre uma presa gigante.

Seguindo-o devagar, Nala tentou não se encolher. Os ossos eram tudo o que restava de dúzias de elefantes. Como tinham ido parar ali? Por que tinham vindo até tão longe? Havia alguma outra razão para eles terminarem nessa terra sombria e desolada? Ela adorava observar os elefantes vagando pela savana. Achava que, depois dos leões, eles eram as mais majestosas de todas as criaturas. Ver aqueles ossos a deixava triste. Ela estremeceu de novo. Já tinham visto o suficiente.

– Simba, estamos muito além das Terras do Reino...

Simba parou em cima de uma presa e olhou para ela.

– Nós encontramos, Nala – falou, nem um pouco preocupado. Na verdade, ele parecia orgulhoso. – Você sabe o que isso significa?

– Podemos ir pra casa? – ela perguntou, esperançosa.

Simba fez que não.

– Significa que eles não vão nos tratar mais como filhotes!

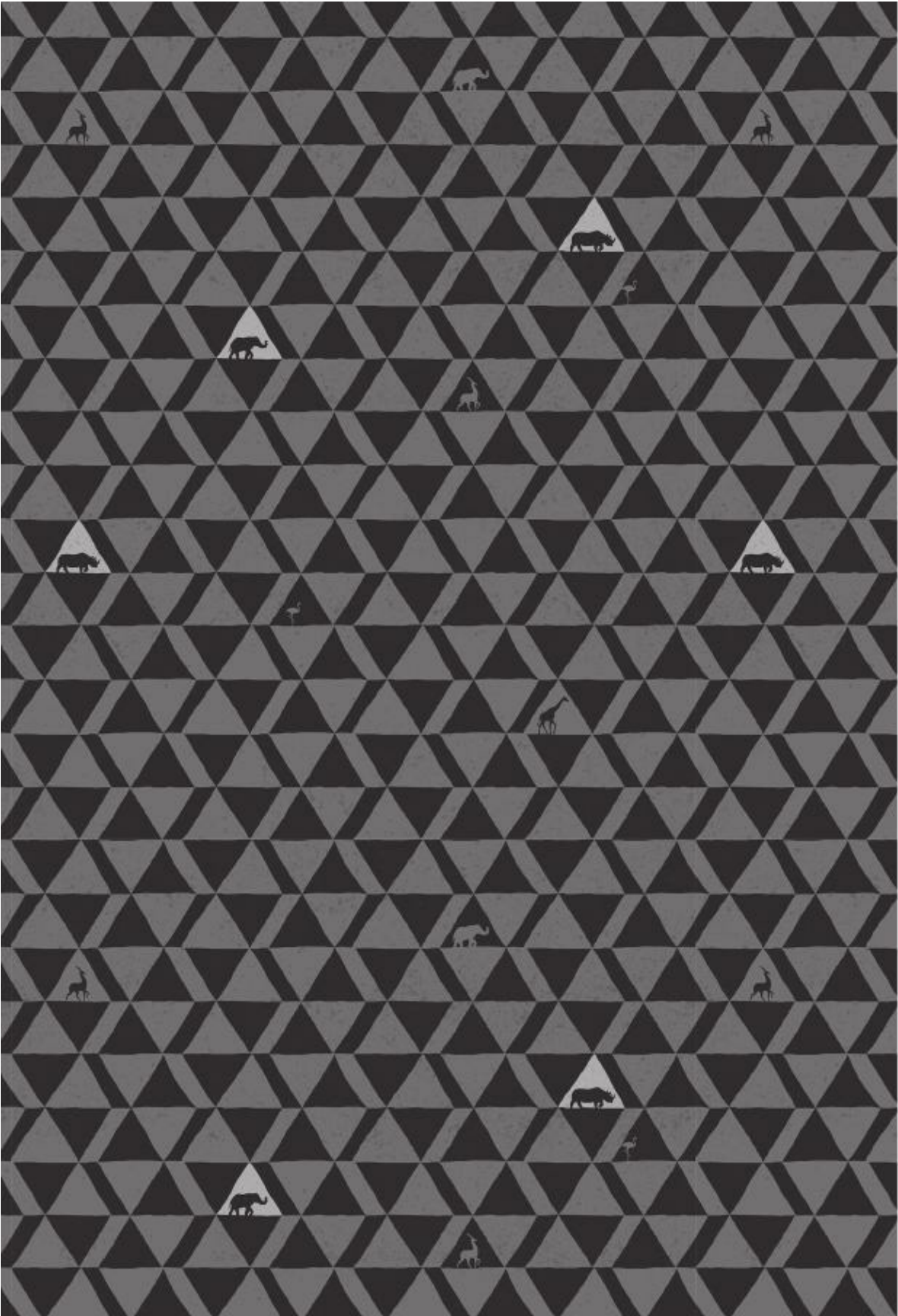
Nala abriu a boca para pontuar que eles *eram* filhotes, mas desistiu. Sabia que não adiantaria discutir com Simba. Ele só queria crescer e se tornar rei. Para ele, ser cuidado, amado e alimentado eram aborrecimentos. Já Nala, ainda que não gostasse dos banhos, amava a mãe, a toca e o seu lugar na alcateia. Mas Simba era seu melhor amigo e ela não poderia deixá-lo ali – mesmo se não concordasse com ele. Encolhendo os ombros, começou a segui-lo até que, de repente, um estranho assobio chegou com o vento. Tanto ela quanto Simba pararam.

– O que foi isso? – Nala perguntou, nervosa.

– Só o vento passando pelas pedras. Vamos lá ver! – Simba disse.

Suspirando, Nala observou Simba disparar. Ele ia colocá-los em apuros, ela tinha certeza. Só podia esperar que eles pudessem resolver e que Mufasa não a culpasse... pelo menos não totalmente.







CAPÍTULO SEIS

Não sei por que papai e Scar me alertaram sobre esse lugar, Simba pensou enquanto escalava as pedras íngremes do outro lado do Cemitério de Elefantes. É sujo, mas não é nem um pouco assustador. Aposto que eles estavam só me provocando. Aposto que isso é algum tipo de rito de passagem de rei ou algo assim. Bem, vou mostrar a eles!

Atrás de si, podia ouvir Nala murmurando consigo mesma. Ficou surpreso quando ela disse que eles deveriam ir para casa. Nala sempre topava uma aventura. Mas o lugar a assustara. Ou talvez ela estivesse só fazendo birra porque ele disse que ela não conseguiria se casar nem com um porco.

– Simba! – Nala gritou quando ele saltou de uma rocha particularmente íngreme e parou em frente a uma caverna estreita e escura. – Desce daí! Pode ser perigoso!

– Perigoso? – Simba repetiu, olhando para ela. – Rá! Eu rio na cara do perigo! – Virando-se para observar a caverna, ele deu mais algumas risadas. O som ecoou pela caverna, ricocheteando pelas paredes e voltando para eles. – Ouviu isso, Nala? – gritou.

Nala franziu o cenho e implorou:

– Simba, venha! Você já provou que é corajoso! O sol está se pondo, não vou ficar aqui esperando e...

Simba não estava nem ouvindo de tão ocupado rindo na caverna. Ele soltou outra série de *hahas* – só que, dessa vez, o som que voltou não foi o eco. Era a inconfundível – e horrenda – risada de uma hiena.

Antes que Simba pudesse começar a correr ou gritar para avisar Nala, uma hiena enorme saiu da caverna. Sua boca estava escancarada; seus longos e afiados dentes se cobriram de espuma e saliva quando ela se deparou com a comida fresquinha parada bem ali. Simba evitou por pouco ser partido em dois ao se jogar para trás, despencando pelas rochas e caindo, com um baque, ao lado de Nala.

Enquanto os dois observavam, hienas começaram a aparecer de todas as

direções. Elas saíam de buracos no chão e espaços imperceptíveis entre as pedras e de cavernas que Simba nem tinha notado. Em segundos, os filhotes estavam cercados. A risada das hienas reverberava pelas rochas irregulares, enchendo o Cemitério de Elefantes com um som terrível.

De repente, o maior grupo de hienas se separou, abrindo espaço para que duas caminhassem até Simba e Nala. Uma delas mal conseguia manter a língua dentro da boca e a outra estava machucada; seus pelos eram escassos, e seus olhos, duros.

A hiena machucada se aproximou, encarando os filhotes.

– Bem, olhe só para isso – disse. Sua voz era profunda e rouca. – Não estávamos esperando visitas hoje. Vocês gostariam de ficar para o jantar?

A resposta não foi nem de Simba nem de Nala.

– Sim! Ótima ideia! – a hiena com a língua para fora falou. – Vocês têm que ficar. Não temos muito o que comer, só ossos velhos pra mascar...

– Azizi – disse a hiena maior, cortando a outra. – Eu não estava convidando de *verdade*.

A hiena macho pareceu confusa.

– Mas você os convidou para *ficar* – Azizi observou. – Por que está mentindo para eles?

Simba lançou um olhar para Nala. Eles sabiam que as hienas não eram as criaturas mais brilhantes, mas Azizi se superava. Talvez houvesse chance de escapar. Simba pensou que, se conseguissem ser mais espertos do que as hienas, poderiam ficar bem.

Mas então a outra hiena rosnou, mostrando suas presas. Ela estava claramente se cansando da estupidez de seu companheiro.

– Porque eles *são* o jantar! Entendeu?

Os olhos de Azizi se arregalaram, indo de um filhote para o outro. Lentamente, assentiu e disse:

– Ah, saquei. Faz sentido. Mas só pra deixar claro: eles vão ficar?

– Nós vamos comê-los! – a outra hiena gritou, perdendo o controle por completo. – Agora mesmo!

Simba e Nala começaram a recuar à medida que as duas hienas se viraram para eles, com as bocas abertas. Simba engoliu em seco. Talvez ele estivesse errado em pensar que podiam sair dessa. Estavam encurralados. Não havia como escapar...

– Ninguém toca neles!

Ao som da voz de comando, as hienas congelaram. Olhando para cima,

Simba observou uma enorme hiena fêmea emergindo de uma caverna. Ao contrário da dupla atrapalhada de machos na frente deles, essa hiena era forte, limpa, de olhos luminosos. Ela caminhava com a cabeça erguida e, conforme passava, as outras se abaixavam e recuavam, abrindo caminho para sua rainha.

Aproximando-se, a enorme hiena olhou para os filhotes, estudando-os atentamente. Então um sorriso largo se abriu em seu rosto pintado.

– Essa é a refeição pela qual esperei minha vida toda – ela disse, soltando uma gargalhada. – Mas que presente inesperado... comer o filho do rei.

Simba engoliu em seco, nervoso. Essa devia ser Shenzi, a líder das hienas. Já tinha ouvido falar dela. E ela claramente sabia quem ele era. Talvez fosse uma coisa boa? Talvez ele pudesse usar isso a seu favor. Afinal de contas, se ela era a rainha das hienas, talvez houvesse alguma regra tácita sobre respeitar outras realezas. De qualquer forma, ele não podia só ficar ali parado. Colocando-se na frente de Nala, Simba estufou o peito.

– Eu *sou* o futuro rei – bradou o mais alto e corajosamente que conseguiu.
– O que significa que você não pode fazer nada comigo!

– Ele está me dizendo o que fazer – Shenzi zombou. – A força de seu pai está cintilando aí dentro, hein. Eu me pergunto qual o sabor de toda essa bravura...

Ela deu um passo adiante, abrindo a boca em um grunhido enquanto mostrava os dentes. Simba recuou, mas ela continuou se aproximando. Ele sentiu a respiração da hiena na sua bochecha e viu a baba escorrendo de suas presas. Fechou os olhos...

– Deixe eles irem, Shenzi!

Os olhos de Simba se abriram. Ele nunca ficara tão feliz de ouvir a voz de Zazu. Olhando para cima, viu o calau descendo e pousando na frente dele e de Nala. Abrindo completamente as asas, Zazu se colocou na frente dos filhotes, protegendo-os de Shenzi.

– Eles cometeram um erro. Um erro terrível! Mas, se fizer isso, você vai começar uma guerra com Mufasa!

– Hienas e leões estão em guerra desde o começo dos tempos – Shenzi retrucou, sem se abalar com a ameaça de Zazu. – Mas a linhagem de Mufasa vai acabar aqui!

Seguindo em frente, Shenzi sinalizou para as outras hienas, que também começaram a se mover. Zazu poderia fazer todas as ameaças que quisesse. Elas iam matar Simba – mesmo que isso significasse guerra.

Abaixando as asas, Zazu virou a cabeça.

– Corram! – gritou para Simba e Nala.

Não foi preciso repetir. Simba disparou girando em suas patas traseiras, com Nala logo atrás.



Simba correu o mais rápido que pôde. Seu coração pulava dentro do peito enquanto ele se atrapalhava com as pedras na tentativa de escapar das hienas. Ele podia ouvir Nala bem atrás, ofegante, também correndo para salvar sua vida.

Ele não queria que isso tivesse acontecido. Só queria ver o Cemitério de Elefantes e talvez ter uma história para contar para seus amigos. Ele não pretendia colocá-los em perigo e *definitivamente* não pretendia virar jantar de hienas. Se conseguissem escapar, ele teria muitos, muitos problemas. O pensamento o impeliu e suas pequenas patas se moveram mais rápido. Olhando ao redor, procurou freneticamente um lugar para se esconder ou um jeito de escapar. Mas aquele era o lar das hienas. Não havia onde se esconder.

Vislumbrando um buraco acima, Simba correu para lá. Não era a melhor opção, mas era melhor que o campo aberto.

– Aqui! – gritou para Nala pouco antes de mergulhar a cabeça na abertura.

Lá dentro estava escuro, e o cheiro de hiena dominava. O focinho de Simba se franziu de desgosto quando ele saltou sobre algo pegajoso. Mas continuou adentrando a escuridão. Ocasionalmente, outros buracos se abriam pelas laterais ou acima; o lugar formava uma rede de túneis e tocas interligados. Enquanto corriam, eles ouviam as risadas sinistras das hienas reverberando pelos túneis. Cabeças brotavam de aberturas menores no teto, tentando abocanhar os filhotes, sempre os errando por pouco.

Aproximando-se de um canto, Simba e Nala deslizaram e pararam. Bem na frente deles estava uma hiena bebê. Por um longo momento, filhotes e hiena só ficaram se encarando, sem entender quem estava mais surpreso – os filhotes se deparando com a hiena bebê ou a hiena recebendo visitas inesperadas. Os olhinhos dela se arregalaram enquanto ela inclinava a cabeça. Simba estava quase sorrindo para a coisinha fofa e doce quando, subitamente, a criatura mostrou os dentes. Simba e Nala pularam e gritaram ao perceber que, fofa ou não, essa hiena também queria fazer um lanche.

Mais uma vez, eles começaram a correr pelos túneis, agora com o bebê

bem atrás. A cabeça de Simba virava para todos os lados conforme desesperadamente procurava uma saída do labirinto de túneis. Mas, para onde quer que olhasse, encontrava mais cavernas. Era impossível escapar das tocas das hienas! Bem quando estava prestes a desistir, ouviu o grito de Nala. Olhando para cima, viu um feixe de luz. Uma saída!

Nala e ele dispararam em direção à luz e finalmente saíram no sol que se desvanecia pela tarde. Sem parar, eles correram a toda velocidade para longe das cavernas, seguindo para a colina íngreme do outro lado do Cemitério de Elefantes. Logo atrás, eles podiam ouvir as hienas se aproximando.

Alcançaram a colina, e Simba começou a escalar. Mas suas patas não conseguiam se firmar na rocha inclinada e escorregadia, e ele deslizou de volta para baixo. Ao seu lado, as tentativas de Nala eram tão inúteis quanto as suas próprias. Eles não conseguiam partir com a mesma facilidade com que chegaram. Estavam encurralados.

Ouvindo o terrível – e agora assustadoramente próximo – som das risadas das hienas, Simba se virou devagar. Então engoliu em seco. Não estavam apenas encurralados, mas encurralados diante de todo um bando de hienas famintas.

Simba se virou para Nala. A amiga estava tremendo, com os olhos arregalados de medo. Ele nunca a tinha visto tão amedrontada, e isso o deixou ainda mais assustado. Respirou fundo. Era tudo culpa dele, que tinha colocado os dois nessa confusão. Precisava tirá-los dessa – ou ao menos tentar.

Colocando-se na frente de Nala, ele pisou firme no chão e estufou o peito. Então, inclinando a cabeça para trás, rugiu. Ou melhor, *tentou* rugir. Ele era um filhote, e seu rugido não era muito alto. Quase nem cobriu as respirações pesadas das hienas.

As hienas começaram a rir histericamente. Algumas apertaram as barrigas e caíram no chão, enquanto outras só berraram e berraram. Kamari, o mais durão e cruel da dupla de escudeiros de Shenzi, apontou para Simba e, ainda rindo, gritou:

– Ouviu isso? Esse é o futuro rei? – Dominado pelas gargalhadas, ele caiu no chão.

– Nosso inimigo! – Azizi disse, também gargalhando. – Estou com tanto medo. Faz de novo!

Simba rosnou baixinho. Elas estavam zombando dele. Beleza. Achavam que ele era só um filhotinho de leão com um rugido bobo. Bem, ele mostraria

a eles. Abrindo a boca, soltou mais um rugido.

Só que, dessa vez, o rugido não foi fraco. Foi gigantesco. O som sacudiu a colina e cada uma das hienas até o âmago. A boca de Simba se fechou e só então ele percebeu *quem* estava rugindo.

Virando-se, teve só um instante para ver seu pai parado no topo da colina antes que o leão rugisse de novo, impondo-se. Como um relâmpago vermelho e dourado, Mufasa desceu correndo a colina íngreme, direto para a multidão de hienas. Seus dentes estalaram e suas garras brilharam quando ele jogou as hienas para o lado, espalhando as bestas chorosas em uma nuvem de poeira. Simba assistia boquiaberto enquanto o pai colocava sozinho as hienas em seu lugar. Ele nunca tinha visto nada assim.

À medida que as outras hienas começavam a fugir, Shenzi deu um passo à frente. Seus lábios se abriram, revelando suas presas, enquanto ela tentava encarar Mufasa. Mas o rei nem piscou. Rosnando, ele levantou uma pata, abriu as garras e atacou. O golpe atingiu Shenzi bem na pata traseira, e ela saiu voando. Mufasa avançou, fazendo Shenzi recuar até ser encurralada contra uma parede.

Não havia para onde fugir.

Mufasa olhou para a rainha das hienas, perfurando-a com ódio nos olhos.

– Se você chegar perto do meu filho de novo... – disse ameaçadoramente.

Shenzi balançou a cabeça e falou:

– Não, Mufasa. Nunca. Jamais.

– Está avisada, Shenzi.

Em seguida, ele se virou para observar as hienas restantes, amontoadas juntas. Não disse nada, não precisava. Imediatamente, elas começaram a se dispersar, desaparecendo em buracos e covas. Shenzi foi a última a partir. Levantando-se, ela manteve a cabeça baixa enquanto manquejava pelas rochas em direção à própria caverna.

Quando a poeira baixou, Mufasa se virou e olhou para Simba, que se encolheu, com os olhos cheios de lágrimas.

– Papai, eu... sinto muito – disse baixinho.

Em resposta, Mufasa virou as costas para Simba.

– Vamos para casa – ordenou, olhando para a frente.

De cabeça baixa, Simba seguiu o pai de volta à segurança das Terras do Reino. Ao lado dele, Nala tentou oferecer consolo, mas ele a ignorou. Não o merecia. Não agora. Ele tinha decepcionado seu pai. E isso o assustava mais do que enfrentar um bando de hienas.







CAPÍTULO SETE

Quando alcançaram as Terras do Reino, o sol já iniciava sua descida lenta no horizonte. A savana era uma profusão de cores: dourado, laranja e vermelho refletiam na grama, fazendo com que parecessem em chamas. Os animais voltavam para casa sem pressa, com olhos pesados e barrigas cheias. Para Simba, geralmente era a hora favorita do dia.

Geralmente.

Mas não naquela noite. Olhando para cima, Simba observou seu pai. As costas de Mufasa ainda estavam tensas, os passos ainda zangados. Sua raiva não se dissipou enquanto caminhavam para longe do Cemitério de Elefantes. Simba abriu a boca para pedir desculpas, mas a fechou em seguida. De que adiantaria? Ele tinha traído a confiança de seu pai. Não havia desculpas.

– Zazu, leve Nala de volta para a Pedra do Rei.

A cabeça de Simba se ergueu ao som da voz do pai. O rei tinha feito uma parada, e seus olhos estavam fixos em um ponto à distância. Ele nem tinha fitado Zazu ao dar a ordem. Simba olhou para Nala, nervoso. Ela encolheu os ombros, também sem entender o que estava acontecendo.

– Sim, Alteza – Zazu assentiu. Depois de um momento, perguntou: – Devo levar Simba?

– Não. Tenho que ensinar uma lição ao meu filho – Mufasa respondeu.

Simba engoliu em seco. Para sua surpresa, Zazu veio em sua defesa.

– Alteza, não seja muito duro com ele – o mordomo aconselhou. – Eu me lembro de um filhote, um certo filhote teimoso, que estava sempre se metendo em confusão. E ele virou um leão importante... Não é?

Pela primeira vez desde que tinham deixado as hienas, Simba pensou ter visto um brevíssimo brilho nos olhos do pai.

– Você me conhece há muito tempo – disse, com a voz mais doce do que antes. Virando-se, olhou para Simba. – Venha aqui – ordenou.

Em resposta, Simba se abaixou na grama. Não soube bem por que fez isso; não era como se seu pai não pudesse vê-lo. Ele não tinha ficado invisível, e,

mesmo que a grama não estivesse lustrosa, ela não era do tom certo de marrom envelhecido que poderia lhe oferecer um pouco de camuflagem. Ainda assim, ficou parado ali, com a cabeça entre as patas e os olhos baixos, mesmo depois de Zazu e Nala partirem e tudo ficar quieto.

– Simba!

A voz de seu pai quebrou o silêncio. Nervoso, Simba se afundou na grama. Quando Mufasa chamou seu nome de novo, o filhote relutantemente se levantou e foi até ele. Estava quase lá quando tropeçou. Olhando para baixo, viu a própria pata dentro da marca profunda deixada pela pata de seu pai. A pegada do rei fazia a de Simba parecer menor ainda, assim como a sombra do pai, que de repente se assomava sobre ele.

Levantando a cabeça, Simba viu seu pai olhando para ele. Sob a luz do sol, a juba reluzente de Mufasa brilhava mais vermelha do que o normal, lançando sombras carmesim sobre seu corpo musculoso. Os olhos castanhos e profundos encararam Simba. Finalmente, ele falou:

– Você me desobedeceu por vontade própria – disse. Seu tom era monótono, sem emoção.

– Eu sei – Simba respondeu.

De repente, como se um interruptor tivesse sido ligado, o rei se inundou de emoção.

– Você podia ter morrido! – gritou, com a voz tremendo. – E o que é pior, colocou Nala em perigo! – Lágrimas brotaram nos olhos de Simba enquanto Mufasa continuava: – Entende o que está em jogo? Você colocou em risco o futuro do nosso reino!

Lágrimas escorreram pelas bochechas de Simba. Ele nunca quis comprometer o futuro do reino nem ferir Nala. Não queria machucar ninguém.

– Eu só queria mostrar que posso... – disse, com uma voz baixa até mesmo para seus próprios ouvidos. – Que posso ser tão valente quanto você!

Por um longo momento, Mufasa não falou nada, e o buraco no estômago de Simba cresceu. Seu pai estar bravo era uma coisa. Mas e se não quisesse mais falar com ele? Seria o pior castigo possível. Seu pai era seu mundo. Era tudo para Simba. Não ouvir sua voz iria matá-lo. Já estava prestes a implorar para que dissesse algo quando Mufasa finalmente se pronunciou:

– Só sou valente quando preciso, Simba. Quando não há outra escolha.

Simba inclinou a cabeça. *Quando não há outra escolha?* Repetiu as palavras silenciosamente. *Outra escolha?* Mas seu pai era sempre valente.

– Você não tem medo de nada – Simba observou.

Mufasa sacudiu a cabeça.

– Hoje eu tive – disse, com a voz mais suave.

– Você teve? – Simba perguntou, maravilhado.

– Sim. Pensei que perderia você.

O aperto no estômago de Simba abrandou ao perceber que a raiva de seu pai não vinha da decepção. Mufasa estava bravo porque o amava. Um sorrisinho repuxou os lábios de Simba.

– Oh, então parece que até reis sentem medo, hein?

– Mais do que você poderia saber – Mufasa disse, imitando o sorriso do filho.

– Mas sabe de uma coisa? Acho que aquelas hienas ficaram com mais medo ainda – Simba comentou.

Enquanto Mufasa soltava uma gargalhada profunda, o nó no estômago de Simba desapareceu e o peso que carregava nos ombros sumiu completamente. Soltando o ar que prendia, Simba também deu risada. Ele tinha se metido em uma confusão, e das grandes. Mas tudo ficaria bem. Ele e seu pai ficariam bem.

– Isso é porque ninguém mexe com seu pai! – Mufasa disse, ainda rindo.

Levantando uma pata, ele fez sinal para que Simba se aproximasse. Mufasa o puxou em um abraço, e pai e filho ficaram assim por um bom tempo, cada um perdido em pensamentos sobre quão perto tinham chegado de não poderem compartilhar mais momentos como esse. Então, soltando um rosnado brincalhão, Simba se esticou e agarrou a juba de Mufasa.

Enquanto rolavam na grama quente, o sol finalmente afundou no horizonte, e a primeira estrela da noite emergiu no céu. As risadas dos dois se misturaram com o canto do último pássaro, e um elefante trombeteou um boa-noite. Rolando até parar, Simba pousou no peito maciço do pai.

O peito de Mufasa subia e descia, movendo Simba para cima e para baixo em um ritmo constante, embalando-o e reconfortando-o. Todo o medo e a tristeza de antes desapareceram, e eles permaneceram assim, em silêncio, curtindo a companhia um do outro. A pata de Simba enrolava e desenrolava a juba espessa de seu pai, e ele suspirou feliz.

– Papai – disse suavemente, levantando a cabeça. – Somos amigos, certo?

– Certo – Mufasa replicou com um aceno, e o estrondo profundo de sua voz fez Simba tremer.

– E sempre vamos estar juntos, certo?

Para a surpresa de Simba, seu pai não respondeu de imediato. O sorriso em sua boca se desfez – não por raiva, mas por reflexão. Ele suspirou. Finalmente, virou a cabeça para olhar Simba nos olhos e falou, sério:

– Simba, deixe-me contar a você algo que meu pai me disse. Olhe para as estrelas.

Virando-se de costas, ainda no peito de seu pai, Simba olhou para cima. As estrelas preenchiam o céu, formando um cobertor cintilante. Em contraste, a savana parecia mais escura, lançada em sombras profundas, mas aparentemente tranquila. Simba sabia que, escondidos entre a grama alta e no topo das árvores, animais noturnos esperavam, à espreita.

– Os grandes reis do passado olham para nós daquelas estrelas – Mufasa disse, percorrendo o céu com seus olhos treinados.

Simba olhou para cima, esforçando-se para ver os reis nas estrelas. Mas tudo o que viu foram os pontinhos brilhantes e a lua. Nada de reis.

– Sério? – perguntou, hesitante.

– Sim. Então, sempre que se sentir sozinho, é só lembrar que aqueles reis estarão lá para guiá-lo. – Mufasa fez uma pausa antes de adicionar: – E eu também.

– Mas não dá pra ver, papai – Simba disse baixinho.

E eu também. Por que seu pai falara isso? A voz de Mufasa tinha saído tão triste que Simba de repente começou a se sentir assim, como se houvesse algo que ele não entendesse, mas seu pai, sim.

Mufasa lhe deu um empurrãozinho gentil com o focinho.

– Continue olhando, filho. Continue olhando.

Juntos, pai e filho ergueram a cabeça e olharam para o céu. Simba não sabia direito sobre o que Mufasa estava falando – e só conseguia ver estrelas –, mas não importava. Ele confiava no pai. O motivo pelo qual estavam ali deitados olhando as estrelas não importava. O que importava era que estavam juntos. E sempre estariam juntos.





CAPÍTULO OITO

Shenzi estava furiosa. Como Mufasa ousava aparecer assim e agir como se ela devesse se curvar? Para começar, fora o *filho dele* quem tinha invadido seu território. Como rainha, ela tinha todo o direito de punir o filhotinho se achasse necessário – mesmo que significasse transformá-lo em seu lanche. Ainda assim, ali estava ela, lambendo uma nova ferida na pata enquanto Mufasa e Simba saltitavam para as Terras do Reino. Seus olhos se estreitaram; ela estava com raiva. Aquilo não estava certo.

Shenzi ergueu os olhos para observar a toca. A caverna era a maior de todas e comportava ao menos meia dúzia de hienas. Ela normalmente recebia visitantes a qualquer hora, incluindo Azizi e Kamari, seus principais servos. A dupla estava sentada no chão abaixo da superfície onde Shenzi estava deitada, reclamando e se provocando. Ela ouvia sem atenção enquanto cuidava de sua ferida, as palavras se transformando em ruído de fundo. Azizi e Kamari eram bons caçadores, mas nenhum era particularmente brilhante, e Shenzi tinha aprendido, havia muito tempo, que era melhor ignorá-los do que perder tempo com eles.

– Da próxima vez que Mufasa vier aqui, vou ensinar-lhe uma lição que ele nunca vai esquecer – Kamari disse.

Azizi inclinou a cabeça.

– Ah, vá, Kamari. O que *você* poderia ensinar? Ele é o rei, e é muito esperto – falou, mais uma vez mandando mal.

Kamari soltou um suspiro.

– Eu não ia ensinar nada de verdade – disse.

Ainda sem entender o que seu amigo queria dizer, Azizi sorriu e sugeriu, prestativo:

– Você podia ensiná-lo a caçar doentes e feridos.

– Eu quis dizer que... – Kamari disse, com palavras cortantes, cavando a terra com suas garras enquanto tentava não gritar de frustração. – Que ele vai pagar pelo que fez com a gente.

Os olhos de Azizi se arregalaram em compreensão, e ele assentiu. Então deu um sorriso largo e soltou um latido curto e alegre:

– Então você está com sorte! Porque ele está aqui!

A cabeça de Shenzi se ergueu e seus pelos se arrepiaram. Seguindo o olhar de Azizi, ela viu o contorno fraco de um leão se movendo na direção deles na escuridão da entrada da caverna. Lentamente, Shenzi ficou de pé e começou a caminhar para a abertura. O sol lá fora de alguma forma fazia a gruta parecer ainda mais escura, e a sombra do leão tomou forma quando ele se aproximou. Os olhos de Shenzi se estreitaram e seus lábios se contraíram. Ele andava lenta e casualmente, como se não se importasse de estar adentrando uma toca cheia de hienas famintas.

Shenzi balançou a cabeça. Ela conhecia Mufasa. Esse leão não era ele. Havia algo de provocativo na forma como ele se movia, com a cabeça baixa e a juba escassa. O andar de Mufasa era imponente; sua cabeça estava sempre erguida. Atrás do leão, hienas começaram a emergir de suas tocas, com os dentes à mostra, rosnando e assobiando enquanto o cercavam.

Finalmente, o leão saiu das sombras. Shenzi levantou uma sobrancelha. Como suspeitava, não era Mufasa. Era seu irmão, Scar. Ela inclinou a cabeça, mantendo distância, aguardando o que ele tinha a dizer. Ela não era tola. Deu um sinal para que as hienas ficassem alertas. Se ele fizesse qualquer movimento, viraria o lanche que Simba deveria ter sido.

– Vocês, idiotas, despiram sua terra de qualquer coisa viva – Scar começou, observando a caverna escura povoada pelos restos de refeições anteriores. – Ainda assim, eu mando dois filhotinhos pra vocês e eles voltam vivos.

Kamari encolheu os ombros.

– Acho que vamos ter que comer você, então.

Scar nem piscou.

– Por que comer uma refeição quando você pode se banquetear pelo resto da vida?

No momento em que Scar começou a falar, Shenzi se irritou. Ele não era nem um pouco melhor que seu irmão – aparecendo do nada e zombando deles e de suas habilidades de caçadores. Mas um banquete pelo resto da vida? Isso a deixou intrigada.

– O que você poderia nos oferecer? – ela perguntou, desconfiada.

Virando-se, Scar encontrou seu olhar e acenou com a cabeça.

– Um lugar onde vocês possam encher suas barrigas. Onde podem caçar

tudo o que o sol toca – respondeu.

Shenzi soltou uma gargalhada. Então era isso o que estava oferecendo?

– As Terras do Reino não são suas pra você nos oferecer – pontuou. – O rei controla as áreas de caça.

E todos eles sabiam que Mufasa não deveria ser provocado – e que as terras dele estavam fora dos limites de seu bando.

– É por isso que vamos matá-lo.

A gargalhada morreu na garganta de Shenzi. Ao seu lado, Azizi e Kamari murmuraram ansiosos.

– Não pense que eu sou idiota – ela finalmente disse. – Leões e hienas são rivais desde o início dos tempos. Você nunca ficaria do nosso lado!

Scar encolheu os ombros, sem pressa para discutir.

– Minha espécie pode odiar a sua – disse, concordando. – Mas vejo a ganância como uma virtude. Eu a chamo de ambição. Quando eu for rei, os fortes serão livres para pegar o que quiserem.

Balançando a cabeça, Shenzi se virou para voltar ao seu canto. Scar poderia ter grandes planos e vontade de ser rei, mas Mufasa era poderoso demais. Eles nunca conseguiriam desafiá-lo. Até poderiam superá-lo em termos numéricos, mas ele tinha as leoas. As hienas nunca chegariam às Terras do Reino sem serem atacadas e escoraçadas. Scar era um tolo só de pensar em tomar o lugar do irmão. Por cima dos ombros, ela lhe disse exatamente isso.

– Meu irmão tem algo que nunca teve antes – Scar respondeu. – Uma fraqueza. Algo que atrapalha seu juízo...

Shenzi parou; sua pata latejava. Ela olhou para a ferida recente. Scar estava certo. Mufasa *tinha* uma fraqueza, algo que o fazia agir impulsivamente e se colocar em risco desnecessário.

– Simba – concluiu, virando-se e aproximando-se de Scar.

Ele assentiu.

– Isso.

Um pequeno sorriso se espalhou pelo rosto de Shenzi. Talvez Scar não fosse tão maluco, afinal. Talvez *houvesse* um jeito de tomar as Terras do Reino – e nunca mais passar fome outra vez.

– O que precisa de nós? – ela perguntou, enquanto as hienas soltavam gritinhos de animação.

– Só uma coisa – Scar respondeu, refletindo o sorriso cruel dela. – Se preparem.



Simba bocejou. Eles voltaram para casa bem tarde, e, depois de tomar um banho rápido e comer alguma coisa, mal conseguia manter os olhos abertos. Pegou no sono antes mesmo de apoiar a cabeça nas patas, e a manhã chegou rápido demais.

Estava deitado ao sol, longe dos outros filhotes, ouvindo os murmúrios de sua mãe e das outras leoas conversando baixinho. Simba ouviu seu nome e suas orelhas se levantaram enquanto tentava desvendar o que as leoas diziam. Só pegou alguns fragmentos, mas já era suficiente saber que Sarabi estava colocando as leoas a par da sua aventura pelo Cemitério de Elefantes.

Sentindo o olhar das leoas sobre si, Simba se levantou e se encaminhou às pedras que davam na planície abaixo. Ele poderia descansar um pouco ali, sem os olhares julgadores que o faziam se sentir ainda pior do que já se sentia. Mas, para sua surpresa, deparou-se com o tio. Scar estava parado fora de sua caverna, como à espera de Simba. Encontrando os olhos do sobrinho, fez um gesto para que Simba o seguisse.

Agora Simba estava caminhando sobre o chão do enorme desfiladeiro que cortava o coração das Terras do Reino. Ao seu lado, Scar se mantinha próximo; seu corpo esguio era da mesma cor das paredes do cânion. Simba não sabia por que seu tio tinha lhe chamado, até que Scar disse:

– Soube que você teve uma aventura e tanto ontem. – Enquanto falava, virou-se e olhou para Simba, que encolheu os ombros. Aparentemente, não eram apenas as leoas que sabiam. Até seu tio tinha ouvido sobre a contenda com as hienas.

Simba assentiu.

– Meu pai ficou bem chateado comigo – contou.

Na verdade, ele ficou furioso comigo, Simba adicionou silenciosamente. *Mas não preciso contar isso a Scar. A menos que ele já saiba. Provavelmente ele sabe.* Não era a primeira vez que Simba desejava que a rede das Terras do Reino não fosse tão rápida assim para espalhar notícias. Era difícil fazer qualquer coisa sem que todo mundo ficasse sabendo. Ele já se sentia mal por ter decepcionado seu pai, mas, de certa forma, também sentia que tinha decepcionado os outros animais das Terras do Reino.

No entanto, para sua surpresa, Scar não disse nada sobre o que aconteceu. Em vez disso, ofereceu um jeito de melhorar as coisas.

– Acho que sei um jeito de compensá-lo – disse, enquanto caminhavam

pelo desfiladeiro.

Bem acima, pássaros voavam, pequenos pontinhos carregados pela brisa. Rajadas de areia subiam pelo cume, indicando a passagem de um animal. Fora isso, tudo estava tranquilo. Simba olhou o tio com curiosidade. O que ele queria dizer? Como se estivesse lendo seus pensamentos, Scar continuou:

– Um presente que vai fazê-lo esquecer que isso aconteceu.

Simba inclinou a cabeça e disse:

– Mas ele é o rei. O que *eu* poderia dar?

– Seu rugido – Scar respondeu sem hesitar.

– Meu rugido? – Simba repetiu.

Scar assentiu. Então, para provar seu argumento, pulou em uma pequena árvore, assustando alguns pássaros. Enquanto voavam pelo ar, seus gritos ricochetearam nas paredes do desfiladeiro, fazendo-os soar como se fossem centenas, e não apenas uma dúzia. Scar olhou para Simba.

– Ouviu isso? Aqui é onde todos os leões vêm para encontrar seu rugido.

Os olhos de Simba se arregalaram. Encontrar seu rugido? Isso parecia incrível. Lembrou-se de sua frágil tentativa de rugir no Cemitério de Elefantes. Foi algo digno de pena. Se conseguisse rugir mais alto, *com certeza* impressionaria o pai. Mas então seus olhos se estreitaram. Ele nunca tinha ouvido falar de leões vindo ao desfiladeiro para praticar rugidos.

– Todos os leões? Até meu pai? – Simba perguntou.

– Até Mufasa – Scar retrucou. – Ele veio aqui quando tinha sua idade e se recusou a ir embora até que seu rugido fosse ouvido acima do desfiladeiro!

Simba inclinou a cabeça e observou o desfiladeiro se assomando alto, bem alto. Os pássaros que Scar tinha assustado ainda estavam voando para alcançar o topo.

– Acima do desfiladeiro? – perguntou. Parecia impossível.

Mas Scar discordava:

– É quando você sabe que o encontrou. Com um pouco de prática, você *nunca mais* será chamado de filhote.

Nunca mais ser chamado de filhote. Isso seria um ótimo presente para dar a seu pai. Se pudesse mostrar a ele que tinha aprendido a lição e encontrado seu rugido, Mufasa se orgulharia dele. Animado, começou a saltitar para cima e para baixo. Era isso!

– Lá vou eu! Veja isso! – gritou.

Tomando fôlego, ele correu para a frente e parou de repente. Erguendo a cabeça, soltou um rugido. O som saiu baixinho, reverberou pelas paredes do

desfiladeiro uma vez, duas vezes. A animação de Simba se dissipou levemente com o fracasso da primeira tentativa.

– Você vai conseguir, Simba – Scar disse, dando-lhe um empurrãozinho encorajador. – Leva um tempo até você pegar o jeito. Volto mais tarde.

Quando seu tio se virou para partir, Simba gritou:

– Papai vai ficar orgulhoso, não vai?

Scar parou e o olhou por cima dos ombros.

– É um presente que ele nunca vai esquecer – disse. Em seguida, com um aceno de despedida, virou-se mais uma vez e se afastou.

Simba o observou partir. Havia algo estranho na maneira como seu tio o olhava, fazendo sua barriga ficar esquisita. Era quase como se Scar soubesse algo que ele não sabia, mas Simba deu de ombros. Provavelmente não era nada. Afinal, ele mal passava tempo com o tio. Ele não o conhecia tão bem assim para saber se estava agindo de modo estranho. E Scar *tinha* dado uma ótima ideia de presente.

Caminhando até a árvore agora sem pássaros, Simba avistou um pequeno camaleão; sua pele escamosa não estava da mesma cor da árvore onde tentava se esconder. Rastejando mais para perto, quase tocando o chão com a barriga, Simba manteve os olhos no camaleão. Centímetro por centímetro, foi se aproximando até que suas patas tocaram uma das raízes da árvore. Em seguida, levantou a cabeça e emitiu um rugido.

O camaleão não reagiu. Apenas continuou seu caminho.

Simba apertou os olhos. Então o camaleão não se assustou. Bem, ele ia mostrar como soava um leão de verdade. Mais uma vez, tomou fôlego e, com toda a força que seu corpo conseguia reunir, rugiu.

O som ecoou pelas paredes do desfiladeiro, quicando pelas superfícies planas das rochas cor de ferrugem. Simba sorriu observando o camaleão parar no meio do caminho, e ouvindo o eco de seu próprio rugido.

– Viu? – Simba disse, orgulhoso. – Agora você se assustou! – E rugiu de novo.

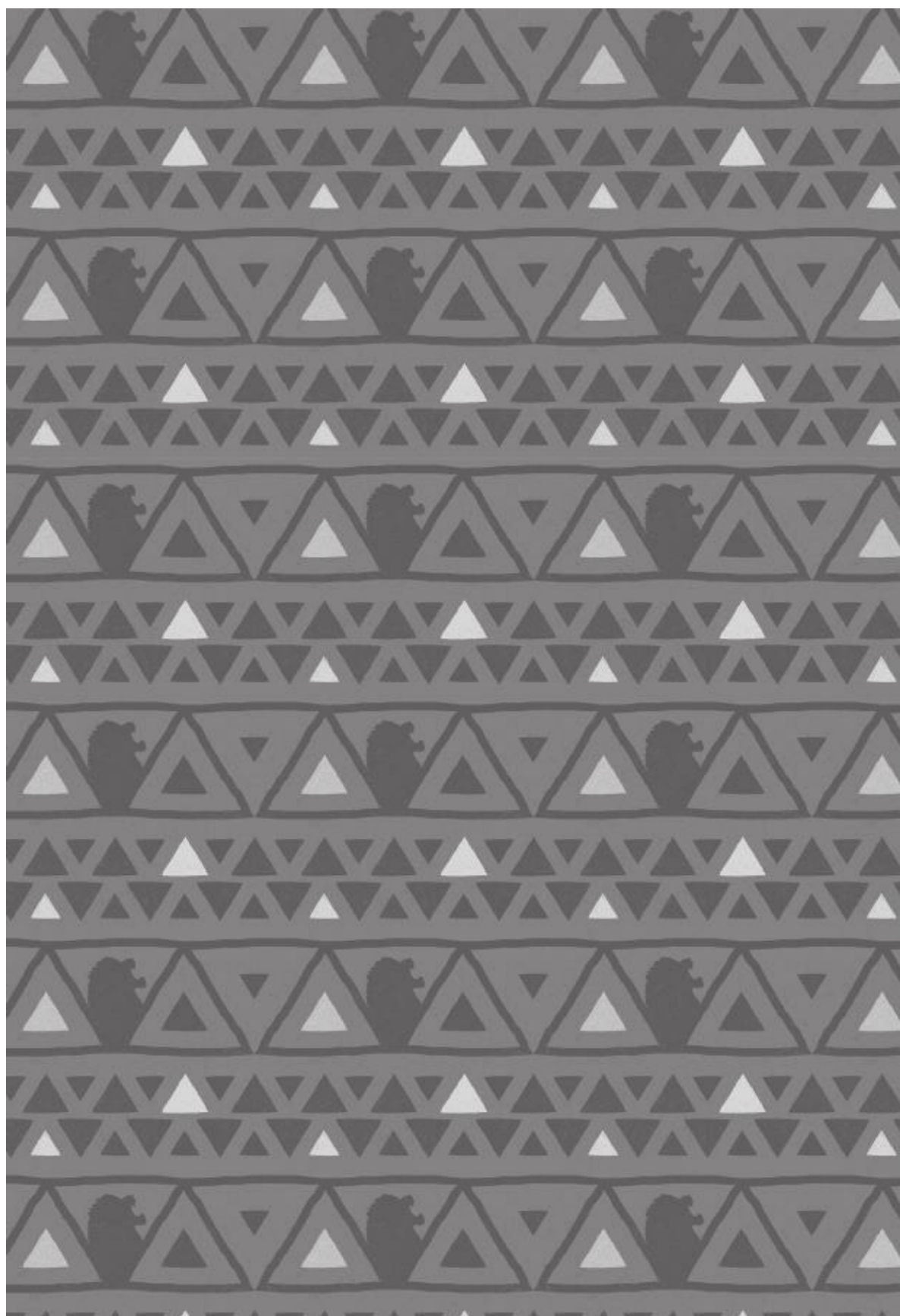
Dessa vez, o camaleão ganhou um tom surpreendente de verde e correu para baixo da árvore, enfiando-se sob uma rocha na base do tronco. Observando-o, Simba sentiu uma súbita sensação de desconforto. Seu rugido não tinha sido assim *tão* bom. O camaleão não deveria ter se assustado ao ponto de voltar à sua cor original. A não ser que...

De repente, ele percebeu que não conseguia mais ouvir seu próprio rugido reverberando pelas paredes do desfiladeiro. O som foi coberto por outro

muito mais alto. Algo que soava como um trovão, só que mais alto que qualquer trovão que já tivesse ouvido antes. Simba levantou a cabeça para conferir se havia nuvens de tempestade no horizonte, e seus olhos se arregalaram. O céu acima do desfiladeiro estava escuro. Mas não havia nuvens.

Uma manada de gnus apareceu no topo do desfiladeiro. Simba observou enquanto centenas de animais pesados se espalhavam pelo cume e começavam a galopar para baixo com selvageria. Grandes e pequenos, os gnus estavam fora de controle; seus urros eram abafados pelo som de seus próprios cascos batendo. Do ponto de vista de Simba, parecia que eles tinham se tornado uma única massa gigante. Uma massa gigante de poeira, barulho e cascos mortais – vindo em sua direção.

Simba se virou para correr pela sua vida.





CAPÍTULO NOVE

Mufasa estava parado, examinando o horizonte. Sua vigília estava tranquila até o momento. Um elefante irritado e duas famílias de suricates brigando por áreas de caça o mantiveram ocupado por um curto período. Fora isso, a savana estava calma, e Mufasa pôde aproveitar o sol em seu pelo e o silêncio, uma raridade para ele. Ele sorriu enquanto sua mente vagava pensando em Simba. Seu filho ficara muito chateado depois do confronto com as hienas – e ele também. Mas naquela noite ele tinha mostrado ao filho os mesmos padrões no céu que seu pai lhe mostrara anos atrás, e qualquer sentimento ruim que ainda remanesca desapareceu.

De repente, sentindo um movimento à distância, Mufasa ergueu a cabeça. Seu sorriso sumiu e seus olhos se estreitaram quando ele viu uma nuvem de poeira subindo do desfiladeiro que cortava o coração das Terras do Reino.

Um bater de asas revelou a chegada de Zazu. Ele já sabia, mesmo antes de o mordomo falar, o que tinha vindo dizer. Ainda assim, permitiu que ele desse seu relatório:

– Alteza, a manada está se movendo – Zazu disse.

Mufasa assentiu.

– Eu sei... – respondeu.

Mas era estranho. A manada tinha acabado de se mudar para a área de caça de verão alguns dias antes. Era improvável que já estivessem saindo de lá. A menos que...

Como esperado, Scar irrompeu através da grama espessa, correndo para eles em máxima velocidade. Derrapou até parar e engoliu em seco, com pânico nos olhos.

– Mufasa! Rápido! Debandada! No desfiladeiro – berrou. Fez uma pausa. Foi só por um momento, mas Mufasa sentiu o coração parar. Porque havia algo nos olhos do irmão que dardejara medo, como uma lança. Então, Scar falou: – Simba está lá embaixo!

– Simba?! – Mufasa repetiu, enquanto o medo se solidificava.

Sem esperar a confirmação, Mufasa se virou e saiu correndo em direção ao desfiladeiro. Acima dele, as largas asas de Zazu batiam selvagememente conforme ele também partia ao encontro de Simba. Eles tinham de encontrá-lo – antes que fosse tarde demais.



Simba correu. Correu o mais rápido que conseguiu. Mas não era rápido o suficiente. Se fosse um leão adulto, talvez tivesse uma chance de sair do caminho da pesada manada de gnus, mas ele não era um adulto. Era só um filhote. Um filhote com um rugido fraquinho e uma habilidade excepcional de se meter em confusão.

Suas patinhas voavam sobre o chão, que tremia enquanto ele contornava uma curva no cânion. A poeira nublava o ar, e tudo o que ele conseguia ouvir era o som dos gnus cada vez mais perto. Quando um deles passou de raspão, Simba vislumbrou um tronco morto, há tempos separado do galho a que pertencia. Naquele momento, era um abrigo. Em uma explosão final de energia, Simba saltou, forçando-se para cima do tronco e se agarrando nele para salvar sua vida.

Abaixo, a poeira se adensava conforme a manada passava como um trovão. O galho tremia com cada gnu, fazendo Simba gritar. *Como é que vou sair dessa?*, pensou, agarrando-se desesperadamente no frágil refúgio. Se conseguisse se livrar dessa confusão, ele nunca mais sairia das Terras do Reino.

Subitamente, através da poeira, Simba vislumbrou um borrão colorido. Opaca no começo, as cores ficaram mais vibrantes até que, com um silvo, Zazu emergiu da poeira.

– Zazu! – Simba gritou.

– Aguenta aí! – Zazu gritou de volta.

E eu tenho escolha?, Simba quase replicou. Mas não disse nada. Zazu estava lá para ajudar. Se lhe disse para aguentar, era exatamente isso o que ia fazer. Mantendo os olhos no bico colorido e brilhante de Zazu, observou o pássaro voar para o cume próximo. Soltou um gritinho feliz quando viu seu pai e Scar juntos. *Scar deve ter contado ao papai que eu estava aqui*, Simba pensou. Não importava mais se seu presente surpresa não fosse mais uma surpresa. Seu pai estava ali. E ia salvá-lo. Como sempre.

Mas Mufasa não se mexia. O enorme leão estava olhando para baixo, para

as laterais do cânion íngreme. Seguindo seu olhar, Simba engoliu em seco. Era um abismo. Mufasa teria que ir até a entrada do desfiladeiro se quisesse descer. E até lá, o galho de Simba – e o próprio Simba – teria sido esmagado em pedacinhos.

Observando ansiosamente, Simba viu seu pai retornar até desaparecer de vista. Então, de repente, ele reapareceu, correndo em direção à ribanceira. Ele saltou – seu corpo arqueou sobre um ponto estreito no desfiladeiro. Ele pousou com um baque do outro lado e, sem parar, começou a correr pelo lado rochoso. A parede oposta era lisa, mas a que Mufasa agora descia era pedregosa. Ainda assim, o salto e o corpo de Mufasa eram poderosos. Alcançando a base, ele continuou correndo para o coração do cânion, para Simba.

O galho de Simba rangia sinistramente. Mufasa pulou em um pequeno platô de pedras do lado oposto.

– Estou chegando, Simba! – gritou, mais alto até do que o som dos gnus em debandada.

Olhando para o mar de corpos marrons e pretos abaixo, os olhos de Mufasa se estreitaram. Simba já tinha visto esse olhar antes. Seu pai estava bolando um plano, sem dúvida. Um momento depois, ele saltou do platô – direto para o meio da manada. Lutando contra o mar de animais, seguiu tentando alcançar seu filho. Acima da ribanceira, Zazu observava em pânico enquanto o rei lutava desesperadamente para chegar até Simba. Mas a manada estava fora de controle. E era enorme. Se não parassem de correr, Mufasa – e Simba – nunca sairiam de lá vivos. Batendo as asas freneticamente, olhou para Mufasa, então para a Pedra do Rei e, então, de volta para Mufasa.

– Vou ajudá-los, Zazu! Salve a alcateia! Vá! – Scar disse.

Zazu se virou, surpreso. Ele quase tinha esquecido que o outro leão ainda estava lá. Não confiava nem um pouco em Scar. Mas ele poderia usar as leoas para fazer os gnus voltarem. Com um aceno, virou-se e voou em direção à Pedra do Rei.

Scar o observou partir com um sorriso de escárnio se espalhando pelo rosto. *Sim, vá embora, passarinho, pensou. Voe para longe, bem longe. Vou tomar conta de Mufasa.* Seu sorriso foi se abrindo mais e mais. Seu plano estava funcionando perfeitamente. As hienas tinham feito a parte delas – assustando os gnus até que eles debandassem –, e Simba fora maravilhosamente ingênuo. Sim, ele com certeza tomaria conta de Mufasa – e de tudo o que pertencia ao rei.



Quase alcançando a árvore, Mufasa soltou um rugido de dor por estar mais uma vez preso do outro lado por conta de um gnu desorientado. Ele podia ver o pânico nos olhos do filho e ouvir os estalos do ramo cada vez mais altos. Ele *tinha* que chegar lá. Estavam ficando sem tempo. Mas, a cada passo, um gnu o empurrava dois passos para trás e o deixava mais fraco.

Lutando contra a dor, Mufasa inclinou a cabeça e, usando-a como um aríete, derrubou um par de gnus em seu caminho. Estava a poucos metros do filho. Mas, para seu horror, enquanto observava, um gnu colidiu diretamente com o ramo. Simba flutuou de ponta-cabeça em direção à manada.

Sem hesitar, Mufasa saltou com as mandíbulas escancaradas. Pegando Simba no ar, ele o segurou gentilmente – mas com firmeza – em sua boca e começou a correr. Por alguns maravilhosos momentos, Mufasa sentiu os batimentos de seu coração se acalmarem. Ele tinha salvado seu filho. Eles ficariam bem.

Então outro gnu bateu nele.

O ar foi arrancado dos pulmões de Mufasa, e Simba de sua boca. O filhote bateu no chão e começou a rolar, quase sendo atropelado por uma dúzia de cascos. A dor reverberou pela lateral do corpo de Mufasa; ele balançou a cabeça e avançou para Simba. Mais uma vez, ele o agarrou e, vendo uma pequena saliência estável, atirou-o nela. Simba estaria a salvo por enquanto. Mas a borda era pequena demais para os dois. Ele precisaria encontrar outro lugar para esperar até que a debandada terminasse.

– Não se mova, filho! – gritou.

Simba assentiu e abriu a boca, mas, antes que pudesse dizer algo, outro gnu acertou Mufasa. Distraído com Simba, o golpe o pegou desprevenido e ele caiu para trás, mergulhando no mar de gnus.

Mufasa vislumbrou borrões azuis e marrons enquanto era jogado de cabeça para baixo. Os trovões dos cascos quase o ensurdeceram, e ele mal conseguia respirar o ar denso de poeira. Até que ouviu uma palavra.

– Pai! – O grito de Simba cortou todos os outros sons, dando a Mufasa uma última explosão de força.

Empurrando-se para cima, para cima, para cima em direção à linha fina de céu azul que conseguia enxergar, Mufasa fugiu da manada e acabou do lado rochoso e acidentado do desfiladeiro. Ferido e sangrando, ele se agarrou às rochas. Sua respiração estava entrecortada e, por um momento, ficou apenas

pendurado, sem saber se conseguiria chegar ao topo. Mas, com o canto do olho, viu Simba observando. Ele *tinha* que continuar. Centímetro por centímetro, penosamente, começou a subir. Suas pernas tremiam e sua visão estava turva, mas ele continuou subindo até que, finalmente, sentiu uma brisa agitar sua juba. Tinha chegado ao topo. Suas patas traseiras percorreram a lateral do penhasco, procurando apoio. Ouvindo passos enquanto se agarrava à borda, levantou a cabeça e encontrou um par de olhos familiares observando-o do topo, em segurança.

– Scar! – gritou. – Irmão! Me ajude...

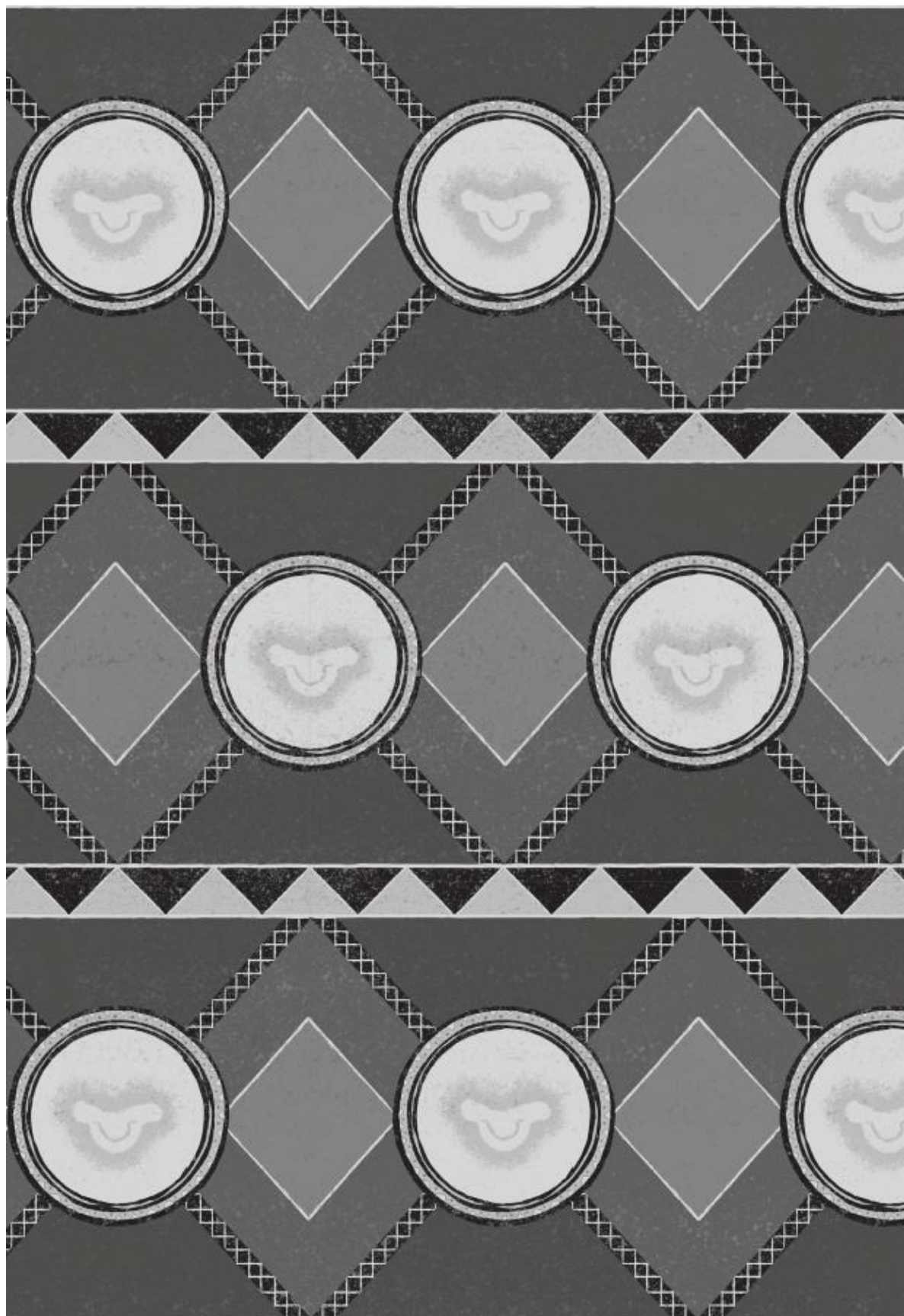
Mas, para sua surpresa, Scar não se moveu. Em vez disso, apenas olhou para baixo, como se estivesse vendo um estranho, e não o próprio irmão. Gemendo, Mufasa se empurrou para cima, apoiando-se na borda.

Finalmente, Scar se mexeu. Só que não para ajudá-lo. O leão estendeu a pata e cravou suas garras bem nas patas de Mufasa, que bradou um grito de surpresa e dor.

– Vida longa ao rei – Scar sibilou.

E então, como se estivesse mirando em uma mosca, Scar acertou Mufasa no rosto e o jogou para trás – para baixo, para baixo, para baixo –, para a poeira e o trovão da debandada.







CAPÍTULO DEZ

– Papai!

Os olhos de Simba seguiram seu pai caindo do topo da ribanceira. Por um momento feliz, Simba pensou que Mufasa tivesse se salvo. Ele o viu se agarrando nas beiradas do precipício, lutando para alcançar a segurança; os músculos de suas patas traseiras eram visíveis mesmo lá de baixo. Simba prendeu o ar na garganta enquanto torcia.

Mas a torcida se transformou em grito quando seu pai caiu para trás, mergulhando direto no mar de gnus. Simba fixou o olhar nele despencando em direção à enorme nuvem de poeira da debandada selvagem. E continuou olhando, mesmo quando seu pai desapareceu sem fazer nenhum som. Em um minuto, Mufasa estava bem ali; no seguinte, não estava mais. Simba ficou olhando até que os gnus começaram a diminuir e a debandada chegou ao fim.

Quando o som dos palpitantes cascos dos gnus não podiam mais ser ouvidos, Simba saltou da rocha e correu para o desfiladeiro, para o local onde tinha visto seu pai cair. Mas, mesmo que a manada não estivesse mais lá, ainda havia muita poeira, tornando difícil enxergar. Simba procurou desesperado, confundindo pedras e montes de sujeira com seu pai.

– Papai! – gritou repetidamente, mas o único som que voltava era sua própria voz, ecoando pelas paredes do cânion.

De repente, enfim ouvindo algo além de sua própria voz, Simba olhou para trás, esperançoso.

– Papai? – chamou.

Enquanto a poeira abaixava, ele notou um gnu solitário atrás da manada. O animal passou por ele sem que Simba sequer o olhasse. Tudo o que via era seu pai caído no chão do desfiladeiro.

Com um grito preso na garganta, correu até ele.

– Papai! – berrou, aproximando-se pela lateral. – Está tudo bem! Vai ficar tudo bem! – Mas seu pai não se mexia. Seus olhos estavam fechados. Suas costelas largas não se moviam com a respiração. Devagar e gentilmente,

Simba estendeu uma pata e o empurrou de leve. – Vamos lá, acorde! Temos que ir pra casa...

Lágrimas começaram a cair. Simba fechou os olhos com força e sacudiu a cabeça, sem querer acreditar, querendo acordar desse terrível pesadelo. Mas, quando abriu os olhos, seu pai ainda estava deitado ali, imóvel. Um calafrio começou a tomar conta de Simba e, apesar do calor do sol no chão do cânion, ele começou a tremer.

– Ajude! Alguém ajude! – gritou.

Mas sua súplica permaneceu sem resposta. Ele estava sozinho. Verdadeiramente sozinho. Deixando escapar um soluço, deitou-se ao lado do pai, aninhando-se nele em uma vã tentativa de encontrar calor em seu corpo. As lágrimas escorriam por sua face enquanto sua pata apertava e afrouxava a juba do enorme leão, em um movimento que tinha se tornado um hábito. Ele pensou nas longas noites aconchegado entre a mãe e o pai, no conforto que sentia na respiração ritmada dos dois, na juba de seu pai cobrindo-o como um cobertor. As lágrimas caíam mais e mais, misturando-se com a poeira no ar e fazendo Simba tossir.

Então, ele se sentou e arregalou os olhos. Ali, emergindo da poeira, estava seu tio. A esperança explodiu em seu pequenino peito. Scar sabia o que fazer. Ele poderia consertar seu pai. Colocando-se de pé, Simba saiu correndo.

– Scar! – gritou com um soluço. – Ajude! Por favor...

Ele tentou abraçar seu tio, mas, para sua surpresa, o leão mais velho se afastou com horror nos olhos.

– Simba... – sussurrou, olhando para Mufasa. – O que você fez?

Simba recuou. O que Scar estava dizendo? Ele não tinha *feito* nada.

– Foi uma debandada. Ele tentou me salvar... Foi um acidente. Não queria que... – Sua voz sumiu, enquanto a dúvida se infiltrava. Não era culpa sua, era? A debandada tinha acabado de acontecer. E seu pai só estava tentando salvá-lo. Não havia nada que ele pudesse ter feito...

Sentindo sua dúvida, Scar colocou uma pata no ombro de Simba.

– É claro que não. Ninguém quer que essas coisas aconteçam – ele disse gentilmente. Simba olhou para cima, assustado com a frieza nos olhos do tio. E então a voz de Scar mudou, ficando mais fria também. – Mas o rei está *morto*. E se não fosse por você... ainda estaria vivo.

Novas lágrimas começaram a cair à medida que Scar proclamava em voz alta todos os pensamentos horríveis que brotavam na cabeça de Simba. E,

pior ainda, Scar falou a única palavra que Simba não tinha nem ousado pensar até aquele exato momento. *Morto*. Seu pai estava morto.

– Seu pai tinha tantos planos para você – Scar continuou, parecendo não se perturbar com as lágrimas do filhote. – Ele te deu tantas oportunidades! E é assim que você o retribui!

– Eu não sabia... – Simba protestou baixinho.

Scar balançou a cabeça.

– O que sua mãe vai pensar? Um filho que causa a morte do pai, um menino que mata um rei?

Simba começou a soluçar mais forte. Seu corpo todo tremia. Sua mãe ficaria devastada. Toda a alcateia o odiaria. Se o que Scar dizia era verdade, ele tinha matado o próprio pai. Ninguém acreditaria que fora um acidente. E, mesmo que acreditassem, nunca o perdoariam. Como poderiam, quando nem Simba conseguia se perdoar? Através do borrão de suas lágrimas, Simba olhou para o tio.

– O que vou fazer? – perguntou, desolado.

– Fuja – Scar respondeu. – Fuja, Simba. Fuja... e não volte nunca mais.

Simba ficou parado ali por um longo momento, chocado com a sugestão do tio. Mas então seu olhar pousou no corpo inerte de seu pai. O tio estava certo. Ele tinha que fugir. Não poderia voltar às Terras do Reino. Não agora nem nunca. Não depois de ter provocado a morte de Mufasa.

Sinto muito, papai, Simba disse, olhando Mufasa pela última vez. *Sinto muito mesmo*.

Em seguida, virou-se e começou a correr.



Scar ficou observando o sobrinho partir e, devagar, um sorriso se espalhou pelo seu rosto. *Bem, isso também funciona*, pensou. Quando elaborou o plano para se livrar de Mufasa, também pretendia se livrar do filhote irritante, o futuro herdeiro do trono. Na verdade, isso era necessário para o seu plano grandioso. Mas fazer Simba se exilar das Terras do Reino provavelmente daria no mesmo.

Ouvindo passos atrás de si, Scar se virou. Emergindo da poeira estavam Shenzi e vinte ou mais membros de seu bando. Ela olhou para o corpo inerte de Mufasa e então para Scar. Assentiu, satisfeita ao ver que Scar estava cumprindo a promessa.

À distância, Simba ficava cada vez menor. Scar observava, pensativo. De fato, Simba no exílio até poderia funcionar. Mas deixava muitas pontas soltas, em sua opinião. E se havia uma coisa de que Scar não gostava eram pontas soltas. Não, não era uma boa ideia deixar o pequeno fedelho fugir. Ele deveria cuidar disso – de um jeito mais *permanente*.

Scar olhou para Shenzi e falou com desdém:

– Mate-o.

As hienas não hesitaram. Ganindo e latindo, saíram atrás de Simba. Quando elas também desapareceram em uma nuvem de poeira, Scar assentiu. *Sim*, pensou. Seria muito melhor assim. Não havia por que correr o risco de que Simba voltasse – nem agora, nem nunca.



Simba correu. Correu e correu, tentando ultrapassar seus pensamentos e a imagem do pai inerte no chão do desfiladeiro. Mas não importava quão rápido corresse, ele ainda o via, ainda ouvia as acusações do tio, ainda imaginava sua mãe de coração partido. Ao pensar nela, Simba diminuiu o passo.

Eu não deveria ir, pensou. Preciso estar lá para ela. Eu que deveria contar...

Fez uma pausa para recuperar o fôlego. Seu pai não aprovaria que ele fosse embora. Não era o que Mufasa faria. Simba era o rei agora. Tinha que agir como um. Com um pouco de esperança, virou-se para voltar. Mas então seus olhos se arregalaram. Ouviu um som terrível, que anunciava um bando de hienas correndo, levantando uma nuvem de poeira a menos de um quilômetro de distância. Um momento depois, ouviu suas gargalhadas trazidas pelo desfiladeiro, ecoando sinistramente pelas paredes.

Simba emitiu um grito assustado e imediatamente se virou para correr de novo. Ele precisava sair dali. Naquele instante.

Conforme corria, as laterais do desfiladeiro começaram a se estreitar. Pequenos buracos apareceram em ambos os lados, levando a túneis que seguiam o comprimento das paredes. Atrás dele, os gritos das hienas ficavam cada vez mais altos à medida que elas se aproximavam. Esgueirando-se para dentro de um dos buracos, Simba começou a escalar freneticamente. O espaço era muito pequeno para as hienas maiores, e elas berravam de frustração ao serem forçadas a se virar e a dar a volta, seguindo a parede até

encontrar outro buraco. Empurrando-se em um desses buracos, elas se atropelavam, desesperadas para cravar os dentes no pescoço de Simba.

Felizmente para Simba, os túneis eram todos conectados, e o peso das hienas foi o suficiente para fazer com que as pedras soltas deslizassem para baixo, formando uma escada natural. Com agilidade, Simba começou a subir em direção ao topo da ribanceira, irrompendo no sol um momento depois.

Seu triunfo foi breve, no entanto. Ele tinha alcançado o topo, mas não havia nada ali a não ser um pequeno morro e um penhasco. Não havia para onde ir.

Logo em seguida, uma enorme hiena apareceu atrás dele. Suas mandíbulas gigantescas estalaram e baba escorreu, cobrindo a rocha de uma camada viscosa de saliva. A criatura avançava. Simba olhou para a frente e para trás, entre a hiena e o precipício, incerto sobre qual era a pior opção. Até que a hiena atacou.

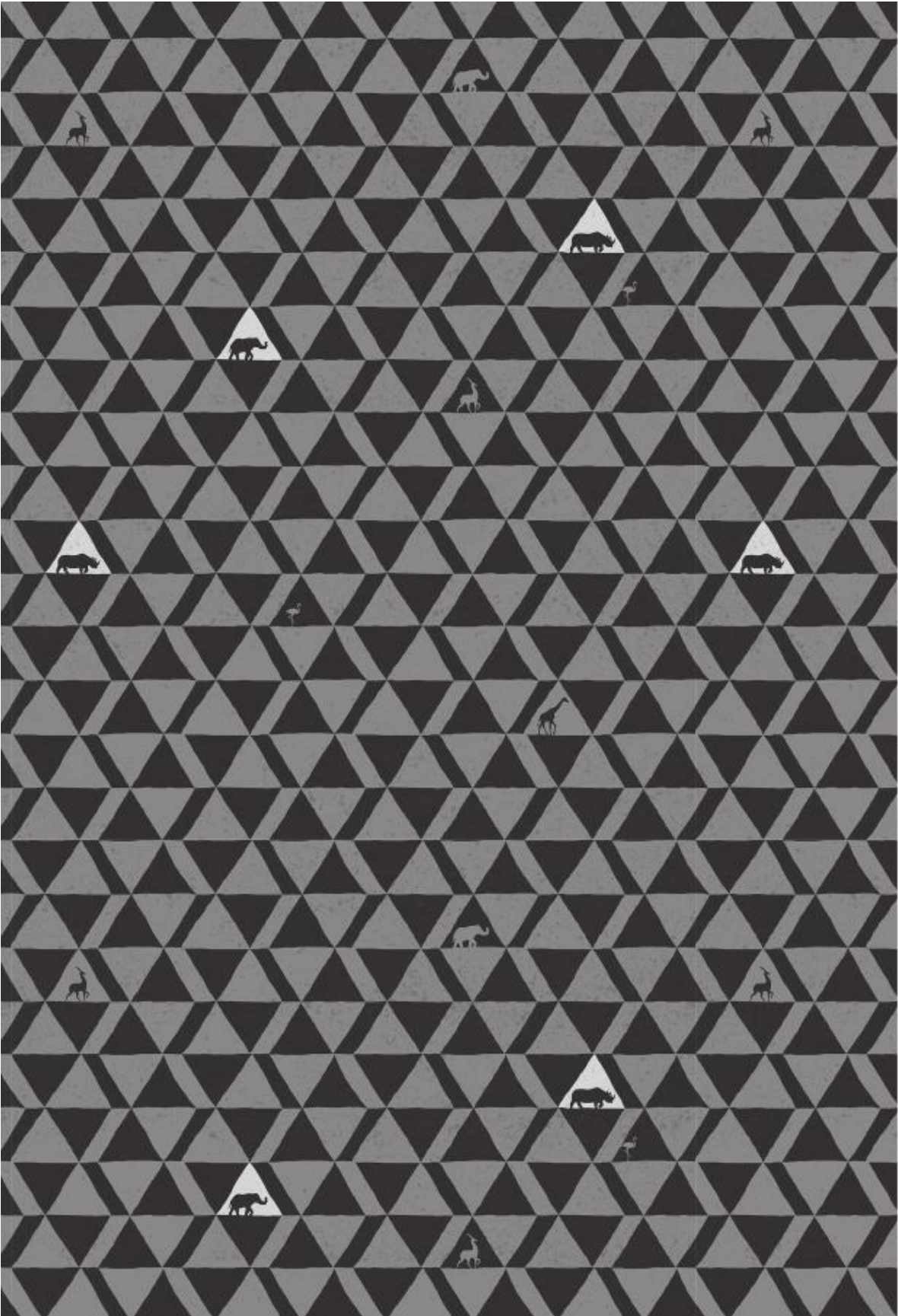
Simba não hesitou. Soltando um berro, jogou-se no penhasco. Segundos depois, a hiena seguiu, não por escolha, mas porque seu ataque a impulsionou para a frente. Juntos, eles caíram no ar. O chão pareceu terrivelmente distante do topo da ribanceira, mas, naquele momento impotente, aproximava-se rápido demais. Havia um dossel espesso de árvores abaixo, que permitia apenas entrever o chão duro.

O dossel estava cada vez mais perto.

Simba fechou os olhos enquanto, atrás dele, a hiena continuava rosnando e golpeando. Então atingiu a copa de uma árvore e começou a ser atirado de galho em galho; por um instante, ele só ouvia o som de seu próprio corpo batendo contra a madeira alta. A dor era excruciante. Depois, como se de uma enorme distância, Simba ouviu o som dos gritos da hiena, que também tinha caído nas árvores. Durante o que pareceu uma eternidade, Simba foi caindo e caindo até que, finalmente, com um baque, aterrissou com força em um galho largo. Com agilidade, estendeu a pata para se agarrar à madeira, que lhe oferecia uma salvação.

Liberando um suspiro profundo, ficou ali, tentando acalmar o coração. Olhou para cima, para cima, para cima, para a ribanceira lá longe. Não dava para confirmar se ainda restava alguma hiena, mas elas deviam pensar que ele estava morto. Ele *deveria* estar morto. Mas de alguma forma não estava. Colocando-se de pé, caminhou pelo galho até o tronco da árvore. Fincando suas garras na madeira, desceu lentamente para o chão, deslizando e escorregando.

Por fim em terra firme, viu a hiena deitada imóvel entre as folhas. Simba não hesitou. Saltou por ela e começou a correr novamente. Ele queria se afastar o máximo possível da ribanceira e das hienas. Ele tinha sido tolo ao pensar em voltar. Ele nunca poderia voltar.





CAPÍTULO ONZE

Scar olhava o sol lentamente avançando sobre o horizonte distante. Quando a luz tocou a savana, a grama explodiu em ouro e laranja, como se estivesse em chamas. Era um lindo começo de dia. Um dia que ele esperara por... por um longo, longo tempo.

Virando as costas para o nascer do sol, Scar olhou para os leões reunidos. Eles o encaravam com suspeita nos olhos. Alguns eram perspicazes o suficiente para parecerem assustados, sentindo que algo não estava certo. Mais cedo, sua chegada ao topo da Pedra do Rei gerou uma confusão. Ele nunca tinha se aventurado por ali, acima de sua toca. Sem proferir uma palavra às outras leoas, fora até Sarabi e lhe dera a notícia da morte de Mufasa.

Foi um momento maravilhoso. Exatamente como ele sempre tinha imaginado. Ver os olhos de Sarabi se enchendo de compreensão e, em seguida, devastação, assim como ouvir as outras leoas levantando as cabeças e rugindo de pesar. Mas Scar permanecera em silêncio, aguardando seu momento.

E então sua hora chegou.

– A morte de Mufasa é uma tragédia terrível – anunciou para a alcateia. – Ele foi o maior líder que já conhecemos. Perder um irmão... é uma perda pessoal muito profunda. E o pequeno Simba... – Sua voz sumiu ao passo que fingia estar dominado pela emoção.

Não, ele *estava* dominado – só não pela tristeza. Quando Shenzi o informou que Simba tinha caído do penhasco, seu plano se completou. O que ele sentia agora era simples: felicidade. Ou pelo menos sua versão de felicidade.

Respirando fundo, Scar olhou para Sarabi e continuou:

– Simba... que mal tinha começado a viver. Um filhote cujo sangue carregava nosso futuro. – Ele balançou a cabeça. – É quase demais para suportar. Só queria ter chegado ao desfiladeiro a tempo, queria ter estado lá

para salvá-los.

Virando as costas para as leoas, ele se dirigiu ao topo da Pedra do Rei. *Ah, eu sou bom*, pensou, mantendo a cabeça firme e os passos lentos e penosos, como se o peso do que estava prestes a fazer caísse sobre ele. *Quem não acreditaria nessa performance? Mufasa podia ter músculos, mas tenho o dom da atuação.*

Ao chegar ao topo da pedra, ele se virou. Atrás de si, o sol se erguia completamente sobre o horizonte.

– Então, é com o coração pesado que devo assumir o trono – Scar continuou, tentando manter sua voz solene.

As leoas começaram a murmurar, e Scar viu Sarabi dar um passo à frente, balançando a cabeça. Ela podia balançar a cabeça o quanto quisesse. Não tinha escolha. Teria que segui-lo. A menos que...

– Mufasa e Simba se foram. O que significa que sou seu rei! Mas devo admitir que não posso assumir esse fardo sozinho. Afinal, não há rei sem uma rainha.

Ele fez uma pausa, esperando Sarabi ceder. Para seu aborrecimento, ela rosnou, sacudindo a cabeça. Ele franziu a testa, mas não a apressou. Ela concordaria. Tinha que concordar – depois de ver o que ele tinha em mente. Mas, até lá, ainda havia mais uma carta na manga.

– E eu precisarei de ajuda para garantir a nossa segurança!

Olhando para além das leoas, Scar deu um aceno. Um momento depois, Shenzi, seguida por seu bando, esgueirou-se para a Pedra do Rei. As leoas rosnaram, colocando-se na frente de seus filhotes, enquanto as hienas se aproximavam e subiam nas pedras, invadindo cada canto e recanto do lar dos leões.

– E então, das cinzas dessa tragédia, saudaremos o alvorecer de uma nova era – Scar anunciou. – Um grande e glorioso futuro!



Sarabi assistiu às hienas lentamente ocuparem seu lar. Suas peles sujas e pulguentas eram opacas e sem vida, e suas gargalhadas malignas lhe causavam arrepios no pelo. Elas não pertenciam à Pedra do Rei. Levantando a cabeça a fim de olhar para Scar, ela entendeu que ele também não pertencia. Isso estava errado. Tudo estava tão errado!

Mufasa tinha partido. Simba tinha partido. Seu mundo inteiro estava

partido. E agora, para piorar, Scar ia permitir que as hienas tomassem as Terras do Reino. Fazendo um sinal para as outras leoas, ela se virou para voltar à toca, com a mente acelerada e o coração ferido. Deu uma olhada para onde ela, Mufasa e Simba sempre dormiam, querendo somente se deitar, fechar os olhos e acordar desse pesadelo terrível. Mas sabia que isso não aconteceria. Ela nunca mais sentiria o calor de Mufasa ao seu lado. Nunca mais seguraria seu filhote nas patas ou ouviria sua risadinha alegre. Simba nunca mais os acordaria para ver o sol nascer nem brincaria de esconde-esconde com Nala e os outros. Scar estava certo sobre uma coisa: a vida de Simba tinha terminado muito cedo. Ele deveria estar ali, com ela. E Mufasa também.

Com o coração pesado de dor, ela se virou para as outras leoas. Podia ver o medo nos olhos delas e queria oferecer conforto, mas mal conseguia oferecer conforto a si mesma. Estava paralisada. Estava paralisada desde que Scar aparecera na toca e contara o que tinha acontecido. Ele tinha agido como se estivesse abalado, mas Sarabi duvidava. Não havia amor entre os irmãos. Sarabi tinha tentado fazer Mufasa falar com ela sobre isso, mas ele sempre mudava de assunto, preferindo tópicos como o tempo ou a situação do reino. Ela nunca o pressionou, mas agora se arrependia. Seria bom saber mais sobre Scar – agora que ele era o líder.

O que vamos fazer?, pensou enquanto alguns dos filhotes, alegremente alheios ao que tinha acontecido, começaram a brincar. Não podemos deixar as hienas tomarem o reino. Elas vão destruir tudo... vão destruir a *todos*.

– Sarabi?

Olhando para baixo, Sarabi viu Nala parada à sua frente. Lágrimas enchiam os olhos da pequena, e o coração de Sarabi se partiu mais uma vez. Ela percebeu que não era a única que tinha perdido Simba. A pobre Nala tinha perdido seu melhor amigo.

– Sarabi, o que Scar quis dizer com “nova era”? – Nala perguntou. – As hienas vão ficar?

Suspirando, Sarabi abaixou a cabeça e a encostou gentilmente na cabeça de Nala. O movimento, que já tinha feito centenas de vezes com Simba, encheu Sarabi de dor. Ela respirou fundo, inalando o aroma da toca e do olho-d’água no pelo de Nala – um cheiro tão parecido com o de Simba. Tão parecido e tão diferente.

Como tudo a partir de agora.

– Honestamente, não sei, Nala – Sarabi enfim disse, erguendo a cabeça.

Ela se levantou e voltou para a entrada da toca. Lá fora, as hienas estavam se servindo da comida que as leoas tinham caçado. Ela ouviu seus beliscões e rosnados enquanto brigavam entre si pelas sobras. Os leões nunca beliscavam ou rosnavam. Eles caçavam o que era necessário e dividiam igualmente.

– Acho que Scar pensa que podemos viver com as hienas – continuou. – Mas leões e hienas nunca conseguiram conviver pacificamente...

– Mufasa nunca permitiria isso. Sinto falta dele – Nala disse baixinho.

– Eu também, querida. Sinto muita falta dele.

– O que vamos fazer? – Nala pressionou. Atrás dela, alguns dos filhotes mais velhos tinham se aproximado, interessados em ouvir o que Sarabi dizia.

Olhando para seus rostos, Sarabi viu Simba em cada um. Não podia decepcioná-los. Eles precisavam ter algo em que acreditar. Era o que Mufasa ia querer e o que Simba merecia. Erguendo a cabeça, ela deu um aceno determinado.

– Nós vamos ser firmes. Não vamos deixar as hienas tomarem o reino. Isso é o que Scar quer, mas não vai acontecer – disse, corajosa. Então fez uma pausa.

Ela não confiava em Scar. Não acreditava no olhar dele ao dizer que Mufasa e Simba tinham morrido. Ele parecia quase ávido para lhe contar. E depois fez o comentário sobre ser sua rainha. Ela *nunca* seria sua rainha. Mufasa permaneceria em seu coração pelo resto de sua vida.

Mesmo que as palavras dele soassem sinceras e sua declaração sobre um futuro glorioso fosse promissora, Sarabi não se enganou. A mudança das hienas para a Pedra do Rei era só o começo. As coisas iriam piorar. E era seu trabalho, como rainha, acalmar e proteger os leões da melhor forma que pudesse.

– Não sei o que vai acontecer – Sarabi finalmente disse. – Mas prometo a vocês que vou fazer o que puder para ajudar. Vamos deixar as hienas pensarem que ganharam. Deixem Scar pensar que vai levar adiante seu “futuro”. Saberemos que não é a verdade. Manteremos nossas cabeças erguidas e os ouvidos abertos. – Ela olhou para as leoas mais velhas. – Quando ele nos pedir para caçar, não voltem sempre vitoriosas. Melhor passar fome do que alimentar aquelas hienas sarnentas. Nunca vão a lugar algum sozinhas. Precisamos uns dos outros, de nossa família, mais do que nunca.

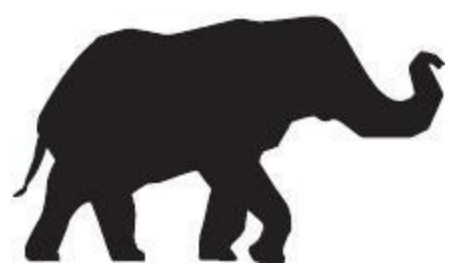
As outras leoas murmuraram em concordância. Sarabi sorriu gentilmente. Todos estavam sofrendo uma perda. E, mesmo assim, ainda estavam ali,

fortes. Olhando mais uma vez para fora da toca, ela deu outro aceno determinado.

– Prometo a vocês. A Pedra do Rei sempre será nosso lar...

Pelo menos eu espero, pensou enquanto olhava para o límpido céu azul, estranhamente pacífico quando ela se sentia tão tempestuosa por dentro. *Porque, depois de tudo o que perdi hoje, não posso perder meu lar também.*





CAPÍTULO DOZE

Cada osso no corpo de Simba doía. Sua cabeça latejava e seus olhos estavam inchados. Um lado de seu corpo ardia no solo do deserto, assim como o outro, que estava exposto ao sol.

Ele estava deitado ali pelo que pareciam dias. Depois da queda do penhasco, só se virou e correu cegamente. Seu único objetivo: se afastar tanto quanto fosse possível das hienas e das Terras do Reino.

Simba correu. Logo as gramas da savana deram lugar à areia fofa, que, por sua vez, deu lugar a um mar sem fim de poeira marrom. O chão compactado, rachado pelo sol implacável que o golpeava dia após dia, não oferecia proteção para o jovem filhote. Ele tinha fugido sem água ou comida, avançando devagar enquanto seus pensamentos o ultrapassavam. Imagens de seu pai caindo passavam pela sua mente. Ele viu o olhar de espanto e horror de Scar. Sua cabeça trovejava com o som dos gnus. E em meio a tudo isso, indo e vindo entre suas outras visões, imaginava sua mãe. Via seus olhos cheios de lágrimas enquanto ela recebia a notícia da morte de Mufasa e imaginava sua raiva ao perceber que ele era a razão de o rei ter morrido. Aquele pensamento sozinho era suficiente para manter Simba correndo. Ele nunca poderia voltar – não depois de ter decepcionado todo mundo.

Mas agora voltar não seria um problema, já que provavelmente morreria ali. Sobre sua cabeça latejante e sua respiração sofrida, ele podia distinguir o som de urubus batendo asas logo acima. Eles sempre vinham quando um animal estava próximo do fim. O prenúncio da morte, como diziam. O som ficou mais alto quando os enormes pássaros desceram e pousaram perto. Começaram a rondá-lo, e Simba tentou abrir os olhos, mas o menor movimento provocava dor em seu corpo e ele finalmente desistiu, deixando as pálpebras fechadas, bloqueando o sol forte e mantendo-se no escuro.

Então, de repente, ouviu as asas dos urubus se agitarem enquanto eles gritavam uns com os outros. Um momento depois, percebeu o som inconfundível de cascos, e o chão abaixo dele tremeu. Bem quando uma onda

de exaustão o deixou inconsciente, pensou ouvir uma voz alta. A última coisa que escutou antes de apagar foi alguém gritando:

– Boliche de urubus!



Pumba deu um passo para trás. O javali gostava de tomar um impulso para jogar boliche de urubus. Abaixando a cabeça, bufou alto e esperou os pássaros se acomodarem. Era muito mais divertido jogar boliche com um monte de urubus juntos. E se havia uma coisa que Pumba gostava era de diversão.

Na verdade, tanto ele quanto seu melhor amigo, Timão, adoravam diversão mais que qualquer outra coisa. Era por isso que eram tão bons amigos, mesmo que ele fosse um javali e Timão fosse um suricate. E, como Timão gostava de dizer, Pumba era a força enquanto Timão era o cérebro. Mas, apesar das diferenças, eles eram melhores amigos.

Percebendo que era o momento certo, Pumba pisou forte no chão e mais uma vez mirou nos urubus. Quando atingiu alguns, poeira e penas voaram pelo ar, assim como os pássaros restantes. Pumba soltou outro gritinho feliz.

– E pensar que acordei hoje sem nada pra fazer. Agora olhe o que conquistei – disse.

Timão, que estava se escondendo nas costas de Pumba para evitar as penas e a sujeira desnecessária, apareceu. Seus grandes olhos, que tinham um contorno preto, moviam-se nervosamente para lá e para cá. Ele estava sempre atento a qualquer perigo. Isso era coisa de suricates. A menos que estivessem seguros embaixo da terra, eram criaturas altamente nervosas. E Timão era mais nervoso que a maioria.

Ele também era mais faminto que a maioria dos suricates. Estava sempre pensando em comida.

– Tem algum ovo aí? – perguntou avidamente, olhando para os pássaros que ainda estavam em um estado de choque. – Por favor, diga-me que tem ovos! Se você assustar direito, os ovos aparecem voando.

Pumba balançou a cabeça.

– Nada de ovos dessa vez. – Então ele fez uma pausa, inclinando a cabeça. Além das aves, viu algo que não tinha percebido antes, ocupado com o boliche de urubus e tudo mais. Estreitou os olhos, tentando descobrir o que era. – Olhe, Timão. Tem uma bolinha de pelo amarelo ali – disse.

– Sempre quis uma bola de pelo – Timão disse, batendo as mãos ansiosamente. Incitando Pumba para a frente, Timão olhou para a bola. – É bem do meu tamanho!

Enquanto olhavam para a bolinha fofa, os olhos de Pumba se estreitaram. Havia algo... diferente... naquilo. Ele não conseguia dizer bem o quê. Até que entendeu.

– Espere um pouco. Essa bola de pelo tem quatro patas e um rabo.

Timão encolheu os ombros.

– Não ligo. Sou um suricate pelado. As noites são geladas. Esse pelo é meu!

– Timão... acho que ela está viva – Pumba disse, mantendo os olhos na bola de pelo. De fato, parecia que ela estava respirando.

Balançando a cabeça, Timão pulou das costas de Pumba e se aproximou da bola.

– Viva? – repetiu. – Por que tudo tem que estar vivo? Porque se essa bola de pelo estiver viva, é um... – Abaixando-se, Timão ergueu a pata da bola. Então soltou um grito. – Leão! Corra pela sua vida, Pumba! Corra! – Rapidamente, subiu nas costas de Pumba e se abaixou para se esconder.

Mas Pumba não correu nem se afastou. Em vez disso, chegou mais perto. Abaixando a cabeça, sorriu.

– Timão, é só um leãozinho – disse, com uma voz suave e melosa. – E ele é tão fofo...

Timão desceu e estreitou os olhos.

– Ah, sim, ele é adorável – disse, cheio de sarcasmo. – Um monstro de duzentos quilos que vai beber meu sangue. Podemos chamá-lo de... – Ele fez uma pausa dramática: – Por favor, não me coma!

Ignorando o amigo, Pumba continuou olhando para o leão. Então examinou ao redor, apertando os olhos. Eles estavam no meio do deserto, a quilômetros de qualquer lugar por onde um leão normalmente vagaria. Não havia nenhuma outra criatura à vista, muito menos um leão.

– Ele está sozinho – Pumba disse, triste. Então seu rosto se iluminou conforme uma ideia maravilhosa tomava forma. – Podemos ficar com ele? Prometo passear com ele todos os dias! E limpar sua bagunça...

Timão levantou um dedo, interrompendo Pumba no meio da frase. Ele já tinha visto seu amigo ficar animado assim antes. Uma vez deixara Pumba levar para casa um besouro depois que o javali implorou e implorou. Mas essa história não terminou nada bem. E ele duvidava que esta terminaria.

– Você vai ser a bagunça dele – observou. – Ele vai te comer e me usar como palito de dente!

– Alguns dos meus melhores amigos são carnívoros – Pumba disse. – E um dia, quando ele for grande e forte, estará do nosso lado!

– Isso é a coisa mais estúpida que já ouvi na vida – Timão rebateu. – Um dia ele estará do *nosso* lado! – Ele começou a rir, e sua barriguinha se agitou. Mas, de repente, parou. Seus olhos se arregalaram. Seu focinho se retorceu. Então ele soltou um grito. – Saquei! – berrou alegremente. – E se ele estiver do *nosso* lado? – perguntou, repetindo o que Pumba tinha dito segundos antes como se fosse uma ideia totalmente original sua. – Sabe, ter um leão feroz por perto pode não ser uma ideia tão ruim.

Pumba começou a pular de alegria. Ignorando o fato de que Timão tinha roubado completamente sua ideia (ou talvez apenas indiferente), olhou alegremente para o leão.

– Então podemos ficar com ele? – perguntou, animado.

– É claro que vamos ficar com a bola de pelo! – Timão respondeu. – Quem é o cérebro dessa operação?

Bem nesse momento, os olhos do leão tremeram e se abriram.

Timão soltou um gritinho e pulou em Pumba. Ele podia ser o cérebro, mas definitivamente não queria ser o lanchinho da manhã. Seria mais seguro esperar ali e ver o que acontecia...



Simba ouviu vozes distantes, como se quem quer que estivesse falando estivesse no fim de um longo túnel. Uma parte dele queria ficar de olhos fechados, na esperança de que eles apenas fossem embora e o deixassem em paz. Mas outra parte, principalmente a parte de estômago vazio, não concordava.

Lentamente, Simba abriu os olhos. Primeiro, tudo o que conseguia ver eram a luz ofuscante do sol e depois pontos luminosos enquanto piscava. Eram como pequenas estrelas no céu escuro e sumiram após um tempo. Então tentou de novo. Dessa vez, abriu os olhos devagar, permitindo que se ajustassem à luz.

Para sua surpresa, deparou-se com um suricate e um javali olhando para ele. O suricate parecia nervoso, mas o javali estava empolgado por vê-lo. Simba inclinou a cabeça.

– Quem... quem são vocês? – perguntou. Sua garganta seca fez as palavras saírem roucas.

– Somos os caras que salvaram sua vida – o suricate respondeu. – Arriscamos tudo, lutamos com urubus raivosos!

– Eu sou Pumba – o javali disse, lançando um olhar para seu amigo que Simba não conseguiu decifrar. – E este é Timão.

O suricate acenou com a cabeça.

– Havia centenas deles – continuou, claramente obcecado pelos urubus. – Foi horrível. Não precisa nos agradecer. – Ele parou e esperou os agradecimentos pelos quais não tinha pedido. Diante do silêncio de Simba, Timão encolheu os ombros. – Já mencionei que salvamos sua vida?

Simba suspirou. *Queria que não tivessem salvado*, pensou. *Livraria todo mundo de um monte de problemas*. Colocando-se de pé, virou as costas para Timão e Pumba, e lentamente começou a ir embora. A cada passo, sentia como se estivesse pisando em cacos de vidro. Seu estômago roncou, suas entranhas se retorcendo em protesto pela falta de comida.

– Ei! – gritou Timão. – Aonde está indo?

– Não importa – Simba respondeu enquanto caminhava.

Vendo uma pequena poça suja, abaixou a cabeça e bebeu uns goles. A água estava quente e cheia de areia, mas pelo menos matou sua sede. Todas as vezes em que reclamou de ter que ir até o olho-d'água passaram pela sua cabeça. O que não daria para ter a chance de ir lá agora... Para estar com sua mãe ou com Nala. Seus ombros se afundaram e ele parou de beber. Para que pensar nessas coisas?

Atrás dele, Simba ouviu a voz preocupada de Pumba.

– Está tão triste... A gente tem que ajudar, Timão! – Simba ouviu cascos e então Pumba apareceu ao seu lado. – Ei, garoto, o que está roendo você?

Antes mesmo que Simba pudesse responder, Timão apareceu.

– Nada – respondeu. – Ele está no topo da cadeia alimentar! – Fez uma pausa e olhou, cheio de expectativa, para o leão e o javali. Ambos o olharam de volta sem expressão. – Sacou? – pressionou. Nada. – Cadeia alimentar? – Nada ainda. Encolhendo os ombros, Timão desistiu: – Então, de onde você é?

– Quem se importa? – Simba rebateu. – Não posso ir pra casa. – Ele ficou surpreso com o tom de derrota em sua própria voz. Mas era a verdade. Que bem faria contar a Timão e Pumba sobre sua vida antiga? Era uma vida que ele nunca poderia ter de volta.

Timão inclinou a cabeça.

– Então, se você não pode ir pra casa... – disse, enquanto outro pensamento vinha à sua mente. – Significa que alguém de lá vai vir procurar você? E por alguém quero dizer uma fera enorme e peluda.

– Ninguém nunca vai vir me procurar – Simba disse baixinho.

Para sua surpresa, Pumba pareceu encantado com a resposta.

– Sem família! Então você é um rejeitado! – gritou.

Timão estava contente também.

– Ótimo! Nós também! – Batendo as mãos, ele deu a Simba um enorme sorriso. Pela primeira vez desde que abrira os olhos e encontrara os dois, o suricate pareceu relaxar. Simba ficou observando enquanto Timão se sentava no chão perto da poça de lama e colocava as mãos atrás da cabeça. – Conte pra gente, garoto. Adoramos uma boa história de rejeitados.

Pumba se jogou no chão também.

– Essas histórias me fazem chorar. Especialmente se o rejeitado cai em um buraco e tem que comer o próprio pé.

Simba olhou de um para o outro da estranha dupla. Estariam falando sério? Era difícil saber. Mesmo que estivessem, não era como se ele fosse contar a eles tudo o que tinha acontecido.

– Deixe-me adivinhar – Timão disse. – Você era pequeno demais?

Simba balançou a cabeça.

– Lento demais? – Timão perguntou.

Simba balançou a cabeça de novo.

– Ansioso? Agressivo? Invejosos?

Simba continuou apenas balançando a cabeça. Mas as perguntas incessantes do suricate o fizeram rir de leve. Por um breve momento, ele quase teve vontade de dar risada. Então Pumba falou, e a sensação sumiu.

– Também gosto das histórias em que o rejeitado acidentalmente come um parente – o javali disse, enquanto lágrimas brotavam em seus olhos com a simples menção.

O coração de Simba começou a bater rápido em seu peito. Será que eles sabiam de algo? Será que a notícia sobre o que fizera já tinha saído das Terras do Reino? Será que eles estavam só tentando fazê-lo admitir para terem a confirmação de que era um assassino? Mas Timão continuava a listar as razões de Simba ser um rejeitado, e o jovem leão percebeu que estava sendo paranoico. A dupla não sabia de nada. Eles só eram meio bobos e estavam brincando de adivinhar. Mas, bobos ou não, eles o lembravam de tudo o que tinha perdido. Lentamente, Simba começou a se afastar. Ele não queria ficar

lá.

– Fiz algo terrível – disse, cortando Timão. – Não quero falar sobre isso. Me deixem em paz.

Simba se virou e começou a ir embora. Mas a combinação de falta de comida, coração partido – ainda acelerado – e sol inclemente era demais para ele. Sua visão ficou turva, e então, com um barulho seco, caiu no chão duro. Ficou ali, ofegando pesadamente enquanto Timão e Pumba corriam até ele.

– Garoto! – Pumba disse, escorregando até parar ao lado dele.

A preocupação estava estampada em seu rosto. Abaixou a cabeça e gentilmente cutucou Simba com a ponta de uma das suas presas. Como Simba não se mexeu, Pumba abaixou a cabeça mais uma vez, só que dessa vez Timão deu uma mão também, e juntos eles colocaram Simba de pé. O leão suspirou profundamente.

– Podemos fazer algo? – implorou Pumba, claramente aflito por ver o filhote de leão tão infeliz.

Simba balançou a cabeça. O antigo Simba teria agradecido. Ele provavelmente teria até se divertido contando ao javali e ao suricate suas aventuras malucas e que tipo de rei ele seria um dia. Mas agora só o que conseguia pensar era no que *tinha* acontecido. Só o que via era o corpo inerte de seu pai. Só o que imaginava era o olhar de decepção no rosto de sua mãe e de Nala.

– Nada, a menos que você possa mudar o passado – ele finalmente disse.

– Ninguém pode mudar o passado – Timão observou. – Mas o futuro... é nossa especialidade.

Apesar de tudo, Simba olhou para ele, intrigado.

– Você pode mudar o futuro? – perguntou.

Pumba fez que sim.

– Vamos ficar felizes em mudar o seu! É fácil! – exclamou.

Simba não entendeu.

– Como você pode mudar algo que não aconteceu?

Empolgado por ser questionado sobre algo que podia responder – e parecer esperto –, Timão levantou um dedo. Sempre dramático, esperou por um longo momento antes de falar.

– Bem, para mudar o futuro, você tem que deixar o passado para trás. – Com o dedo, apontou para trás.

– Bem longe – Pumba concordou. – Coloquei o meu atrás daquela pedra. Ou foi daquela ali? – O javali, distraído por um momento, começou a farejar

uma pilha de pedras que pareciam iguais.

Simba os observou, com uma expressão confusa se espalhando pelo rosto. Timão era ridículo. Não havia como mudar o futuro, não importava o que dissesse. E Pumba era simplesmente um tolo. Ainda assim... ele não podia deixar de ouvir Timão. Esquecer o passado? Ser capaz de seguir em frente? Soava melhor que o que tinha agora, isso era certo.

– Olhe, garoto – Timão continuou. – Coisas ruins acontecem... e você não pode fazer nada, certo?

– Certo.

Para a surpresa de Simba, Timão balançou a cabeça.

– Errado! – gritou. – Quando o mundo vira as costas pra você, você vira as costas pro mundo! – Sua voz ficou mais alta conforme ele se empolgava.

Simba ouvia com interesse crescente enquanto Timão e Pumba explicavam o que ele tinha de fazer como um rejeitado. Eles tinham um plano, aprendeu rapidamente, que incluía deixar o passado para trás, abraçar o futuro e esquecer qualquer erro.

Quando eles pararam de falar, Simba apertou os olhos.

– Não foi o que me ensinaram – disse, pensando sobre o Ciclo da Vida que seu pai tinha descrito. Como tudo estava conectado, como nada era esquecido e como tudo era importante. Era exatamente o contrário do que Timão e Pumba estavam dizendo.

Timão sacudiu a cabeça.

– Talvez você precise de uma nova lição – sugeriu. – Repete comigo: *Hakuna Matata*.

– O quê? – Simba perguntou.

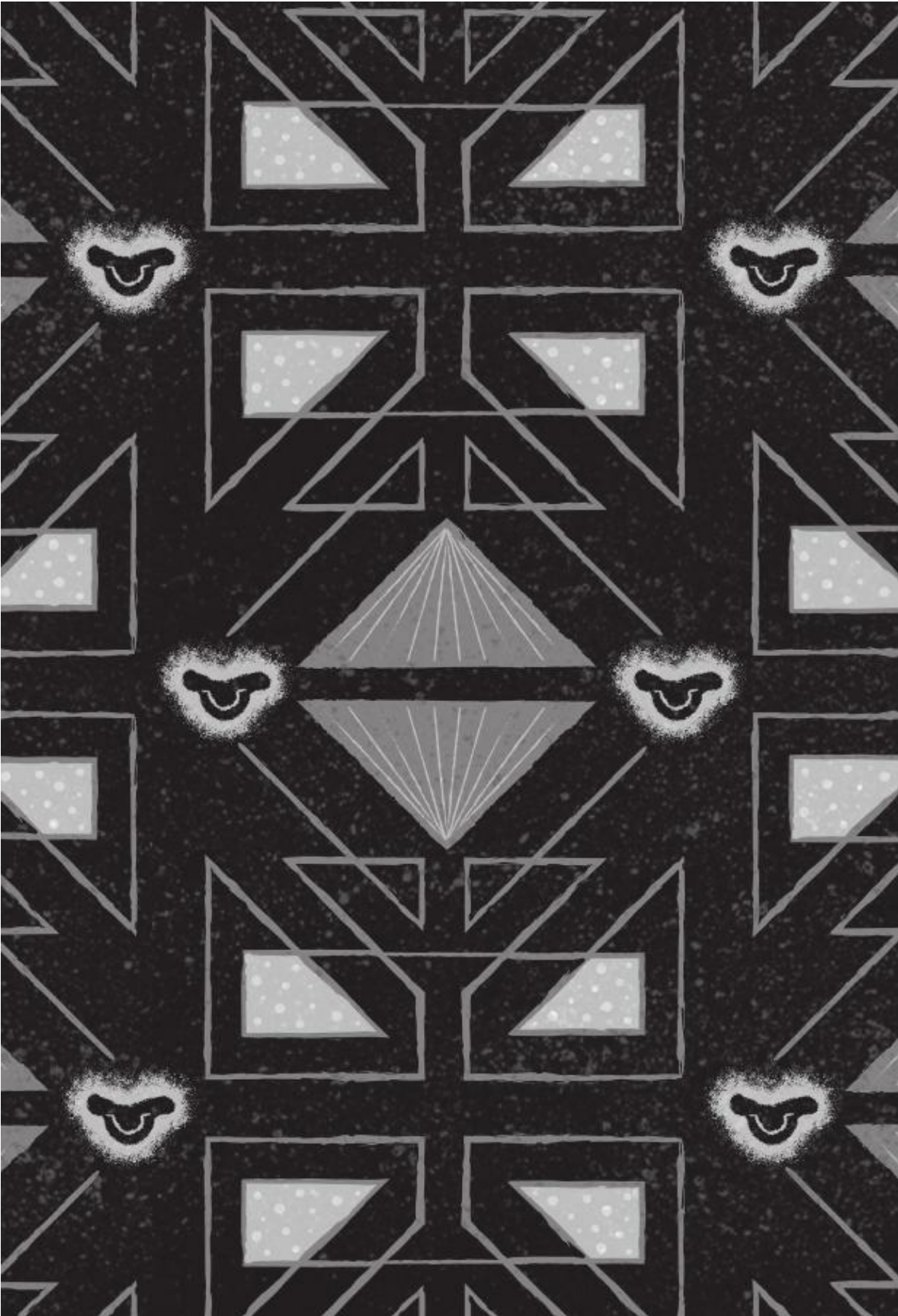
– Significa sem preocupações – Pumba explicou, como se isso tornasse tudo claro.

Certo. Sem preocupações, Simba pensou enquanto Pumba e Timão continuavam a divagar. *Parecia fantástico. Mas como alguém pode viver sem preocupações?*

Aparentemente, Timão e Pumba conseguiam. E eles rapidamente contaram a ele como. A vida deles, informaram, nem sempre tinha sido tão livre, leve e solta. Eles nem sempre viveram sem preocupações. Na verdade, Pumba passou sua juventude sendo “o javali fedido” que não tinha amigos – pelo menos nenhum que ficasse a favor do vento.

Enquanto continuavam a conversar, a mente de Simba se acelerou. Eles estavam certos. Ele não podia mudar o passado. O que aconteceu, aconteceu.

Mas talvez, apenas talvez, ele pudesse melhorar seu futuro... mesmo se isso significasse viver no deserto e não nas Terras do Reino. Ele poderia nunca ser o rei das Terras do Reino, mas talvez pudesse se tornar um mestre em não se preocupar.





CAPÍTULO TREZE

Simba ainda estava pensando em como poderia ser seu novo futuro quando Timão e Pumba finalmente pararam de falar e perceberam que ele não tinha ido embora. E que era hora de ir para casa. Pulando nas costas de Pumba, Timão fez um gesto para Simba segui-los.

Virando-se, o javali começou a trotar por uma trilha que só ele parecia enxergar. Simba tentou acompanhar, mas ainda estava cansado e o chão era duro, o que o deixava mais lento que o normal. Quase caiu de cara algumas vezes antes que Pumba percebesse que ele estava mal e parou para esperá-lo.

Durante o resto da jornada, Pumba manteve um trote lento. Simba, livre da obrigação de se manter ereto, aproveitou a oportunidade para observar a paisagem sempre em transformação. Depois de um tempo, o chão do deserto começou a ficar mais macio e ele vislumbrou alguns arbustos e então mais alguns. Logo o chão ficou exuberante e verde, e os arbustos deram lugar a árvores mais altas. E então, lá adiante, Simba viu uma parede verdejante. Balançou a cabeça, sem saber se era só uma miragem ou um truque de seu cérebro superaquecido e seu estômago faminto. Mas, quando sua visão ficou mais clara, a parede verde ainda estava lá.

Um momento depois, Pumba seguiu pelas árvores, para dentro da floresta verdejante. Simba o seguiu, e seus olhos se arregalaram. Ele nunca tinha visto tantas cores em sua vida antes. Verde brilhante. Laranja vibrante. Manchas roxas e pedaços vermelhos. As Terras do Reino eram lindas, mas esparsas, as cores sempre discretas, mesmo na estação chuvosa, quando a grama ficava mais brilhante. Mas esse lugar? Esse lugar parecia nunca ficar monótono. Era o paraíso.

– Bem-vindo à nossa humilde residência – Timão disse, mostrando tudo ao redor com um gesto.

– Vocês vivem aqui? – Simba perguntou, chocado e maravilhado.

Timão assentiu.

– A gente vive onde quiser – corrigiu.

– A gente faz o que quiser – Pumba completou.

Simba sorriu. A floresta era linda. Talvez houvesse algo de especial na mentalidade *Hakuna Matata*. Se eles podiam viver ali...

Simba ainda estava sorrindo quando Pumba o levou para uma clareira. Uma árvore gigante dominava um lado, com suas raízes grossas saindo para o chão e seus longos galhos e folhas pesadas oferecendo um abrigo natural. Enquanto Simba assimilava tudo, viu alguns animais perto da árvore.

– Galera! Este é Simba! – Timão gritou.

No mesmo instante, os animais deram o fora.

– Caras, venham dar um oi! – Pumba chamou.

Um por um, os animaizinhos começaram a emergir de seus esconderijos. Todos pareciam assustados.

– Vamos todos morrer! – um musaranho gritou em uma voz estridente. Seu longo focinho se retorceu freneticamente, e seus olhos estavam tão arregalados que ficaram desproporcionais ao resto de seu corpinho de roedor.

Um texugo, surgindo de um buraco no chão, apontou para Simba.

– É um leão – disse, desdenhando e revelando seus dentes afiados. Mas sua voz tremeu e Simba notou que a faixa branca de seu pelo normalmente preto estava tremendo.

– Verdade – Pumba disse, encolhendo os ombros. – Mas ele é *pequeno*.

Nesse momento, um escaravelho passou, empurrando uma bola escura na frente dele. Todos os animais enrugaram o nariz com o cheiro desagradável de seu “prêmio”.

– Sai daqui com essa coisa! – o texugo rosnou, esquecendo-se de se preocupar com Simba.

– Já disse pra vocês, é só lama! – o escaravelho protestou. – Bem, na maior parte.

Os outros animais balançaram a cabeça. Simba tentou não dar risada enquanto os ouvia murmurando entre si sobre o escaravelho e a bola na frente dele. Percebendo que o leão estava rindo, os outros animais recuaram nervosamente. O sorriso, mesmo que inocente, revelava alguns dos muitos dentes de Simba.

– E a comida? – um galago perguntou. Ver os dentes de Simba fez todos pensarem a mesma coisa. – Você pensou em como vai alimentar essa coisa?

À menção de comida, o estômago de Simba deu um ronco alto.

– Estou faminto. Podia comer uma zebra inteirinha – disse.

A clareira ficou em silêncio. Até o escaravelho parou de rolar sua bola. Os

animais congelaram. Simba observou, confuso. Finalmente, Timão limpou a garganta.

– Uh, estamos com falta de zebras – disse, fazendo um gesto ao redor da clareira “dezebrada”.

O estômago de Simba soltou outro ronco. Ele não seria exigente. Só queria algo para comer, mesmo que não fosse sua comida favorita.

– Tem antílope? – perguntou, esperançoso.

Aparentemente, essa não era a pergunta certa. Timão e Pumba começaram a balançar a cabeça enquanto os animais menores se amontoavam defensivamente.

– Ouça, garoto – Timão disse. – Se quer viver com a gente, tem que comer como a gente.

– E, mais importante – o musaranho adicionou, com um gritinho –, não pode comer a gente!

Fazendo um gesto para Simba segui-lo, Timão o levou até um tronco caído. A madeira estava podre em alguns lugares e coberta de musgo em outros. Evidentemente estava lá no chão da clareira fazia muito tempo.

– Aqui é um bom lugar pra descolar um grude – Timão disse, confiante.

Simba olhou para o tronco e então para Pumba, que estava parado ao seu lado. Ele inclinou a cabeça. *Esse* era um bom lugar para conseguir comida? Não parecia grande o suficiente para esconder uma zebra ou um antílope – nem mesmo um pequeno topi.

Percebendo o olhar confuso de Simba, Pumba abaixou a cabeça e enganchou suas presas sob o tronco. Então, com um grunhido, levantou a pata. Simba deu um passo atrás, assustado, ao ver milhares de insetos se contorcendo no chão úmido e escuro. Alguns eram opacos, e seus corpos gordos e viscosos. Outros eram segmentados, com conchas duras e muitas patas. Alguns pareciam ter asas, e Simba pensou ter visto um casal com pinças.

– Eca – disse, franzindo o focinho de nojo. – O que é isso? – perguntou, apontando para um dos insetos mais gordos e redondos.

– Uma larva – o texugo respondeu. – O que parece?

– Nojento – Simba respondeu. *Muito, muito nojento*, completou silenciosamente.

Para sua surpresa, Timão alcançou uma pilha de insetos e escolheu um dos redondos. Então, enquanto Simba assistia horrorizado, ele o enfiou na boca. O filhote engoliu uma onda de náusea.

– Hummm! – Timão disse, mastigando. – Tem gosto de galinha.

Pumba agarrou sua própria comida – uma minhoca comprida que se mexia e se contorcia – e a abocanhou.

– Viscoso, mas gostoso!

Um por um, os outros animais se juntaram ao banquete. Enquanto Timão e Pumba continuavam mastigando as larvas de sua escolha, o galago escolheu um dos insetos de casca dura e o texugo pegou uma coleção inteira. Eles mastigaram e mastigaram alegremente, sem perceber que, nesse tempo todo, Simba estava se esforçando para não vomitar. E pensar que ele costumava ser exigente com antílopes. Comparado a isso, os antílopes pareciam a coisa mais gostosa do mundo!

Talvez essa coisa de Hakuna Matata não seja pra mim, Simba pensou. Ele não podia nem se imaginar comendo um único inseto, quem diria viver deles. E, mesmo que gostasse de Timão e Pumba, os outros animais não pareciam tão acolhedores e alegres. Uma imagem da toca na Pedra do Rei e do aconchego de sua família passou num pensamento inesperado por sua mente. Ele não poderia se aninhar daquele jeito ali, apesar da beleza da floresta. Tristeza começou a rastejar de volta sobre ele. Simba baixou a cabeça, esperando que ninguém notasse.

Naquele momento, Timão chegou mais perto, segurando uma folha enorme na sua frente. Nela havia uma seleção de insetos.

– Estou te falando, garoto – disse, como se soubesse que Simba estava tendo dúvidas. – Essa é a vida boa. Sem regras nem responsabilidades. – Pegou um dos insetos mais gordos e o ofereceu a Simba. – Então?

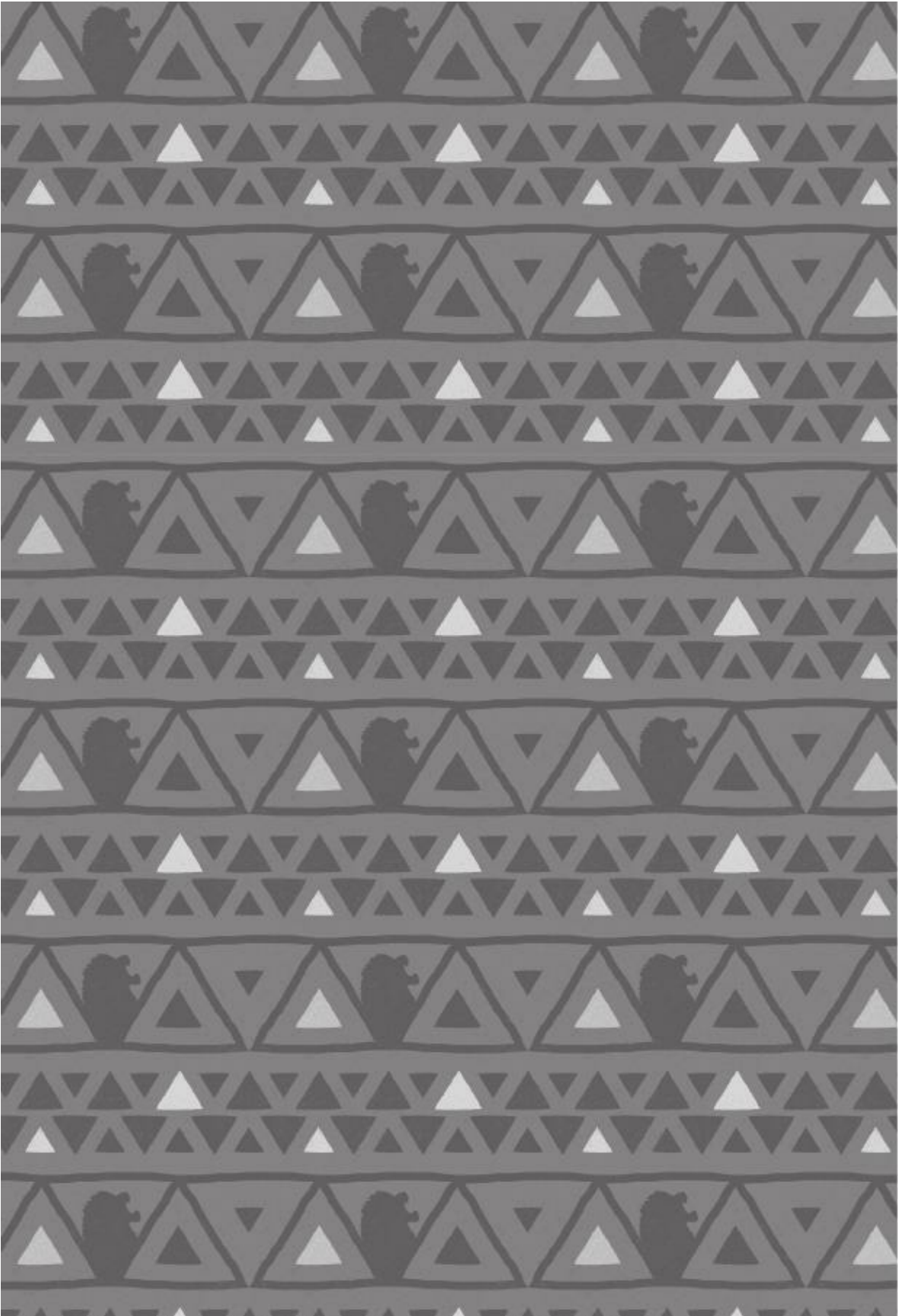
Simba olhou para o inseto com a mente acelerada. Verdade, essa *não* era a Pedra do Rei. O inseto não era um antílope e Timão e Pumba não eram Nala ou sua mãe. Mas sem preocupações? Sem responsabilidades? Poder esquecer todas as coisas ruins das quais tinha fugido? Isso parecia bom, *sim*. Então talvez sua vida fosse ser diferente. Mas pelo menos agora tinha um lugar para chamar de lar. E talvez, se tudo desse certo, até alguns amigos.

Respirando fundo, ele acenou com a cabeça.

– Oh, bem – disse, pegando o inseto. – *Hakuna Matata!* – Abrindo a boca e fechando os olhos, enfiou o inseto para dentro. Então começou a mastigar. Para sua surpresa, não era tão ruim. Sorriu. – Viscoso, mas gostoso! – Finalmente disse, abrindo os olhos.

Enquanto Timão e Pumba comemoravam, Simba pegou outro inseto da pilha. *Sim*, pensou, comendo. *Isso pode não ser o que imaginei. Mas é bem*

melhor do que ficar sozinho. Descendo do tronco para o chão morno, ele ouviu os outros animais conversando e rindo enquanto Pumba soltava pum e Timão lhes contava sobre o boliche de urubus e o resgate de Simba. Suas vozes aumentavam e diminuíam conforme o sol brilhava através da copa das árvores, iluminando o chão. Tudo estava tranquilo. O estômago de Simba estava ficando cheio e ele não estava mais tão cansado. De fato, pela primeira vez desde que tinha fugido das Terras do Reino, Simba sentiu algo brotando em seu peito que não era pesar ou mágoa. Era esperança.





CAPÍTULO CATORZE

O tempo passou enquanto Simba aprendia a se ajustar à sua nova vida na floresta. Timão, sempre feliz por ser o sabichão, fez o papel de professor. Eles passavam boa parte do dia caminhando pela floresta enquanto Timão apontava os vários insetos e plantas que podiam ser encontrados pela clareira. Alguns eram razoáveis de comer, outros não (algo que Simba descobriu do jeito difícil).

A clareira, Simba entendeu logo, era perto da beira da floresta fechada. A floresta se aprofundava por quilômetros e quilômetros, e estava repleta de coisas maravilhosas. Havia uma cachoeira enorme que dava em um poço fundo, perfeito para matar a sede ou, se a ocasião pedisse – embora ela raramente pedisse, no caso de seus novos amigos –, tomar um banho. Havia rios que cruzavam por baixo das árvores, e havia sempre muita sombra. Acostumado a dormir enfiado no fundo de uma toca escura, Simba levou um tempo para aprender a dormir debaixo das estrelas. Mas logo passou a achar a luz reconfortante e os sons da floresta tão agradáveis quanto uma canção de ninar.

Pumba estava encarregado do “treinamento” de Simba. O javali era um caçador surpreendentemente sorrateiro, apesar de seu infeliz hábito de soltar sonoros puns. Assim que Simba se acostumou com as larvas, Pumba passou a ensiná-lo a jogar boliche de urubus e a acabar com seus deliciosos ovos.

– Fique abaixado – Pumba disse, escondendo-se atrás de uma pilha de pedras e encarando um grupo especialmente feio de urubus. Eles tinham visto os pássaros rondando na borda da floresta mais cedo aquele dia. Depois de um tempo suficiente para que os pássaros comessem e ficassem pesados, segundo as orientações de Pumba, eles trotaram para o deserto.

– Eu sei caçar – Simba ganiu. – Só me deixe, vou te mostrar como caçar de *verdade*. – Antes que Pumba pudesse impedi-lo, ele atacou. No mesmo instante, os pássaros saíram voando pelo ar e, quando alcançou o lugar onde estavam, já estavam rondando novamente.

Pumba se aproximou, balançando a cabeça.

– Você não pode só sair correndo – disse, rindo. – Eles podem ser feios, mas não são burros. E eles têm asas. – Encontrando outra pilha de pedras contra o vento, fez um gesto para Simba se juntar a ele.

Mais uma vez, eles se abaixaram rente ao chão. Só que, dessa vez, Simba permaneceu abaixado. Enquanto o sol subia alto no céu, ele viu os pássaros enfiarem a cabeça debaixo das asas, letárgicos pelo banquete e pelo sol. Fazendo um gesto para Simba observar, Pumba saiu de trás das pedras, na ponta das patas traseiras, para cima dos pássaros. Seus passos eram leves e, para uma criatura tão pesada, ele quase não fazia barulho. Quando estava a alguns metros, ele parou, inclinou a cabeça para trás e deu um grito. Ao mesmo tempo, soltou um pum alto.

A combinação dos sons crescentes acordou os pássaros de sua sonolência, e Simba os observou levantar voo mais uma vez. Só que, agora, não permaneceram rondando, mas fugiram. Quando o som de suas asas sumiu, Simba olhou para Pumba. Na frente dele, havia dois ovos enormes.

– Te falei – Pumba disse. – Você só tem que ser paciente. – Então, abaixando-se, pegou os ovos em suas garras e voltou trotando. – Espere até Timão e os outros verem isso! – disse, alegre. – Dois ovos! Que belo *strike*! Agora vamos pra casa.

Enquanto voltavam à clareira para dividir a refeição, Simba balançou a cabeça. *Casa*. A palavra não significava mais a Pedra do Rei. Significava a clareira. E sua família agora era Timão, Pumba e os outros. Enquanto o deserto dava lugar ao verde da floresta, Simba percebeu que, pela primeira vez em semanas, esse pensamento não o incomodava.

Assim, os dias e os anos passaram. As patas de Simba cresceram. Sua juba ficou mais grossa e seu peito aumentou. Mesmo com uma dieta de larvas e frutinhas, o filhote estava se tornando um leão adulto. Logo ele não precisava mais usar o tronco caído sobre o riacho para chegar ao outro lado. Em vez disso, podia simplesmente saltar sobre ele. No começo, ainda pequeno, ele dormia confortavelmente aninhado entre Timão e Pumba, mas os dois logo perceberam que era mais aconchegante dormir em cima de seu corpo enorme.

Até os outros animais, incluindo o texugo, o galago e o musaranho, acabaram se acostumando com a sua presença – e seu tamanho. Quando precisavam de algo em um galho muito alto, era Simba quem se erguia nas patas traseiras e pegava o que quer que fosse. Se um invasor ocasional acabava na clareira, o rugido de Simba era o suficiente para mandá-lo embora.

correndo.

A vida ali na clareira era tranquila, e, conforme o tempo passava, Simba pensava cada vez menos em sua antiga vida. Eventualmente, as memórias ficaram nubladas e sumiram. Ele era feliz agora. O passado estava no passado. Como Timão lhe ensinara anos antes, não havia motivo para ficar pensando no que tinha acontecido. *Hakuna Matata*. Não era só uma frase para Simba e sua nova família. Era um estilo de vida.

E ele gostava muito dessa nova vida. Tinha toda a comida que poderia comer, um lugar aconchegante para dormir, amigos com quem podia contar e nenhum inimigo para lutar.

Mas às vezes, quando se deitava para dormir e as estrelas brilhavam, ele não conseguia deixar de se perguntar o que tinha acontecido com as Terras do Reino – se Nala e sua mãe estavam olhando para as mesmas estrelas de barriga cheia e com segurança no coração da Pedra do Rei, também se perguntando o que tinha acontecido com ele.



Nala observou as Terras do Reino – ou melhor, o que tinha restado delas – e franziu o focinho em desgosto. À distância, um grupo de hienas sarnentas perseguia uma manada de topis. Mesmo do alto da Pedra do Rei, ela podia ouvir seus terríveis ganidos e os berros assustados dos antílopes.

Balançou a cabeça. Como isso tinha acontecido?

A resposta era simples: Scar.

Desde que tomou o reino, ele destruiu tudo o que Mufasa trabalhara tanto para criar. A grama da savana – ou o que restava dela – estava curta e seca, transformada em um campo de perseguições constantes das hienas atrás de rebanhos aterrorizados, que tinham que correr e correr para se salvar. As Terras do Reino estavam quase desabitadas, parecendo mais o Cemitério de Elefantes do que a área fértil que já tinha sido um dia. Ossos secos cobriam a paisagem, e os poucos animais que ainda resistiam estavam magros e fracos, porque sua comida era sempre levada pelas hienas. O olho-d'água, que Scar não fazia nada para monitorar, estava quase seco. Tudo o que restava era uma poça, e os hipopótamos, que precisavam dele para sobreviver, tinham partido havia muito tempo.

Suspirando, Nala olhou por cima do ombro para as outras leoas. Elas também eram meras sombras das orgulhosas e belas criaturas que já tinham

sido. A escassez de comida e água, somada à exaustão de tantas caçadas, deixou-as fracas. Seus pelos estavam opacos; seus olhos, sem vida.

Observando sua família e seus amigos, Nala sentiu uma onda conhecida de raiva borbulhar dentro de si. Ela odiava Scar. Odiava o que ele tinha feito com Sarabi e com todos os animais das Terras do Reino. Ele era cruel e egoísta, e não era a primeira vez que ela se perguntava como seria a vida se Simba tivesse sobrevivido. *Se ele estivesse aqui, nada disso teria acontecido.*

Pensando em seu velho amigo, seus olhos se encheram de lágrimas. Perdê-lo fora a coisa mais difícil que já tinha enfrentado. Ainda doía. Doía mais do que seu estômago constantemente vazio ou de suas patas machucadas das longas e inúteis caçadas no chão duro.

No começo, quando ela e os outros souberam da morte de Simba e Mufasa, Nala se agarrou à esperança de que, de alguma forma, Simba algum dia voltaria. Ela acreditou em Sarabi quando a rainha disse que eles ficariam bem e até tentou dar uma chance a Scar. Mas a esperança se dissipou rápido. Sentia falta de seu amigo. Odiava ir até o olho-d'água sem ele; temia os banhos sem ele lá para fazê-la rir. Até provocar Zazu perdeu a graça rapidamente. Sem Simba, Nala sentia que sua vida não tinha cor.

Scar tinha deixado as hienas tomarem as Terras do Reino, e ficava cada vez mais claro que não havia nada que as leoas pudessem fazer para impedi-las. Então Nala parou de ansiar por seu amigo. Em vez disso, ela se fixou na ideia de encontrar alguém, qualquer um, que pudesse ajudar. O plano de trazer um leão para destruir Scar alimentava os sonhos de Nala e a mantinha firme durante os dias, que acabaram se tornando anos, enquanto toda a vida ao seu redor piorava e até Sarabi desistia de tentar.

Todas as noites, Nala mirava o céu estrelado. Simba contara a ela o que seu pai tinha dito anos antes – que os grandes reis olhavam para eles lá de cima. Ela tinha que acreditar nisso, que de alguma forma eles ainda protegiam as Terras do Reino, apesar da presença de Scar e das hienas.

Mas estava ficando cada vez mais difícil acreditar. E agora, observando mais uma manada partir em busca de algum lugar mais seguro, mais um pouquinho de sua esperança minguou. Se alguém não fizesse algo logo, não haveria mais Terras do Reino para salvar.

Ouvindo o som de asas batendo, Nala olhou para cima e um pouco de luz voltou aos seus olhos. Muita coisa tinha mudado, mas Zazu continuava o mesmo. O calau se recusava a servir Scar, permanecendo fiel a Sarabi. Todas as manhãs, sem falha, ele se reportava a ela – trazendo notícias boas ou ruins,

embora quase sempre ruins.

Sorrindo enquanto Zazu pousava ao seu lado, Nala esperou Sarabi se aproximar. A rainha ainda mantinha a cabeça erguida e, mesmo que suas costelas estivessem visíveis por baixo de seu pelo ralo, ela caminhava graciosamente.

– O relatório matinal, Zazu – ela disse, fazendo um aceno com a cabeça.

– Sua Majestade – Zazu disse, acenando também. – As Terras do Reino estão em perigo iminente. As hienas estão caçando a última manada.

Assim que terminou, Kamari e Azizi brotaram na Pedra do Rei. Deixando escapar uma série de rosnados e latidos, elas correram atrás de Zazu. O calau voou para o ar, permanecendo fora de perigo. Um momento depois, Scar apareceu.

– Bom dia, senhoras – falou com uma voz arrastada, passando pelas leoas e se encaminhando para a borda da Pedra do Rei. Enquanto as leoas estavam só pele e osso, Scar tinha ficado mais forte desde que tomara as Terras do Reino. Mas ainda era pequeno e fraco se comparado ao leão que Mufasa fora.

Nala o observou se jogar na pedra quente e seus olhos se estreitaram. Uma nova onda de ódio a tomou quando Scar começou a se lambar sem pressa, como se não se importasse com nada no mundo, enquanto lá embaixo as terras que ele deveria proteger eram arrasadas.

– *Temos* que fazer algo, Sarabi – Nala disse, com a mandíbula apertada. – *Temos* que lutar!

Sarabi balançou a cabeça.

– Nala, Scar é nosso rei – Sarabi falou, com uma voz contida. As duas leoas já tinham tido essa conversa muitas vezes antes.

– Mas *você* é a rainha! *Temos* que ir embora antes que seja tarde demais.

– *Temos* que ficar juntos e proteger as Terras do Reino – Sarabi disse, mantendo a voz baixa para não atrair a atenção de Scar. – Este é o nosso lar, Nala. Não podemos abandoná-lo.

Nala segurou o rugido que ameaçava jorrar de sua garganta. Como Sarabi podia dizer isso? Este não era seu lar – pelo menos, não mais. Esta era uma terrível sombra do lugar que um dia ela chamara de casa.

– Sarabi.

A voz de Shenzi quebrou os pensamentos de Nala, e ela olhou para cima para ver a rainha das hienas parada alguns metros adiante. Ela apertava seus olhos enquanto observava as duas leoas.

– O rei deseja ver você.

Olhando para Scar, que tinha terminado o banho, Nala balançou a cabeça.

– Não vá – disse para Sarabi.

– Não tenho medo dele – Sarabi respondeu, erguendo a cabeça e seguindo Shenzi.

Nala a observou. *Também não tenho medo dele.* As palavras que gostaria de ter dito passaram pela sua mente. *Mas ele não é nosso rei. E nós não devemos atendê-lo se ele chamar. Ele não merece respeito. Ele não merece nada disso...*



O focinho de Sarabi se retorceu enquanto se aproximava de Scar. O cheiro de sangue estava muito forte. De costas para ela e com a cabeça baixa, Scar se servia de um pedaço da caça fresca que as leoas tinham conseguido durante a madrugada.

Ouvindo seus passos, Scar se virou.

– Não vai se juntar a mim, Sarabi? – perguntou, acenando para a carne. – Há o suficiente.

Sarabi balançou a cabeça. Seus olhos passaram por Scar e miraram as Terras do Reino. Urubus faziam círculos no céu escuro, e o chão revelava decadência.

– Você está caçando demais, Scar – ela disse, tentando manter a voz sob controle.

Ela sabia que Nala a julgava fraca por dar atenção a ele, talvez pensando que ela não se importava tanto quanto as leoas mais jovens. Mas Sarabi se importava, sim. Ver o que Scar tinha feito com seu lar era quase tão terrível quanto ter perdido Mufasa e Simba. Todas as manhãs seu coração se partia de novo e de novo, ao se deparar com a devastação que Scar tinha causado. Mas ela aprendera com Mufasa que algumas batalhas tinham que ser vencidas com o tempo, e essa era uma delas. Não adiantaria odiar Scar abertamente. Mas isso não significava que ela não poderia odiá-lo internamente – com cada fibra do seu ser.

Scar rejeitou a observação de Sarabi.

– Eu simplesmente aperfeiçoei a caçada com a ajuda de meu exército.

– Você está destruindo tudo! – As palavras saíram de sua boca antes que ela pudesse se controlar.

Mas Scar não se enfureceu com a impertinência. Em vez disso, deu risada.

– Você não vê? – disse, ainda rindo. – Não há ninguém para me desafiar. Nós podemos finalmente pegar o que quisermos.

Sarabi ergueu uma sobrancelha.

– Nós? – ela repetiu.

Scar assentiu.

– Há muito tempo, você escolheu Mufasa em vez de mim – ele disse. Sua risada sumiu e uma escuridão tomou seus olhos. – Mas agora há um novo rei, então pare de ser egoísta.

– Você é o egoísta – Sarabi devolveu, dessa vez sem se importar em esconder sua repulsa.

– Os outros leões olham para você. – A voz de Scar ainda estava calma, mas Sarabi podia ver seu esforço para mantê-la fria. – Enquanto você resistir, eles vão me rejeitar. Tome seu lugar ao meu lado, e vamos nos banquetear juntos! – Ele parou de comer e olhou para ela.

Ao longo dos anos, Scar disse essa mesma coisa muitas vezes. No começo, as recusas de Sarabi eram curtas, grossas e absolutas. Ela era a rainha de Mufasa e nunca seria de mais ninguém. Mas, ao olhar para Scar mastigando sua comida tão casualmente, seu estômago roncou e ela percebeu que estava ficando cada vez mais difícil dizer não. Ela sabia que as promessas dele eram falsas. Ele jamais dividiria sua comida e seus recursos com as outras leoas, mesmo se ela concordasse em ser sua rainha. Seu exército de hienas nunca permitiria isso. Ainda assim, uma parte dela se perguntava se a única forma de dar esperança às outras leoas seria aceitar a oferta.

Mas esse pensamento tenebroso desapareceu no mesmo instante em que surgiu em sua mente. Negou com a cabeça. Jamais concordaria.

– Eu já falei. Nunca serei sua rainha!

Abandonando a comida, Scar se levantou, olhou para Sarabi e balançou a cabeça. A resposta dela não pareceu surpreendê-lo, mas a resposta dele a pegou de surpresa:

– Então, de agora em diante, os leões vão comer depois das hienas – disse passando por ela.

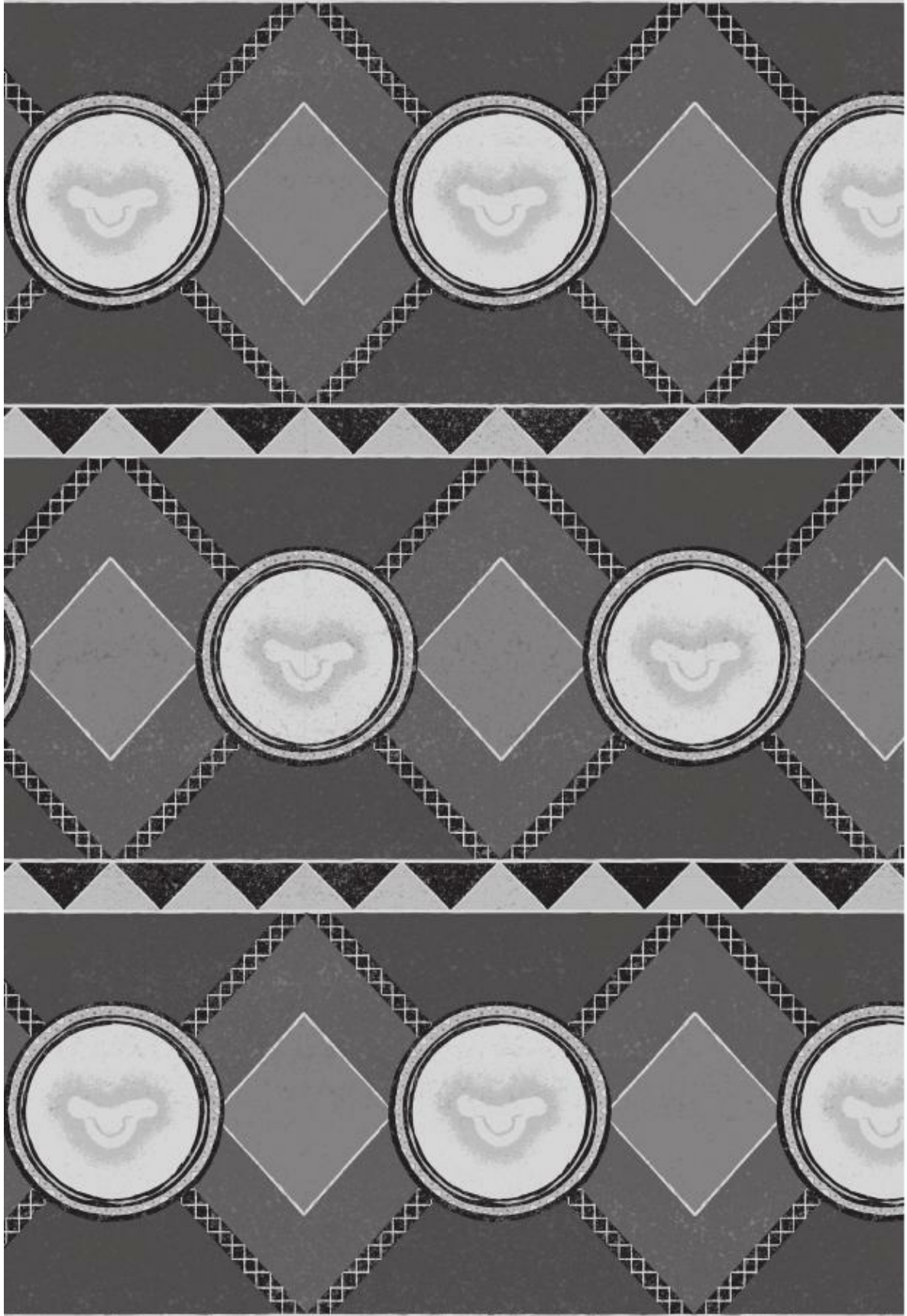
Scar fez um gesto para Shenzi e as outras, e ficou observando-as. O som de seus rosnados encheu o ar enquanto elas devoravam a comida. Ele aguardou um momento e então se virou para Sarabi.

– E elas não costumam deixar sobras.

Sem mais nenhuma palavra, Scar se esgueirou para fora da toca. Sarabi o olhou, com uma sombria sensação se espalhando por dentro. O que ela tinha

feito?







CAPÍTULO QUINZE

A floresta estava calma. Acima, o sol brilhava através das nuvens, que amenizavam os fortes raios e tornavam a temperatura agradável. Na terra, os animais aproveitavam o dia e serpenteavam para fora de suas tocas para comer.

Adentrando uma pequena clareira, um impala levantou a cabeça e mordiscou algumas folhas. Seus longos chifres farfalharam os galhos, e, conforme as nuvens se moviam, o sol reluziu no pelo dourado do animal.

De repente, a paz se quebrou. Em algum lugar próximo, um galho se partiu.

No mesmo instante, o impala congelou. Seus olhos castanhos se arregalaram enquanto ele examinava as árvores em volta e a grama alta ao redor. Como não viu nada, estava voltando-se de novo para a comida quando um enorme leão saltou da grama bem ao seu lado.

O impala gritou e se jogou em um arbusto largo.

O leão parou. Então sorriu.

– Ei – Simba disse. – Viu isso? Quase peguei aquela borboleta! – Então inclinou a cabeça. – Por que você está aí nesse arbusto? – Ele não percebia que, para o impala, ele era um predador real e não o simpático leão que todo mundo na floresta passou a amar.

Simba observou, confuso, o impala se despedir com uma voz trêmula e sair correndo. Ainda estava olhando para o ponto pelo qual ele tinha desaparecido entre as árvores quando Timão e Pumba apareceram. Vendo que seu amigo parecia chateado, Timão colocou uma pata na juba de Simba, agora longa, grossa e escura.

– Simba, um cara como ele nunca vai se dar bem com um cara como você – disse balançando a cabeça.

– Por que não? – Simba perguntou, genuinamente perplexo. Ele não entendia. Só queria pegar a borboleta, não machucar o impala.

Fazendo um gesto para que Simba o seguisse, Timão começou a andar em

direção à clareira. Por um tempo, o trio permaneceu em silêncio, e os pensamentos de Simba vaguearam como as nuvens no céu. Já fazia anos que nenhum de seus amigos o fazia se sentir como o rejeitado que ele era quando chegou à floresta. No começo, ele sabia que o texugo, o musaranho e até o escaravelho desconfiavam dele. Eles o viam como um leão feroz, mesmo que fosse só um filhote. Mas, com o passar dos anos, até eles acabaram se acostumando. Ele não os deixava mais nervosos. Não mandava o musaranho se enfiar em um buraco ao atacar uma sombra; não fazia o pelo branco do texugo se arrepiar; não assustava o escaravelho quando um bocejo acidentalmente se transformava em um rugido. Mas situações como essa o lembravam que ele ainda era um leão, mesmo se não pertencesse a uma alcateia.

Passaram por um cupinzeiro. Todos os seus outros amigos estavam curvados em cima dele, tentando entrar desesperadamente. Timão seguiu o olhar de Simba e acenou com a cabeça.

– Sabe – disse, continuando a conversa que tinha começado mais cedo –, na natureza há uma harmonia delicada.

Simba estreitou os olhos.

– Sei tudo sobre o Ciclo da Vida.

Ele não pensava nisso ou falava essas palavras em voz alta havia anos, mas lembrava-se de tudo muito bem. Era o que tinha levado seu pai para longe dele. *Seu pai*. Ele não pensava em Mufasa fazia muito, muito tempo. Afastando a tristeza que sentia tomar forma, correu e bateu o corpo contra a lateral do cupinzeiro. Ele se abriu, e os cupins saíram de dentro.

Timão inclinou a cabeça.

– Ciclo? – disse, enfiando cupins na boca. – Que ciclo? Estou falando da Insignificante Linha da Indiferença.

– Veja, tem essa linha. E todos nós corremos pra ela com um medo paralisante – Pumba explicou.

Simba tentou não rir enquanto seu amigo demonstrava. Arregalando os olhos, o javali abriu a boca e colocou suas garras nas bochechas. Então saiu correndo direto para uma árvore. Bateu nela e recuou, caindo com um estrondo.

– E não chegamos a lugar algum – Timão continuou enquanto Pumba balançava a cabeça e trotava de volta.

– Porque é uma linha insignificante – Pumba completou.

– De indiferença – Timão concluiu.

Simba se aproximou e começou a rasgar a casca de uma árvore. Ele encheu uma pata com os insetos e se voltou para seus amigos.

– Vocês têm *certeza* de que não é um círculo? – perguntou. Será que ele tinha esquecido a lição que seu pai lhe ensinara? Ele balançou a cabeça. Não, era um círculo mesmo. – Estamos todos conectados... – insistiu.

Foi a vez de Pumba parecer confuso.

– Você não está falando nada com nada! – disse. – Um círculo significa que o que eu faço importa pra todo mundo. – Ele soltou uma risada e, então, um pum. – O que é ridículo.

Antes que Simba pudesse responder que Pumba importava, sim, Timão prosseguiu.

– Agora vá em frente, Simba – disse, batendo as mãos e saltitando, animado. – Pela primeira vez estamos confiando a você a tarefa de planejar algo pra nós hoje.

– Isso é importante – Pumba completou. – Pense em tudo o que aprendeu. A linha reta leva a...

– Absolutamente nada? – Simba respondeu, terminando a frase.

Aparentemente, essa era exatamente a coisa certa a dizer, porque todos comemoraram. Parecia que eles teriam outro longo dia para não fazer nada e não esperar por nada. Simba enfiou outra mão cheia de cupins na boca e sorriu. Talvez Timão e Pumba estivessem certos. Uma linha reta da indiferença era bem melhor do que um círculo de muita preocupação.



O sol já tinha se posto fazia tempo naquele dia despreocupado quando Simba, Timão e Pumba descansavam deitados de barriga para cima no meio da clareira. Estrelas cintilavam reluzentes no céu e uma brisa gentil soprava através da floresta, fazendo as folhas sussurrarem. Tudo estava calmo e maravilhoso.

Então, Simba arrotou.

– Opa! – Timão gritou. – Boa!

Simba sorriu orgulhosamente.

– Valeu – disse, contente com o elogio. – Deve ser dos cupins.

Em resposta, Pumba soltou um sonoro e longo pum.

– Ou dos grilos – disse, rindo.

– E você se pergunta por que eu prefiro dormir debaixo da terra – Timão

disse, balançando uma mão na frente do nariz. Mas ele sorria enquanto dizia isso, sem se importar de verdade com a interrupção de seu amigo. Ele estava mais que acostumado.

O silêncio mais uma vez caiu sobre o grupo, e por um longo momento o único som que se ouvia era o da respiração dos amigos. Até que Pumba virou a cabeça e olhou para Timão.

– Você já olhou pra cima e se perguntou o que são esses pontinhos brilhantes? – disse com a voz suave.

– Pumba, eu não me pergunto. Eu sei – Timão respondeu.

– Ah – Pumba suspirou, impressionado. – O que são?

Timão se sentou e limpou a garganta, ávido como sempre para mostrar aos outros o quanto sabia sobre as coisas.

– São vaga-lumes – explicou. – Vaga-lumes que ficaram presos naquela coisa grande azul-escura.

Pumba franziu a sobrancelha de leve. Não era a resposta que estava esperando. Ele pensava que os pontinhos brilhantes fossem algo muito diferente.

– Eu sempre pensei que eram bolas de gás, queimando a milhões de quilômetros de distância.

Simba entreouvia seus amigos discutindo alegremente, cada um confiante de que sabia a resposta certa. Mas seu olhar permaneceu fixo no céu, enquanto uma lembrança nebulosa de uma noite de outrora fazia cócegas em sua mente. A lembrança de ficar olhando para esse mesmo céu em uma noite tranquila como essa. A lembrança de algo bom antes que as coisas dessem terrivelmente errado.

– O que você acha, Simba?

A pergunta de Timão acordou Simba de seu devaneio.

– Bem, não sei – disse baixinho. – Alguém uma vez me disse que os grandes reis do passado estão lá em cima... olhando por nós.

Houve uma longa pausa, e então Timão e Pumba explodiram em gargalhadas.

– Essa foi boa – Pumba disse, segurando a barriga e rolando.

– Um bando de reis mortos olhando por nós! – Timão berrou, com os olhos cheios de lágrimas de tanto rir. – Espero que eles não caiam do céu! – Ele colocou as mãos na cabeça e fingiu sair do caminho. Finalmente recuperando a compostura, olhou para Simba. – Pense só. Por que um monte de reis estaria olhando pra gente? Somos rejeitados.

Colocando-se de pé, Simba balançou a cabeça. Seus amigos não sabiam de nada, mas ouvi-los rindo das palavras de seu pai doeu mais do que esperava. Isso atingia uma ferida que ele pensou estar curada fazia tempo. Virando as costas para Timão e Pumba, começou a se afastar lentamente. Precisava de um tempo sozinho.

O ar estava parado enquanto caminhava para fora da clareira, em direção a um morro próximo. Com o passar dos anos, o local tinha se tornado seu lugar favorito. Isolado e com poucos esconderijos disponíveis, estava quase sempre vazio e proporcionava a Simba uma vista para o horizonte. Quando era mais novo, o morro era o local mais parecido com a Pedra do Rei que ele podia encontrar. Passava horas deitado ali na borda, olhando para a paisagem, refletindo, na esperança de que talvez, de alguma forma, seu pai aparecesse ali embaixo. Ele imaginava Nala brotando pelo mato, com seus olhos enormes e verdes, preenchidos de risada e afeto. Durante os piores momentos, ele se pegava pensando em sua mãe, sentindo falta de seu carinho.

Alcançando o topo do morro, caminhou até a borda e se jogou no chão. O movimento enviou uma baforada de poeira no ar e Simba a observou flutuando para longe, até desaparecer por completo. Só então ousou levantar a cabeça.

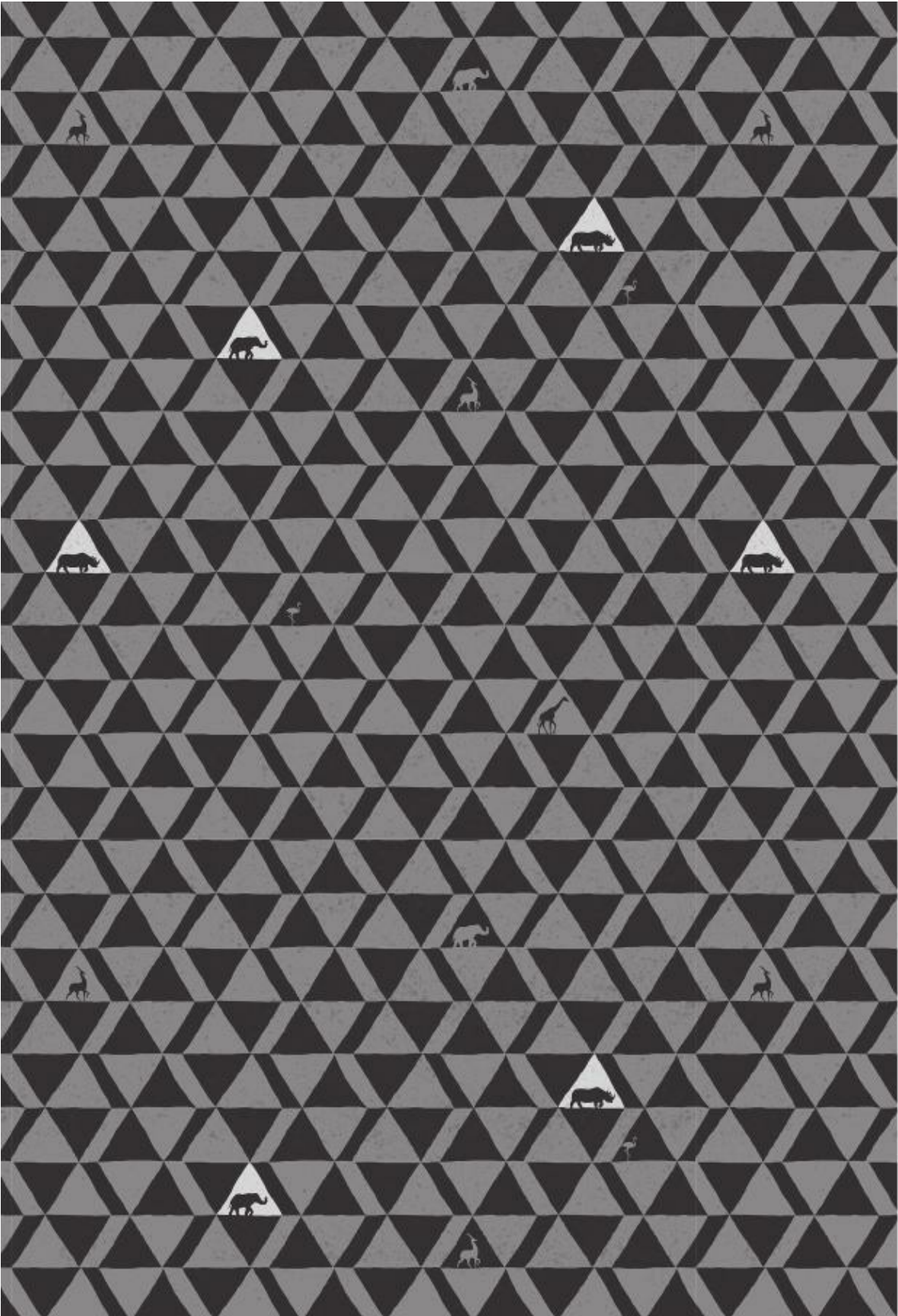
As estrelas brilhavam, parecendo mais próximas agora que estava em um local mais alto. Um suspiro triste e leve escapou de sua boca quando, na brisa suave, mais uma vez ouviu a voz de seu pai e sentiu o toque de sua mãe. Para sua surpresa, seus olhos se encheram de água e uma lágrima solitária caiu pelo seu rosto. Ele não chorava fazia tanto tempo que essa reação o deixou chateado. Limpou a lágrima, fazendo um tufo de seu próprio pelo voar pelo ar.

Mas ele sabia que não estava bravo. Se fosse honesto consigo mesmo, só estava triste. Triste porque, mesmo depois de anos, não conseguia fugir dos fantasmas do passado. De alguma forma, Mufasa estava sempre ali, ao redor, com sua voz profunda na consciência de Simba. Ele era a voz que tentava impelir Simba a fazer algo quando Timão e Pumba se alegravam por não fazer nada. As lembranças de Simba da Pedra do Rei e da vida que levava ali o impediam de adotar o espírito *Hakuna Matata* de verdade.

Balançando a cabeça, tentou barrar a enxurrada de emoções que sentia rompendo para a superfície. Ele não queria se preocupar ou pensar na Pedra do Rei. Duvidava que alguém estivesse pensando nele ali. As leões provavelmente estavam ocupadas caçando, e as manadas, alimentando-se. Ele

imaginava Zazu ainda tecendo relatórios sobre os sucessos cotidianos nas Terras do Reino. E Nala? Bem, ela provavelmente estava correndo por aí com um novo melhor amigo, perseguindo hipopótamos e se esgueirando para dentro e para fora da mata ao lado do olho-d'água cheio.

Simba ficou de pé. Não, não valia a pena ficar pensando no passado. O passado era passado. As estrelas eram provavelmente vaga-lumes presos em uma enorme escuridão feita de nada. E ele ficaria melhor se voltasse para a clareira – sua casa.





CAPÍTULO DEZESSEIS

Nala abriu os olhos. Ao seu redor, ela ouvia as respirações estáveis das outras leas e, além, os roncos das hienas próximas. Colocando-se de pé, circulou cuidadosamente por seus amigos dormindo e foi até a entrada da toca.

Sarabi estava acordada, de cabeça erguida, olhando para as desoladas Terras do Reino em silêncio. Seus olhos estavam escuros e cheios de emoção. Mesmo no meio da noite, era evidente o estrago que Scar e as hienas tinham causado. Não havia nenhum som de animais noturnos conversando uns com os outros, tampouco de pássaros cantando ocasionalmente ou de elefantes trompeteando. Esses animais tinham partido fazia tempo. A única vida restante nas Terras do Reino eram os leões, as hienas e as poucas almas solitárias que ainda ousavam tentar fazer daquele lugar sua casa.

Lentamente, Sarabi virou a cabeça e olhou para a leoa mais nova.

– Tem certeza de que não posso fazer você mudar de ideia? – sussurrou.

Nala balançou a cabeça. Ela sabia que Sarabi temia esse momento. Mas eles não tinham escolha. As coisas tinham ficado terríveis demais. Algo precisava mudar, e se ir não era a primeira escolha de Nala, ninguém mais tinha se oferecido. Em momentos secretos, os leões sussurravam planos, discutindo possibilidades que não envolviam a partida de Nala. Mas, todas as vezes, chegavam à mesma conclusão – ou melhor, Nala chegou à própria conclusão.

– Tenho que procurar ajuda, Sarabi – ela disse. – Tenho que tentar. Diga à minha mãe que não se preocupe. Prometo voltar.

Nala se virou para partir, mas hesitou. Olhou para as leas cansadas, com as costelas visíveis, seus corpos relaxados só agora durante o sono, seus olhos cheios de emoções indizíveis. Elas tinham enfrentado tanta coisa. Tinham sofrido desnecessariamente e visto as terras que amavam serem destruídas. Ela não podia decepcioná-las.

Mas, caminhando na ponta das patas entre os leões adormecidos em direção à pequena abertura no fundo da caverna, ela não pôde deixar de se

perguntar: e se não houvesse ninguém lá fora para ajudá-los? E se ela falhasse? O que aconteceria com as Terras do Reino? E mais importante: o que aconteceria com Sarabi, sua mãe e as outras leoas? Ela parou na abertura e deu uma última olhada para trás.

Balançando a cabeça, Nala se esgueirou para fora. Então, respirando fundo, saiu para a escuridão da noite, deixando as hienas adormecidas e sua alcateia real para trás.

Eu vou voltar, prometeu para si mesma enquanto os roncos das hienas sumiam e o silêncio da noite tomava conta. Prometo. Vou conseguir ajuda, não importa quanto tempo leve ou quão longe eu tenha que ir. A resposta tem que estar lá fora. Em algum lugar.



Uma noite de sono tinha feito maravilhas pelo humor de Simba, e ele acordou pronto para deixar o passado no passado. Colocando-se de pé com um salto, ele bocejou, espreguiçou-se e sacudiu a juba vigorosamente. Então pegou duas larvas e se sentou para pensar. Estava com vontade de fazer algo hoje. Nada de mais. Quem sabe um passeio pela floresta? Faria bem para seus amigos sair um pouco da clareira.

Com esse plano em mente, acordou Timão e Pumba, e logo o trio estava a caminho da floresta. A manhã estava silenciosa; os animais ainda estavam enfiados, seguros, em seus buracos, tocas e cavernas. Simba vagueou, contente com a paz e o silêncio.

Então Timão começou a cantar.

Inclinando a cabeça para trás, ele trinou. Conforme se empolgava, sua voz ficava cada vez mais alta e mais desafinada. Simba começou a rir. Quando o suricate chegou ao refrão, Pumba se juntou e Simba balançou a cabeça no ritmo animado.

Enquanto o trio seguia com seu concerto improvisado, Pumba fechou os olhos e cantou mais alto. Entregue à música, Simba nem percebeu o javali se afastando – até que ouviu seu grito. Alto.

Simba parou de cantar no mesmo instante. Sua cabeça girou ao redor procurando o que fizera seu amigo gritar desesperado. Para sua surpresa e horror, a razão estava logo ali: uma leoa, de pelos arrepiados e dentes à mostra, perseguindo Pumba pela floresta.

Em um pânico cego, Pumba correu o mais rápido que suas patinhas

conseguiram, passando por vários troncos caídos e um amontoado de pedras. Mas ele não era rápido o suficiente. Em minutos, a leoa o tinha encurralado contra uma árvore.

Sem parar para pensar, Simba saiu correndo para salvar o amigo. Saltando pelos mesmos troncos, vislumbrou um galho baixo alguns metros acima de Pumba. Pulou no galho e esperou. Quando a leoa estava prestes a atacar, atirou-se da árvore.

O ar saiu de seus pulmões quando ele aterrissou com um baque bem em cima dela. O ataque os fez cair pelo chão repleto de folhas. Eles rolaram por alguns metros, grunhindo e lutando, cada um tentando tomar a vantagem, até que, finalmente, a leoa virou Simba de costas. Preso ao chão, Simba lutou para se soltar. Mas a leoa era mais forte do que parecia e, quanto mais ele lutava, mais feroz ela parecia.

De repente, a pegada da leoa afrouxou. Seus olhos se arregalaram e sua respiração vacilou.

– Simba? – ela disse, dando um salto e se afastando.

Quando seu nome saiu da boca dela, foi a vez de os olhos de Simba se arregalarem. Poderia ser? Seria possível? Ele balançou a cabeça, checando se estava tudo bem com sua visão. Mas, quando encarou a leoa de novo, ainda estava olhando para os mesmos olhos verdes que agora lhe eram tão familiares.

– Nala? – disse, sem acreditar.

– É mesmo você? – ela perguntou, ecoando o pensamento de Simba.

Levantando-se, Simba assentiu.

– Sou eu! – berrou, correndo e atirando as patas ao redor de Nala. Sentiu uma gargalhada histérica borbulhar dentro de si. Nala estava ali! Na floresta!

– Simba! – ela disse, afastando-se. Seus olhos ficaram subitamente sérios, fazendo com que a risada de Simba ficasse presa na garganta. – Pensei que você estivesse morto!

Morto? Como assim ela pensara que ele estivesse morto? O que Scar tinha lhe contado? Sua mente voava. Quando chegou à floresta, sonhou com esse momento muitas vezes. Mas, com o tempo, o sonho esmoreceu, e ele aceitou o fato de que Nala e os outros tinham seguido em frente, sem pensar nele. Será que sempre estivera errado? Olhou para Nala, sem saber o que dizer.

– Pensei que *eu* estava morto – Pumba disse, interrompendo o momento. Ele ainda estava parado na árvore, tremendo.

– O que está pegando aí? – Timão apareceu, olhando de um leão para o

outro, a perplexidade fazendo seus olhos se arregalarem ainda mais.

Sacudindo a cabeça para afastar a confusão, Simba se virou para seus amigos.

– Timão, Pumba, quero que conheçam minha melhor amiga, Nala – disse.

Timão levou uma mão ao coração.

– Melhor amiga? – repetiu. – Isso dói.

– Nala é um nome tão bonito – Pumba disse, imediatamente bem, agora que a leoa não estava tentando matá-lo.

Mas Timão não era tão fácil de agradar. Ele continuou olhando para os dois leões, balançando a cabeça.

– Peraí – ele finalmente disse. – Você conhece ela. Ela conhece você. Mas ela quer comer ele. – Apontou para Pumba, que encolheu os ombros. – E todo mundo concorda com isso? Perdi algo?

– Prazer em conhecer você, Nala – Pumba prosseguiu, ignorando o amigo.

– Prazer nenhum! – Timão gritou. – Ela está olhando pra você como um pedaço de carne!

Simba tinha que admitir que Timão não estava errado. Nala *estava* olhando para Pumba como se ele fosse um ótimo lanche. Mas Simba sabia que ela não o machucaria. Era Nala. Sua amiga. Sua melhor amiga. Mesmo que parecesse um pouco faminta ou magra, ela não machucaria ninguém com quem Simba se importasse. Ele mostraria a ela o tronco caído mais próximo e lhe ofereceria um bom lanche.

– Isso é incrível! – ele finalmente disse, sem conseguir mais conter a felicidade. – Você vai adorar este lugar!

Nala inclinou a cabeça, confusa.

– Simba, precisamos partir. Scar dominou o reino com as hienas. Você *tem* que tomar seu lugar como rei! – ela disse, balançando a cabeça.

Simba encarou Nala. Agora que sua felicidade estava desvanecendo, ele notou que ela parecia assustada. E cansada. Será que estava mesmo sugerindo que ele voltasse e se tornasse rei? Ele não poderia voltar. Não pertencia àquele lugar. Aquela era sua vida antiga. Começou a sacudir a cabeça, mas, antes que pudesse falar, Timão interrompeu.

– Rei? Simba? – disse. – Moça, você confundiu seus leões?

Pumba, por outro lado, não parecia achar que era uma ideia tão maluca assim. Inclinando-se, abaixou a cabeça e fez uma medida.

– Pumba – Simba disse, aproximando-se e erguendo a cabeça do javali. – Ela está errada.

Simba sentiu o olhar de Nala sobre si, mas não se virou. Em vez disso, começou a caminhar. Como o momento tinha ido de maravilhoso a péssimo tão rapidamente? Ver Nala era maravilhoso. Ser lembrado do que tinha deixado para trás? Péssimo.

– Ver você de novo... você não sabe o que isso significaria para todos. Você tem que voltar para casa – Nala insistiu.

Simba fez que não e disse:

– Esta é minha casa.

Aproximou-se e parou na frente dela. Seus olhos se prenderam um no outro e, por um momento, Simba esqueceu o que ia dizer. Na luz bruxuleante, Nala estava... diferente. Ela ainda era a melhor amiga que ele tinha deixado para trás, mas, ao mesmo tempo, parecia mais sábia, mais durona, mais forte. Era como se tivesse carregado um peso nos ombros por um longo tempo. Mas ela não precisava disso. Não se ficasse ali na floresta.

– Por favor, fique – ele finalmente disse. – Este lugar é incrível. Sei que você vai amar.

– Não posso... – Nala começou a dizer.

– Vamos – Simba implorou. – Pelo menos me deixe mostrar a você! – Ele abriu os olhos e fez um beicinho, como costumava fazer quando eram filhotes, e queria que ela o ajudasse em algo que ela não tinha vontade. Um pequeno sorriso começou a se espalhar pelo seu rosto, e finalmente ela assentiu de maneira discreta.

Era tudo do que Simba precisava. Virando-se, começou a caminhar. Ele precisava mostrar a ela quão incrível era a floresta, quão linda podia ser. Porque, por alguma razão que não conseguia explicar, ele queria muito, muito *mesmo*, que ela ficasse – para sempre.







CAPÍTULO DEZESSETE

Nala seguiu Simba com a mente acelerada. Ela tinha partido das Terras do Reino para encontrar ajuda. E acabou encontrando Simba. Era melhor do que podia imaginar. No momento em que percebeu quem ele era, sentiu uma esperança tão súbita e tão grande que quase a sufocou. Mas ele ficou em silêncio quando ela lhe contou o que estava acontecendo e inexplicavelmente se recusava a ir embora. Ela não entendia. O que tinha de tão especial nesse lugar?

Nos arbustos atrás deles, ela ouvia Timão e Pumba falando sobre eles. Ou melhor, ela podia ouvir o suricate falando sobre *ela*. Franziu a sobrancelha quando ele disse a Pumba que nada de bom poderia vir com a aparição dela. Ela claramente não era uma ameaça. Já tinha falado para Simba voltar para casa e ele já tinha dito que não.

Suspirando, afastou a tristeza e acelerou o passo. Ela poderia aproveitar o tempo que tinha com Simba agora, enquanto podia. Olhando para a frente, viu que ele tinha parado ao lado de um rio. A água corria, brilhando ao sol e formando um pequeno e quase imperceptível arco-íris na superfície. Sua respiração ficou presa na garganta quando um raio de luz irradiou por entre as nuvens e iluminou Simba. Nesse instante, não se parecia em nada com o filhote que ela conhecera; parecia seu pai. Poderoso e forte, ele era em cada centímetro o rei que deveria ser – se ao menos ele também visse isso.

Alheio aos pensamentos de Nala ou ao estranho sentimento que tomava conta dela e que ela não conseguia explicar direito, Simba desceu e colocou uma pata na água, espirrando um pouco nela. Soltando uma risada, ela correu até ele e bateu sua própria pata no rio. Em segundos, eles estavam brincando e rindo, como costumavam fazer no olho-d'água anos atrás.

Durante o resto da tarde, Nala seguiu Simba enquanto ele mostrava a ela a floresta que chamava de lar. Depois de anos vivendo sob o domínio de Scar, vendo as Terras do Reino outrora férteis se transformarem em pura desolação, a floresta lhe proporcionou um alívio bem-vindo. As árvores,

grossas e verdejantes, cobriam o chão macio, que não machucava suas patas. O ar era doce com o aroma de dúzias de diferentes plantas e úmido por conta das cachoeiras que caíam das altas montanhas acima. Correndo sobre um campo aberto, Nala sorriu, não apenas para Simba, que vinha logo atrás, esquivando-se e contornando as flores com o abandono de um pequeno filhote, mas também para a beleza à sua volta. Ela podia ver por que Simba amava esse lugar. Ela podia ver que ele estava feliz.

Mergulhando de volta nas árvores, ela pulou em um galho e observou Simba procurando por ela; a brincadeira da infância era familiar e diferente ao mesmo tempo. De sua posição de vantagem, ela viu sua juba grossa, seus ombros largos e seus músculos poderosos se movimentando por baixo de seu pelo dourado. Sentindo o olhar sobre si, ele se virou para ela e sorriu afetuosamente.

Mas, mesmo quando a luz do entardecer deu lugar ao brilho da noite, Nala não pôde evitar pensar que Simba estava escondendo algo dela. Ela não conseguia adivinhar o que era, mas, toda vez que chegavam muito perto, ele se afastava. Cada vez que ela abria a boca para mencionar as Terras do Reino, seu sorriso sumia e seus olhos se escureciam.

Só queria que ele falasse comigo, Nala pensou enquanto caminhavam de volta pelo riacho que levava à clareira. *Se ele me contasse o que está acontecendo, eu poderia ajudar, acho...*

– Nala – Simba disse, quebrando o silêncio confortável que eles tinham estabelecido. – Não é incrível aqui? Quero que você fique.

Ela concordou.

– É maravilhoso. Só tem uma coisa que não entendo. – Ela fez uma pausa, sem saber se devia continuar e arruinar o momento. Em seguida, sacudiu a cabeça. Precisava saber. – Você estava vivo esse tempo todo, então por que não voltou pra casa? Nós precisávamos muito de você.

– Ninguém precisa de mim – Simba disse, com a voz tão carregada de tristeza que Nala sentiu seu coração partir.

– Você é o rei – ela disse suavemente. *Todo mundo precisa de você*, completou em silêncio.

– Scar é o rei – Simba corrigiu.

Uma onda de raiva subitamente inundou Nala. Raiva por Simba não ver o que estava diante dele. Raiva de Scar. Raiva de tudo.

– Simba, ele destruiu as Terras do Reino – ela disse, não se contendo mais. – Não há comida nem água...

– Não há nada que eu possa fazer – Simba disse, interrompendo-a. Ele deu as costas para a água e seguiu para a floresta. Seus ombros estavam tensos, e ela soube que ele estava lutando contra alguma emoção que não queria que ela visse.

Uma parte de Nala, uma parte nova que ela ainda estava tentando entender, queria se aproximar de Simba e confortá-lo. Mas outra parte, uma parte maior, estava muito brava.

– E sua mãe, Simba? – ela perguntou, esperando que a menção a Sarabi pudesse derrubar qualquer muro que Simba tivesse erguido em volta de seu coração. – É sua responsabilidade. Você *precisa* desafiar Scar!

– Não – Simba disse, balançando a cabeça. – Não posso voltar. Nunca.

– Por quê? – Nala insistiu. – Pelo que aconteceu no desfiladeiro? Scar nos disse que...

– Você não entenderia – Simba rebateu. Então, afastou-se sacudindo a cabeça. – Nada disso importa. *Hakuna Matata*.

Simba estava certo. Ela não entendia. *Hakuna Matata*? Do que ele estava falando? Por que ele estava tão convencido de que não podia voltar e se tornar rei? Seu rosto devia ter mostrado sua confusão, porque Simba continuou:

– É algo que aprendi aqui. Sabe, às vezes coisas ruins acontecem e não há nada que você possa fazer. Então por que se preocupar?

– Por que se preocupar? – Nala repetiu, balançando a cabeça. Ela encarou Simba por um longo tempo, tentando enxergar o filhote que conhecia. Mas tudo o que via agora era um estranho. Um leão que estava disposto a virar as costas para a família porque não queria “se preocupar”. Uma imagem de Simba, cheio de vida, caminhando atrás de seu pai com adoração nos olhos passou em um pensamento pela mente de Nala. Aquele Simba nunca teria dito não para uma briga. Jamais. – O que aconteceu com você? – ela finalmente disse em voz alta. – Você não é o Simba de que me lembro.

Simba encolheu os ombros.

– E nunca vou ser! – disse. – Está satisfeita?

– Não – Nala disse, triste. – Estou decepcionada.

– Bem, agora você está falando como o meu pai! – ele disse, com uma ferocidade tão repentina na voz que a assustou.

Ela continuou pressionando, sem se importar em pisar no calo dele. Mas Simba tinha feito o mesmo. Ele merecia ouvir o que ela tinha a dizer.

– Que bom. Fico feliz que um de nós seja parecido com ele.

Para sua surpresa, as palavras pareceram atingir Simba. Sua cabeça se ergueu. A tensão crescente em torno deles ficou mais densa.

– Você não faz ideia do que eu passei! – ele disse, com a voz ferida e os olhos cheios d’água.

Nala suspirou. Ela não sabia. Porque ele não lhe contava! Mas, se ele queria manter seus segredos, não havia nada que ela pudesse fazer.

– E você não faz ideia do quanto é difícil dizer isto. Estou partindo... ao nascer do sol.

Com um último olhar para Simba, ela se virou e começou a se afastar, em direção à floresta fechada além da margem do riacho. Logo sumiu na escuridão. Ela parou, esperando que Simba viesse atrás. Após uns minutos, porém, a floresta ainda estava muda.

Com outro suspiro, Nala continuou. Ela tinha tentado – e falhado. E agora tinha que voltar para as Terras do Reino e contar a Sarabi que encontrara Simba e o perdera novamente.



A noite chegou na floresta. Os animais estavam enfiados em suas tocas e as árvores estavam silenciosas. Caminhando sozinho, de cabeça baixa, Simba sentia sua garganta se fechar e seus olhos se encherem de lágrimas. Por que Nala tinha aparecido? Que bem isso tinha feito? Tudo o que sentia agora era a tristeza que tinha tentado manter longe durante tanto tempo.

Ele ouvira tudo o que ela tinha dito e, mesmo que tentasse não demonstrar, ouvir que eles estavam sofrendo, que as Terras do Reino estavam destruídas, que sua mãe estava angustiada partiu cada pedacinho de seu coração que sobrara para ser partido. Mas para que servia tudo isso? Se voltasse, só pioraria as coisas. Ele quis explicar tudo a Nala, na esperança de que ela pudesse pelo menos entender sua decisão se soubesse a verdade. Mas todas as vezes que tentou dizer algo, por alguma razão, ele se segurou.

Raivoso, balançou a cabeça, esperando afastar os pensamentos que o agitavam violentamente por dentro. Esse não era o jeito que Timão e Pumba o ensinaram a viver. O passado estava no passado. Ele só precisava mantê-lo lá. Só que Nala apareceu e trouxe tudo de volta.

De repente, um barulho estranho chegou com o vento. Simba se assustou e parou, olhando para cima com a cabeça inclinada. Ele já tinha ouvido esse som antes. Era quase como um cântico. Curioso, seguiu para a borda da

clareira e olhou para as árvores ao longe.

No começo, Simba não viu nada. Mas, conforme seus olhos foram se ajustando, percebeu a silhueta de um macaco alto e esguio, com ombros carregados pela idade, sentado no galho de uma árvore próxima. Ele estava cantando sozinho.

Seguindo a voz do macaco, Simba se aprofundou pela floresta. Assim que se aproximou dele, o macaco pulou para outra árvore. E então outra. No chão, Simba o perseguiu, e o som de sua risada maluca – e estranhamente familiar – ecoou pela selva.

Então, de repente, a risada parou e o macaco desapareceu. Foi como se tivesse simplesmente desvanecido no ar. *Talvez eu esteja alucinando*, Simba pensou, balançando a cabeça. *Talvez seja um sonho esquisito. Estou pensando em minha vida antiga por causa de Nala...* Mas, quando se virou, viu que o macaco estava de volta, sentado em um outro galho.

– Quer parar com isso? – Simba gritou, frustrado.

O macaco apenas riu.

– Se você parar, isso só volta – ele disse misteriosamente.

– Vai embora, macaco esquisito!

Dessa vez, o macaco não riu. Em vez disso, bateu na própria cabeça com um grande cajado de madeira que segurava em uma das mãos.

– Ir embora não vai resolver a questão!

– Que questão? – Simba perguntou. Ele estava ficando de saco cheio disso.

– Quem é você?

– Eu sei exatamente quem eu sou – o macaco disse. – A questão é: quem é você?

Simba sacudiu a cabeça.

– Não sou ninguém! – gritou. – Me deixe em paz!

– Todo mundo é alguém – o macaco respondeu, sem se intimidar com a raiva do leão. – Até ninguém.

– Acho que você está confuso – Simba disse. Só podia ser essa a explicação.

– Eu estou confuso? – o macaco replicou. Então soltou outra risada maluca. – Você nem sabe quem é!

– E por acaso você sabe? – Simba rebateu, quase perdendo o último fio de paciência.

Pulando da árvore, o velho macaco se aproximou, balançando o cajado na frente do leão e murmurando. Quando estava cara a cara com Simba, ele

parou – e sorriu.

– Eu segurei o filho de Mufasa – disse.

As palavras atingiram Simba mais forte do que se o macaco o tivesse acertado com o cajado.

– Você conheceu meu pai? – perguntou baixinho.

– Correção – o macaco respondeu. – Eu *conheço* seu pai.

O silêncio na floresta crescia enquanto Simba encarava o macaco. Como ele poderia conhecer seu pai? Não era possível. Seu pai tinha morrido muito tempo atrás. Quem esse macaco doido pensava que era, indo até ali para dizer uma mentira tão descarada?

Rafiki.

O nome veio como um soco repentino. Rafiki. O amigo e conselheiro de seu pai. O babuíno que tinha apresentado Simba às Terras do Reino e que sempre o fascinara com suas canções esquisitas e seu jeito de falar estranho. O macaco era Rafiki.

Percebendo que Simba o reconhecera, Rafiki assentiu lentamente.

– Ele está vivo. Posso levá-lo até ele. Siga-me, vou mostrar! – Fez uma pausa, com um sorriso astuto atravessando seu rosto. – Se puder me acompanhar!

Sem esperar para ver se Simba o seguiria, Rafiki partiu em disparada; enquanto corria, sua risada ecoava pelas árvores. Simba não hesitou. Com o coração acelerado, foi atrás dele. Quase nem sentiu os galhos dos arbustos arranhando sua face enquanto cortava a floresta. Tudo o que podia ouvir eram as palavras de Rafiki reverberando em sua cabeça – seu pai estava vivo. Seria possível? Uma dúvida o assolava, retardando seus passos.

– Seu pai está esperando! – Rafiki gritou por cima dos ombros. – Se apresse!

– Espere! – Simba berrou. Mas Rafiki continuava correndo, pulando de árvore em árvore. Para um macaco velho, ele era excepcionalmente rápido, e Simba lutava para alcançá-lo.

Finalmente, Rafiki parou. Com a respiração ofegante, Simba ergueu a cabeça. O macaco estava parado na frente de um pequeno lago. Com um gesto, indicou a água parada.

– Está vendo?

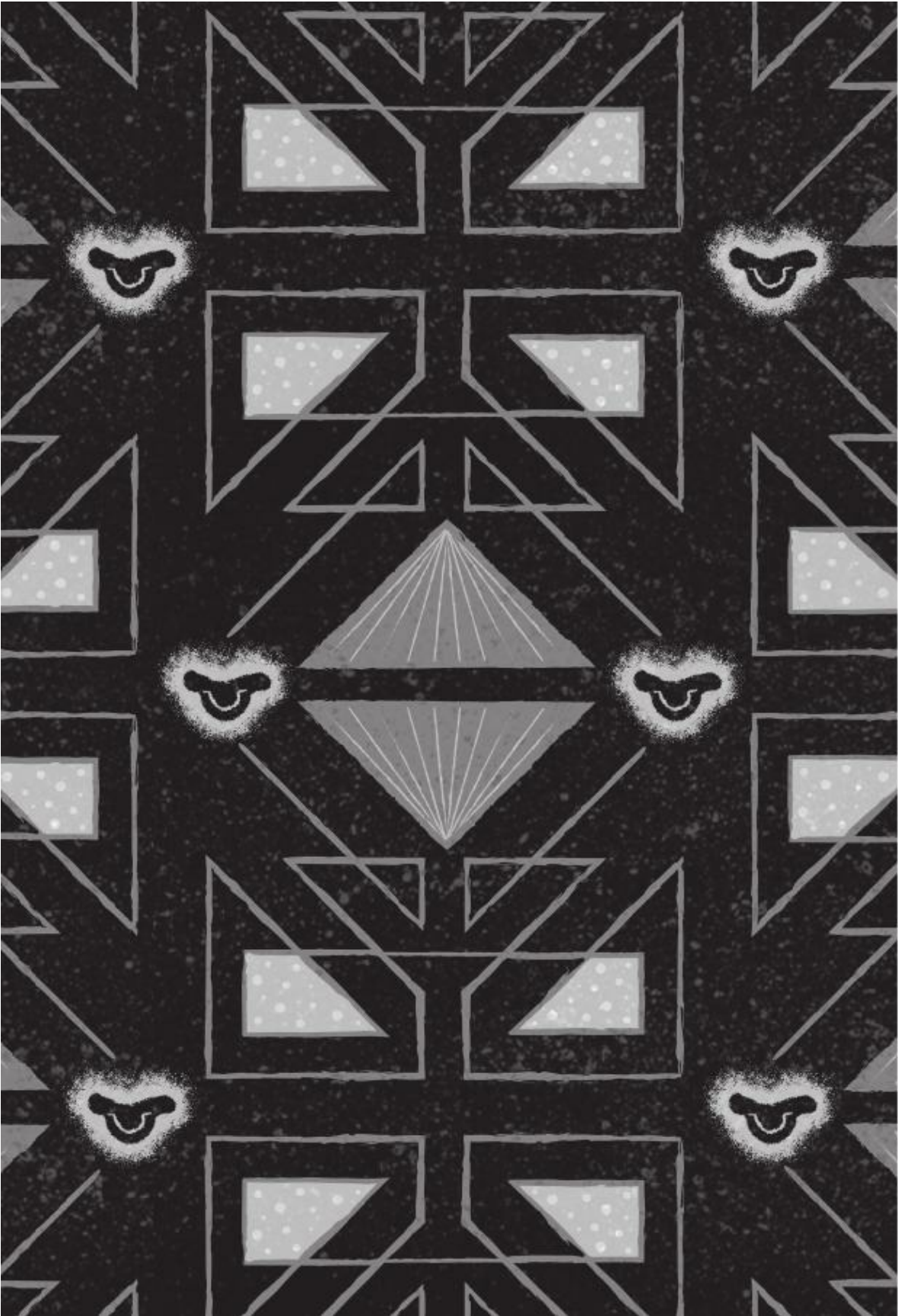
Simba olhou em volta, confuso. Ele não via nada além do lago, Rafiki e alguns arbustos baixos. Eles estavam completamente sozinhos. Balançou a cabeça.

– Não vejo nada.

– Olhe atentamente – Rafiki disse, apontando seu cajado para o lago.

Devagar, Simba se aproximou e olhou para a água. Uma brisa agitou o ar e causou pequenas ondulações na superfície. Seus olhos se estreitaram. Ainda não enxergava nada. Mas então Simba viu o próprio reflexo. Trêmulo no começo, ficava mais nítido conforme a água se acalmava.

Fazia anos que Simba não olhava seu reflexo. Sua respiração ficou presa na garganta. O filhotinho tinha partido. Sua juba crescera selvagem durante os anos e sua cabeça ficara maior, seus ombros estavam mais fortes. Simba se inclinou, com a respiração suspensa ao perceber: ele era igualzinho ao pai.





CAPÍTULO DEZOITO

– Veja – Rafiki disse por cima dos ombros de Simba, assustando-o. – Ele vive em você.

Simba não tirou os olhos da água. Mesmo que uma parte sua soubesse que era apenas seu próprio reflexo, era o mais perto que já tinha chegado de ver seu pai em muito, muito tempo. Seus olhos se encheram e uma lágrima solitária caiu na água, perturbando o reflexo.

– Simba.

Ouvindo seu nome, Simba olhou para cima. A voz era profunda, familiar. Ela provocava um choque nele e o fazia tremer. Enquanto observava, as nuvens no céu começaram a mudar e se mover, juntando-se e passando de um branco disforme até formar a imagem de seu pai. Mufasa olhou para baixo, para o filho, com olhos sábios e gentis.

– Pai? – Simba disse sem acreditar.

Mais nuvens começaram a correr pelo céu, juntando-se enquanto relâmpagos brilhavam e trovões retumbavam. O ar estava elétrico e cheirava a chuva. Era uma sensação mágica, que Simba costumava adorar quando era filhote. Significava água que dá vida. Significava mudança e esperança e transformação. E agora, de alguma forma, significava seu pai.

Lá das nuvens, Mufasa sorriu para o filho.

– Simba – disse, sua voz tão profunda e retumbante como o próprio trovão.

– Você deve tomar seu lugar no Ciclo da Vida.

Simba balançou a cabeça.

– Não posso – disse baixinho.

Admitir em voz alta para seu pai era mais difícil que admitir para Rafiki ou Nala. Mas nada tinha mudado. Era verdade, seu pai estava ali com ele agora. Mas ainda estava morto. E Simba sabia que era sua culpa. Ele não poderia decepcionar seu pai – não de novo.

– Você precisa se lembrar de quem você é – Mufasa disse. – O verdadeiro rei.

– Desculpe – Simba disse. – Não sei ser como você.

– Como rei, o que eu tinha mais orgulho era uma coisa – Mufasa disse, com uma voz doce e cheia de nostalgia. – Ter você como meu filho.

As palavras de Mufasa quebraram Simba. Um choro ficou engasgado em sua garganta. Ele queria contar ao pai como desejava ouvir essas palavras. Queria correr, pular em suas costas, se aninhar em sua juba e sentir a segurança e o conforto que sentia quando era filhote. Queria tanto lhe contar tudo e pedir que o perdoasse. Queria que ele lhe dissesse que tudo ficaria bem. E, mais que tudo, queria que seu pai estivesse vivo.

– Foi há muito tempo – ele finalmente disse baixinho.

Para sua surpresa, Mufasa balançou a cabeça.

– Não, Simba – ele disse. – É para sempre.

As nuvens começaram a se mover mais rápido, escondendo a lua. A imagem de Mufasa começou a se mover com elas, sumindo aos poucos.

– Por favor! – Simba implorou, correndo abaixo das nuvens. – Não me deixe de novo.

– Eu nunca te deixei – Mufasa disse. As nuvens se moveram para mais longe da lua. A luz que ela emanava enfraqueceu, junto com a visão de Mufasa. Em instantes, ele tinha simplesmente desaparecido.

– Lembre-se... lembre-se... – ele disse.

Então, de repente, Mufasa tinha partido. Simba ficou ali, embaixo do cobertor de estrelas. Sozinho. Virando-se, caminhou lentamente de volta para Rafiki.

– Clima esquisito, hein? – o macaco disse, olhando para o céu sem nuvens.
– O que você viu?

Simba encolheu os ombros. Estava tomado por emoções demais. Seu pai tinha aparecido para ele e falado que ele deveria se lembrar de quem era. A ironia era que ele nunca tinha esquecido. Só tinha escolhido ignorar. Era justamente por ser quem ele era que seu pai tinha partido. Que bem faria se lembrar? Balançando a cabeça, olhou para Rafiki.

– Não importa – ele finalmente respondeu. – Está no passado.

Pof!

– Ai! – Simba gritou quando Rafiki bateu o cajado de madeira com força na sua cabeça. – Pra que isso?

Rafiki encolheu os ombros.

– Não importa. Está no passado.

Simba fez uma careta. Ele sabia o que Rafiki estava tentando fazer. Mas

não ia adiantar.

– Nunca poderei ser como ele... – começou a dizer.

– E *ele* nunca poderia ser como você – Rafiki rebateu.

Por um longo momento, Simba só ficou parado ali, contemplando as estrelas. Muito tempo atrás, seu pai lhe dissera que ele nunca estaria sozinho, que ele era parte de algo maior que ele mesmo. Talvez houvesse uma razão para tudo isso. Talvez Nala, Rafiki e seu pai estivessem certos. Talvez fosse hora de tomar seu lugar no Ciclo da Vida. Ele balançou a cabeça. Mas como? O que deveria fazer depois desse tempo todo? Como poderia voltar para uma vida que tinha renegado?

– Então, vou perguntar de novo – Rafiki disse, interrompendo seus pensamentos. – Quem é você?

Simba não tinha a resposta – não para todas as suas perguntas. Mas já estava cansado de fingir que não sabia a resposta para a pergunta de Rafiki. Caminhando, parou na frente do macaco. Então levantou a cabeça e assentiu.

– Eu sou Simba – respondeu. – Filho de Mufasa.



O sol estava nascendo, uma bola vermelha iluminando o céu e incendiando o chão. Simba correu para a clareira, onde sabia que encontraria Nala. Enquanto disparava pela grama, ele a vislumbrou, de costas para ele. Sorrindo, correu até ela – e depois ao seu lado.

– O sol nasceu! – gritou por cima dos ombros. – Não temos tempo a perder!

– Espere! – Nala disse, correndo atrás dele. – Aonde você está indo?

Simba não parou para responder:

– Desafiar Scar!

Ele não tinha percebido que era isso que estava fazendo até as palavras saírem em voz alta. Mas cada segundo desde que Nala aparecera o tinha conduzido para esse momento inevitável. Ele tinha que voltar para casa. Ele tinha que tentar – mesmo que não conseguisse – acabar com o reinado de Scar.

Quando Nala ouviu sua resposta, seu rosto se iluminou de esperança. Sua expressão só o encorajou a correr mais rápido. Ele já tinha esperado tempo demais.

Eles correram para longe da floresta. Enquanto o chão verdejante e macio

dava lugar à dureza e à terra arenosa do deserto, Simba tentou imaginar o que encontraria. Quando fugira das Terras do Reino anos antes, estava consumido em desespero. Sua tristeza e seu medo nublaram tudo, e mesmo agora ele mal se lembrava da jornada. Dessa vez, ele estava plenamente consciente da paisagem mudando conforme se aproximavam das Terras do Reino.

Subindo enormes dunas de areia, ele ouviu um trovão à distância. O ar estava ficando mais pesado com uma tempestade iminente e as nuvens estavam escuras agora, bloqueando o sol. Simba sentiu uma sensação sinistra e diminuiu o passo. Mas, olhando para o seu lado, viu a determinação no rosto de Nala. Isso o incentivou, e suas patas correram pela areia, subindo e afundando nas dunas, até que ele viu o morro que marcava a fronteira das Terras do Reino.

Tomando fôlego, Simba disparou a toda velocidade até o topo do morro. Então parou, olhando para o seu lar pela primeira vez em muitos anos.

E o que viu o deixou horrorizado.

Nala estava certa. As Terras do Reino estavam devastadas. O chão estava árido, e havia um mar de ossos secos e morte. Por mais que se esforçasse, não conseguia ver uma única criatura viva. A terra que ele lembrava como exuberante e colorida, habitada por vários animais, estava completamente irreconhecível. Scar e suas hienas tinham destruído tudo, transformando-a em uma sombra do que tinha sido. Simba ergueu os olhos para a Pedra do Rei à distância e engoliu em seco com pesar. Até ela parecia diferente. Abaixo das nuvens negras que assomavam no céu, a Pedra do Rei parecia cinzenta, sem vida, como se sua alma tivesse partido.

– Eu não quis acreditar em você... – Simba disse, sua voz sumindo conforme ele era tomado por emoção.

– Scar tem um exército, Simba – Nala disse. Seus olhos estavam endurecidos ante a visão da paisagem tão familiar.

Simba balançou a cabeça. Ele não se importava com esse exército. Não conseguia se conformar com o que via ali, naquele exato instante.

– Sinto muito – disse baixinho. – Nunca imaginei...

Nala se virou e olhou para ele. Ela assentiu, com olhos gentis. Então disse:

– O que você vai fazer?

Era uma boa pergunta. Era justamente a pergunta que ele estava se fazendo desde que saíra correndo da floresta. Ele não sabia então, mas agora, sim. Não podia ficar parado e deixar Scar tomar o que restava das Terras do Reino. Rafiki tinha perguntado quem ele era. Bem, ele era filho de Mufasa. E

Mufasa nunca fugiria disso. Respirando fundo, olhou para a planície.

– Tudo o que a luz toca é meu reino – disse. – Se eu não lutar por ele, quem vai lutar?

– Eu – Nala respondeu.

Simba olhou para ela e sorriu. Mas então seu sorriso desapareceu.

– Será perigoso – alertou.

Nala deu risada.

– Perigoso? – disse, com os olhos cintilando. – Rá! Eu rio na cara do perigo!

Ouvir as palavras que ele mesmo dissera anos atrás, quando era tão jovem, foi tudo de que Simba precisou. Nesse momento, a tensão se quebrou e os dois amigos começaram a gargalhar. Não importava que houvesse uma pontada de histeria ou medo na risada; ela apaziguava as almas deles. Pela primeira vez desde que se encontraram, Simba sentiu que Nala e ele estavam onde deveriam estar. Um time. Eram melhores amigos e cuidariam um do outro, não importava o que acontecesse. Protegeriam um ao outro diante das dificuldades e...

De repente, um som estranho interrompeu o momento.

Virando-se, Simba e Nala viram uma forma aparecer no horizonte. Simba piscou, tentando distinguir o que era. Um animal de que espécie? Era meio redondo. E meio alto. Mas também meio quadrado. E parecia ter três – ou talvez quatro? – cabeças. Até que a forma disparou nas sombras, e Simba soltou um grito em reconhecimento.

Não era um animal... eram quatro! Pumba estava correndo o mais rápido que suas patas de javali permitiam. Montado em sua cabeça estava Timão, com o braço erguido. E nas costas de Pumba estavam o galago e o musarinho. Atrás deles vinha o texugo.

– O que vocês estão fazendo aqui? – Simba perguntou quando eles pararam, sem fôlego, na sua frente.

– Morrendo seria minha primeira tentativa – o texugo respondeu.

– Não recomendo montar nas costas de um javali – disse o galago, com os olhos mais arregalados que o normal e sua enorme orelha se mexendo para a frente e para trás freneticamente. Ele franziu o focinho. – Estava segurando a respiração desde o desfiladeiro.

Simba segurou uma risada enquanto Pumba lançava um olhar para o galago. Estava feliz de ver seus amigos, mas ainda não entendia o que eles estavam fazendo ali. Por que arriscariam vir para um lugar que não

conheciam para ajudar a derrotar um inimigo que nunca tinham visto? Quando Simba os pressionou para que respondessem, Timão e Pumba – bem, principalmente Pumba – disseram que eles eram amigos. E amigos permaneciam juntos. Fim da história.

– Estamos ao seu dispor, Majestade! – Pumba disse, fazendo uma reverência.

Timão, que estava estranhamente quieto, passou por Simba e Nala, e olhou por cima do morro em direção às planícies abaixo. Ergueu uma sobrancelha.

– Então *este* é o lugar pelo qual você vai lutar?

– Sim, Timão – Simba respondeu. – Esse é meu lar. – Dizer a palavra em voz alta fez tudo parecer mais real. Um senso de urgência renovado o preencheu e ele começou a caminhar, ávido para fazer o que tinha que fazer.

Mas Timão estava com tudo.

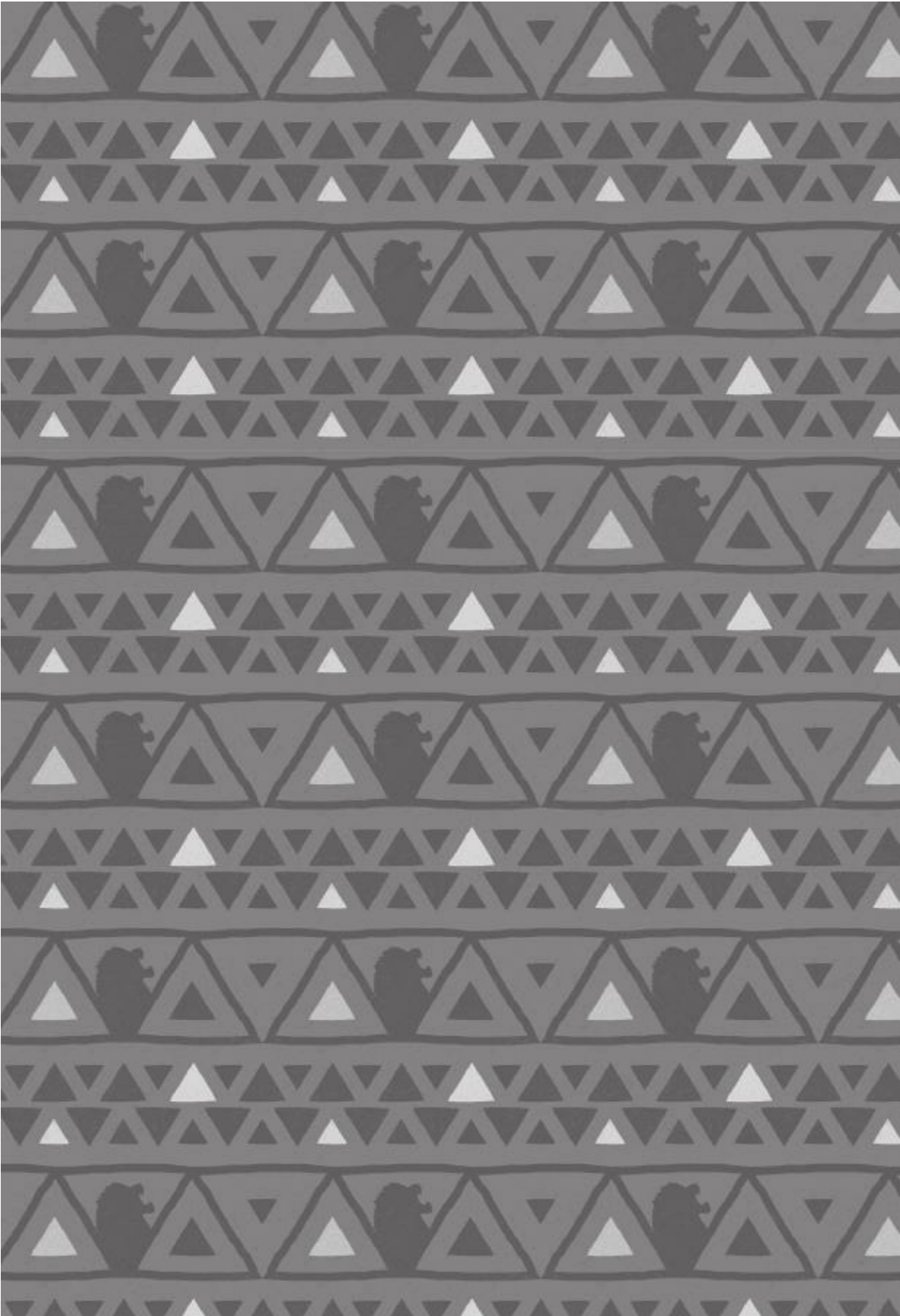
– Bem, vai ter que dar um belo jeito nele.

Ignorando seu amigo, Pumba se aproximou.

– Simba, estamos com você até o fim – disse solenemente. – Só nos diga o que fazer.

Simba parou de caminhar. Ele sorriu olhando para seus amigos. Scar podia ter um exército, mas ele tinha esses caras. E no que se referia a brigar, ele não gostaria de ter ninguém mais ao seu lado. Virando-se, observou as nuvens escuras e as Terras do Reino devastadas. Era hora de colocar um fim no reinado de Scar.







CAPÍTULO DEZENOVE

Simba estava começando a pensar que tinha mordido mais do que podia mastigar.

Juntos, ele e os outros atravessaram as planícies sem serem vistos. Simba estava ansioso, imaginando que as hienas sentiriam seu cheiro, mas ele deveria estar com sorte. Eles conseguiram chegar à base da Pedra do Rei sem encontrar nenhuma daquelas criaturas babonas e fedidas.

Mas então sua sorte acabou.

Esgueirando-se atrás de uma rocha grande, Simba, Nala e os outros pararam para avaliar a situação. Lentamente, Simba ergueu a cabeça e espiou por cima da borda da pedra. Ele grunhiu e se abaixou novamente. Duas hienas enormes estavam guardando a entrada da Pedra do Rei. Enquanto a maioria das hienas que Simba já tinha enfrentado tinha olhos opacos, que combinavam com seu minúsculo cérebro e seus corpos sujos, essas duas pareciam maiores e mais duronas que o resto.

– Estamos fritos – o galago disse quando Simba deu a notícia.

– Olhando para trás, acho que perdi tempo demais tomando banho – o musaranho disse, torcendo o focinho nervosamente.

Afastando os outros, Timão se aproximou de Simba.

– Qual é seu plano para passar pelos guardas babões? – perguntou, direto ao ponto.

Os olhos de Simba se estreitaram. Ele espiou a rocha de novo. Então se sentou e olhou para seus amigos. Seu olhar parou em Pumba. O javali estava ocupado coçando seu traseiro redondo. Então Simba sorriu. Parecia que ele tinha mesmo um plano.

– Isca viva – disse.

Seguindo seu olhar, os outros olharam para Pumba. Alheio ao que estava acontecendo, o javali ergueu a cabeça.

– Ótima ideia! – disse, genuinamente empolgado. – Esses caras nunca resistiriam a carne fresca! Agora tudo o que temos que fazer é encontrar algo

gordo e suculento! – Fez uma pausa, pensativo. – Talvez um gnu?

Simba balançou a cabeça.

– Sem gnus? – Pumba disse, de repente parecendo um pouco nervoso conforme percebia que todos estavam olhando para ele um pouco intensamente demais.

– É você – Timão disse.

Pumba engoliu em seco. Simba tentou sorrir a fim de tranquilizá-lo, mas sabia que Pumba tinha acabado de ser escolhido para um trabalho que não queria. Ainda assim, era a única esperança de passarem pelas hienas. Rapidamente, eles bolaram um plano. Era simples: Timão e Pumba distrairiam as hienas caminhando na frente delas. Com as guardas preocupadas com o javali e o suricate, Simba e Nala correriam o mais rápido que conseguissem para a entrada da Pedra do Rei.

Simple.

Na teoria.

Mas nenhum deles poderia ter levado em conta quão famintas – e surpreendentemente rápidas – as hienas seriam. Ou quão dramático Timão poderia ser. Saltando de trás da rocha, Timão ficou parado como um leiloeiro e começou as ofertas.

– Estão a fim de um bacon? – perguntou. No mesmo instante, as duas hienas se viraram e olharam em direção a um Pumba muito nervoso. – Hora da boia, este suíno é joia! Cheguem mais e façam fila! Quem está com fome?

Timão mal tinha terminado quando as hienas começaram a babar. Então... avançaram em direção a eles.

– Corra! – Timão gritou.

Pumba não precisou ouvir duas vezes. Ele disparou para longe, gritando, com as hienas logo atrás.

Simba e Nala esperaram até que as hienas passassem por eles e então rapidamente seguiram para a entrada da Pedra do Rei. Respirando fundo, Simba olhou para Nala. Ela deu um aceno com a cabeça.

Era hora de salvar as Terras do Reino.



Scar observava a tempestade se aproximando. Erguendo a cabeça, respirou profundamente. Ele sempre gostou de uma boa tempestade. A eletricidade. O perigo. A escuridão. Ele sabia que tempestades colocavam as leas no limite

e tinha ouvido as intermináveis advertências de Sarabi de que o próximo temporal poderia colocar as planícies secas e mortas em chamas. Mas ele ignorara essas advertências, da mesma forma como ignorava as reclamações das leas.

Desviando a atenção da tempestade iminente, ele olhou para Sarabi, que estava deitada na rocha dura da Pedra do Rei. Seu corpo estava fraco, sua cabeça pesada e sua respiração ofegante. Desde que Nala partira, os dias tinham sido difíceis para ela e os outros. Scar puniu todos eles pela traição, alimentando-os apenas com sobras – isso se as hienas deixassem alguma.

– Sarabi – disse, aproximando-se. – Ver você faminta parte meu coração. Você não pode viver de sobras por muito mais tempo. – Suas palavras eram solidárias, mas seu tom, não. Era frio, como seus olhos. Enquanto ele se aproximava, Sarabi lutou para se colocar de pé, mas o esforço a deixou exausta. Ela vacilou por um momento, tentando se equilibrar. – Tudo o que tem de fazer é ser minha rainha – disse.

A leoa balançou a cabeça.

– Acabou, Scar – ela disse, fraca. – Você não vê?

Os olhos dele se estreitaram. Ele estava de saco cheio dessa conversa e das respostas teimosas de Sarabi.

– Você está sofrendo pelo quê? – rosnou. – Pela memória de uma vida que você conheceu. Por um rei que um dia amou.

– Ainda amo – Sarabi respondeu.

– Tentei fazer você entender o que um verdadeiro rei pode ser! – Scar disse, a cada minuto mais raivoso.

Mas Sarabi não parecia se importar. Erguendo a cabeça e olhando bem em seus olhos, ela falou suavemente e com convicção:

– O verdadeiro poder de um rei é sua paixão.

Scar soltou um rugido feroz. Era o suficiente. Durante todos esses anos, ele teve que aguentar Sarabi o menosprezando, minando sua autoridade e negando seus avanços. Como um filhote apaixonado, ele a observara sofrendo por Mufasa, vendo o poder desse amor a manter firme quando outros queriam fugir. Mesmo que nunca admitisse em voz alta, ela era uma rainha, dos pés à cabeça. E bem mais forte do que ele tinha imaginado. Mas não admitiria mais isso. Ela era um risco muito grande. Ela se curvaria a ele – ou morreria. Com o corpo vibrando de ódio, ele se aproximou.

– Sou dez vezes o rei que Mufasa foi! E vou provar isso com minhas próprias garras! – gritou.

Um relâmpago cortou o ar quando ele levantou uma das patas. Um trovão explodiu e as Terras do Reino tremeram. Quando o trovão passou, transformou-se em um rugido. Olhando para cima, Scar arregalou os olhos de medo.

Parado em uma pedra acima deles, iluminado por flashes de relâmpagos, estava a forma sombria de um leão.

– Saia de perto dela, Scar – o leão disse.

– Mufasa – Scar sussurrou. – Não pode ser...

Atrás de si, ouviu a respiração entrecortada de Sarabi.

– Simba...

Olhando para cima mais uma vez, Scar estreitou os olhos conforme o leão pulava para baixo e parava na frente deles. Ele balançou a cabeça, tentando entender. Sarabi estava certa. Era Simba. Completamente crescido, à imagem idêntica de seu pai, com a mesma força e ferocidade dele.

Lentamente, Scar começou a recuar.



– Você está vivo? Como?

Ao som da voz suave de sua mãe, Simba quase chorou. Ele pensou que nunca mais a veria de novo. Ainda assim, ali estavam eles. Caminhou até ela e encostou a cabeça na dela. Era familiar e estranho ao mesmo tempo. Quando partira, sua cabeça mal alcançava seu joelho; agora ele tinha que se inclinar.

– Não importa – Simba disse, finalmente se afastando. – Estou em casa.

– Simba – Scar disse, quebrando o momento. – Estou tão feliz de ver você. Vivo.

Virando-se, Simba olhou para o tio. Enquanto sua mãe parecia magra e fraca, Scar parecia bem-alimentado e descansado. Simba apertou os olhos.

– Me dê uma boa razão para não cortá-lo em pedacinhos!

– Posso te dar mais de uma – Scar disse e acenou. Enquanto Simba e sua mãe se cumprimentavam, as hienas tinham se reunido. Elas chegavam de todos os cantos da Pedra do Rei, rosnando entre os lábios e com os pelos erguidos.

– Você sabe, elas acham que *eu* sou o rei – ele disse, encolhendo os ombros.

Simba olhou para as hienas, que só cresciam em número. Ele balançou as

patas nervosamente. Nala dissera que ele deveria se preparar para encarar as hienas, e ele já as tinha enfrentado lá no Cemitério de Elefantes tantos anos atrás. Mas nesse momento, cara a cara com elas, Simba ficou preocupado.

– Simba é o rei por direito!

Ao som da voz de Nala, Simba se virou. Ela tinha reunido as outras leoas enquanto ele estava com sua mãe. Elas agora estavam paradas atrás dela, com as forças renovadas ao verem Simba pela primeira vez.

Encorajado, Simba se virou para Scar.

– A escolha é sua, Scar – disse. – Renuncie ou lute.

– Por que tudo tem que acabar em violência? – Scar disse, sempre diplomático. – Eu detestaria ser responsável pela morte de um membro da família. Sentir a vergonha de saber que eu tirei a vida de alguém que amava. – Ele fez uma pausa, erguendo uma sobrancelha para Simba, como se o desafiasse a discutir.

Simba balançou a cabeça. Ele não ia deixar Scar falar assim.

– Deixei tudo aquilo pra trás... – começou a dizer.

– Mas será que eles também? – Scar interrompeu e fez um gesto para as leoas. – Seus súditos fiéis sabem o que você fez?

– Do que ele está falando? – Nala perguntou, olhando de Simba para Scar.

Simba encarou Nala. Ela o encarou de volta, com dúvida brotando em seus olhos. Ele engoliu um grunhido. Deveria ter contado a ela a verdade, lá na floresta. Deveria saber que Scar usaria isso contra ele. Mas ele tinha medo e não queria ver a insegurança nos olhos dela – a mesma insegurança que via agora. Abriu a boca, esperando as palavras, mas elas não vieram.

Scar continuou.

– Bem, Simba – disse, claramente curtindo o momento. – Agora é sua oportunidade de confessar. Diga a eles quem é o responsável pela morte de Mufasa.

Todos os olhos se viraram para Simba. Cada olhar era um peso de chumbo em suas costas. Suspirou. Não havia por que fingir mais. Scar estava certo. Se queria ser rei, as leoas precisavam saber a verdade.

– Fui eu – disse.

– Não – Sarabi disse, balançando a cabeça. – Você era um filhote! Isso não pode ser verdade.

Encontrando seus olhos, Simba assentiu.

– É verdade – ele falou. Seu coração se partiu ao ver o rosto de sua mãe se desfigurar. – Sinto muito.

– Ele confessa! – Scar gritou, sem se importar com o momento entre mãe e filho. – Assassino!

Lá fora, a tempestade ficava mais forte. Relâmpagos caíam e trovões explodiam. Enquanto Simba segurava a cabeça de vergonha, os relâmpagos foram ficando cada vez mais rápidos, aproximando-se da Pedra do Rei como se fosse seu julgamento. Subitamente, um relâmpago atingiu o chão na base da pedra. Em um instante, a grama seca pegou fogo.

Alheio às chamadas crescentes abaixo, Simba olhou para cima. Seu olhar ia de sua mãe para Nala e para as outras leoas.

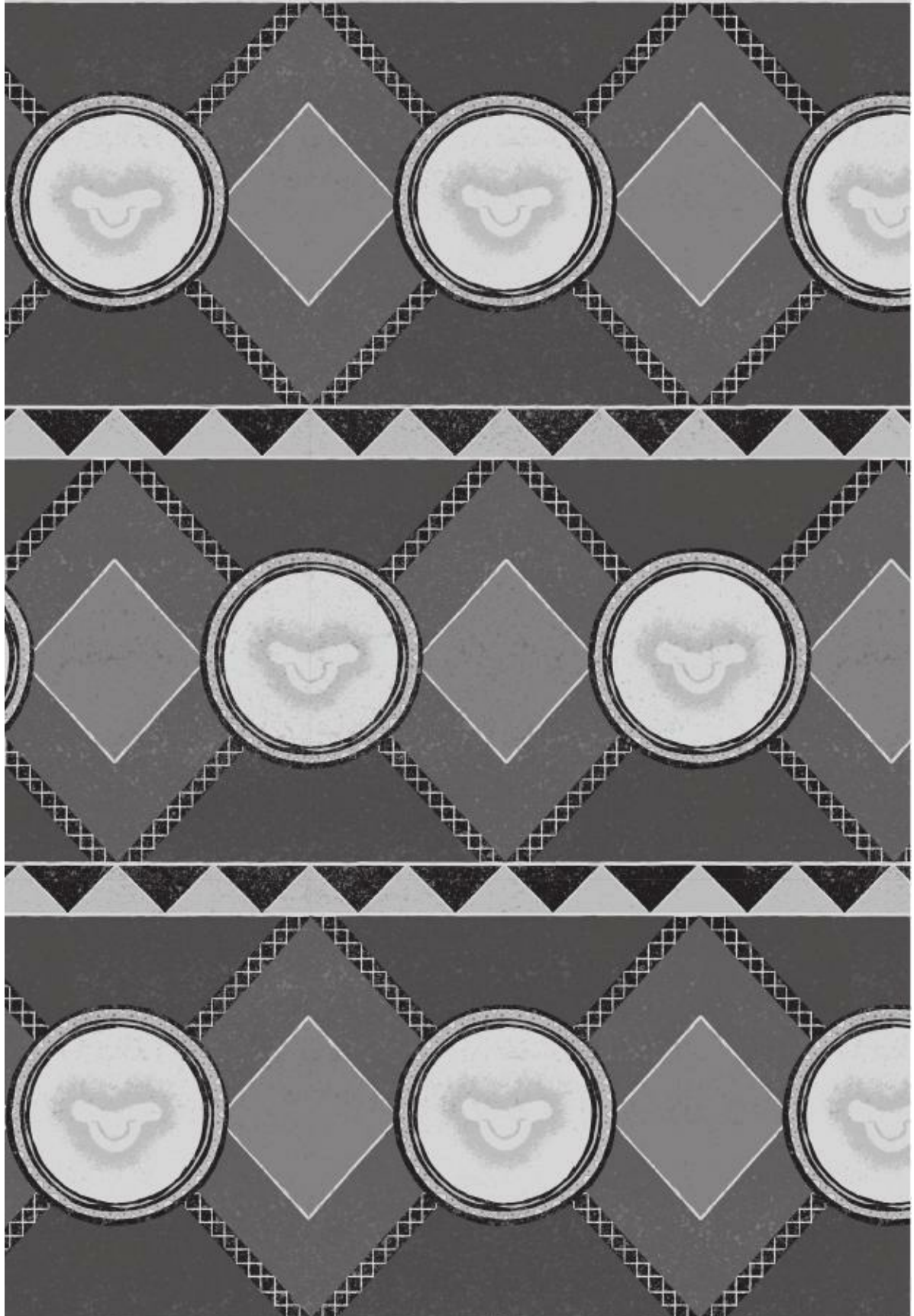
– Foi um acidente – ele disse, com a voz baixinha. *Eu não queria machucá-lo.* Uma imagem de seu pai caindo passou por seus olhos em um flash.

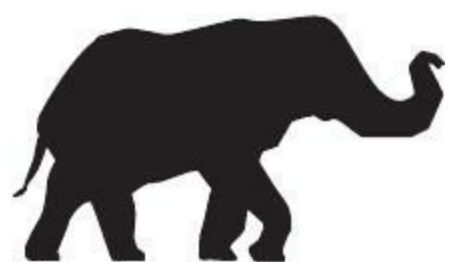
Scar desdenhou.

– Se não fosse por você, o rei ainda estaria vivo – disse, cada palavra atingindo o coração de Simba com um golpe. – É sua culpa se ele está morto! Você nega?

– Não.

A palavra reverberou pela Pedra do Rei mais alto do que o trovão no céu acima deles.





CAPÍTULO VINTE

O ar estalou de tensão enquanto as leoas e as hienas observavam tio e sobrinho. No chão, o fogo crescia, as chamas subindo e fazendo cócegas na Pedra do Rei. Mas Simba estava alheio ao calor e ao perigo. Tudo o que ouvia era seu próprio coração acelerado, e tudo o que sentia eram os olhares horrorizados das leoas.

– Você é culpado! – Scar gritou para ele.

Simba balançou a cabeça.

– Não sou um assassino! – berrou. *Não sou!*, completou silenciosamente. *Eu não queria que nada disso acontecesse. Foi um acidente. Um terrível, terrível acidente.* Mas as palavras permaneceram trancadas dentro dele. Ele abaixou a cabeça e curvou os ombros, como se tentasse se esconder dentro de si.

– Devemos acreditar em um filho que tira a vida de um rei? – Scar provocou. Ele se virou e olhou para Sarabi. – Um filho que abandona a própria mãe! – Dando um passo à frente, Scar levantou uma pata e a cruzou pelo rosto de Simba.

– Não! Eu sou... eu sou... – Simba lutava para se explicar.

– Você é o quê? – Scar desdenhou. – Diga! Você é o rei? Você é o rei? – Ele atacou Simba mais uma vez.

Enquanto sentia a pata de Scar sobre seu rosto, empurrando-o em direção à beirada da Pedra, Simba se acovardou. De novo e de novo, Scar atacou, e, a cada vez, uma imagem daquele dia horrível o dominava, enfraquecendo-o. Era como se ele fosse um filhotinho de novo, incapaz de fazer algo para impedir que o horror acontecesse em sua frente. Ele viu Mufasa se agarrando nas rochas, tentando se manter vivo. Viu seus músculos poderosos se esforçando e então o momento horrível quando ele desapareceu na debandada.

– Você é o quê? – Scar insistiu. – Diga!

Outra imagem de seu pai passou pela sua cabeça. Mufasa olhando para seu

reino, com o sol em sua juba e os olhos abertos – era, em cada centímetro, o rei que Simba nunca seria.

– Eu sou... eu sou... nada – Simba disse.

Soltando um rugido de triunfo, Scar acertou-o uma última vez, e o movimento mandou Simba voando pela rocha. Enquanto caía em direção ao fogo, ele ouviu Nala gritar seu nome. Instintivamente, esticou-se e agarrou a lateral pedregosa. Ele podia ouvir os estalos das chamas abaixo. Desesperado, pendurou-se na borda.

Acima dele, o rosto de Scar apareceu. Na luz do fogo, sua cicatriz estava ainda mais pronunciada. Ele olhou para Simba. Então sorriu.

– Puxa, isso parece familiar – disse. – Onde já vi isso antes? Ah, sim, lembrei. Era assim que Mufasa estava antes de morrer. Eu olhei para baixo... vi medo nos olhos dele... – Ele fez uma pausa, inclinando-se para que somente Simba ouvisse suas próximas palavras. – E aqui está o *meu* segredinho: eu matei Mufasa.

A cabeça de Simba se virou. Seus olhos encontraram os de Scar e, naquele instante, ele soube o que acontecera. Simba não tinha matado o pai. Scar tinha. Scar tivera a chance de salvar o irmão, mas, em vez disso, o deixara cair. Exatamente como ia fazer com Simba agora.

Uma onda de raiva o inundou e, antes que pudesse pensar no que estava fazendo, Simba soltou um rugido. Com toda a sua força, ele se inclinou para a frente e mordeu a juba de Scar.

Chocado, Scar recuou, levando Simba consigo. Rolando para a Pedra do Rei, Simba colocou-se de pé e atacou, atingindo Scar bem na cabeça, impulsionado pela adrenalina e pela vida que tinha perdido por causa da traição de Scar.

– Meu pai! – gritou. – Seu próprio irmão! Como você pôde?

Scar deu um passo para trás. Olhando para as leoas, tentou sustentar a mentira.

– Primeiro ele mata Mufasa e agora quer me matar!

– Você o matou! – Simba gritou. – Diga a verdade!

Scar balançou a cabeça.

– Não acreditem nas mentiras dele.

– Scar – a voz de Sarabi era alta, mais alta até que os trovões e as chamas abaixo. Ela deu um passo à frente, para ficar mais perto de Simba. Olhando para sua mãe, Simba viu que a decepção tinha ido embora. Seus olhos estavam límpidos. E furiosos. – Você disse que não chegou a tempo ao

desfiladeiro – disse, medindo cada palavra.

– Sim, é verdade! – Scar disse.

Os olhos de Sarabi se estreitaram.

– Então como você viu o medo nos olhos de Mufasa? – perguntou.

Simba começou a sorrir enquanto a máscara de Scar caía no chão. Ele tinha sido pego. Sarabi estava certa. Não havia como ter visto os olhos de Mufasa se ele não estivesse lá quando o rei morreu. Tudo o que Scar contara a elas era mentira. Tudo o que Scar contara a Simba era mentira. Ele era a razão de Simba ter fugido, a razão de as Terras do Reino estarem destruídas. Ele era a razão de Mufasa estar morto.

– Assassino! – Simba disse, devolvendo para Scar as próprias palavras.

Por um longo momento, Scar permaneceu no lugar, como se tivesse criado raízes. Simba o encarou, pulsando de raiva e triunfo. Mas então um sorriso se espalhou pelo rosto do tio. Olhando para trás, fez um gesto para as hienas.

– Matem todos eles!



Em um instante, a Pedra do Rei se preencheu de rosnados e golpes da luta entre leões e hienas. Com um rugido, Simba entrou na briga, jogando hienas para o lado, uma por uma, conforme elas atacavam. Ao seu lado, Nala e Sarabi lutavam, rasgando avidamente as criaturas que tinham tornado sua vida miserável por tanto tempo.

Fumaça preenchia o ar à medida que o fogo abaixo se aproximava, lançando hienas na sombra. Elas atacavam e eram arremessadas para as rochas chão abaixo. Simba manteve os olhos fixos em Scar. Seu tio estava recuando, tentando escapar. Empurrando um grupo de hienas, Simba parou ao avistar sua mãe. Shenzi e seu bando estavam se aproximando da rainha, estalando as mandíbulas.

Simba hesitou, sem saber o que fazer. Ele não queria abandonar a mãe, mas Scar estava se afastando cada vez mais. Nesse momento, ouviu um som familiar. Um momento depois, Pumba atacou as hienas que cercavam Sarabi, derrubando-as como se estivesse jogando boliche de urubus. Nas costas de Pumba, Timão soltou um grito vitorioso.

– Isso nunca perde a graça! – o suricate berrou.

Enquanto Timão e Pumba derrubavam as hienas, Simba se virou para ir atrás de Scar. Ele se abaixou e se esgueirou, escapando das garras cortantes e

das mandíbulas abertas das hienas. A cada movimento, parecia-se mais e mais com Mufasa. Ante a mera visão dele, algumas hienas fugiram ganindo. Mas Simba só queria Scar. O leão mais velho continuou se movendo, tentando escapar.

Atrás dele, Simba ouviu os outros animais da floresta se juntando à luta. Ouviu gritos enquanto seus amigos usavam suas presas, dentes e velocidade, juntando-se às leoas para atacar as hienas, até que logo todas estavam fugindo para se salvar. Ouviu os berros de vitória das leoas quando as hienas partiram.

Mas Simba não tinha tempo para celebrar a retomada da Pedra do Rei. Ele precisava pegar Scar. Não ia deixar o leão fugir assim. O ar estava preto de fumaça, tornando quase impossível enxergar. Cegamente, Simba seguiu com dificuldade pela cortina de cinzas. Bem então, um relâmpago iluminou um ponto na frente de Simba. Nesse momento, ele viu Scar. O leão mais velho estava rastejando pelas rochas íngremes que davam no topo da Pedra do Rei.

Soltando um rugido de raiva, Simba avançou, parando a centímetros de seu tio.

– Acabou, Scar – disse, com a voz profunda.

Lentamente, Scar se virou para encarar Simba. Com as patas erguidas, ele tentou parecer inocente.

– Simba, tenha piedade. Eu imploro.

Simba ergueu uma sobrancelha.

– Piedade? – repetiu. – Depois do que você fez?

– Foram as hienas! – Scar disse, desesperado. – Essas carniceiras nojentas me obrigaram! Eu estava planejando matar todas elas...

Atrás dele, Simba ouviu as hienas restantes soltarem rosnados raivosos. Pelo menos dessa vez, o som não o irritou nem o incomodou. Na verdade, ele sentiu uma súbita afinidade com as criaturas.

– Você enganou as hienas. Assim como me enganou. – Enquanto falava, Simba ia se aproximando, forçando Scar a recuar. As patas do leão mais velho subiram na pedra dura, mas Simba continuou avançando até estarem no topo da Pedra do Rei.

Scar vacilou na borda da pedra e olhou para Simba. Em seus olhos, havia medo genuíno.

– Simba, você não mataria seu próprio tio... – disse, esperançoso.

Simba não hesitou. Movendo-se rápido, avançou para atacar Scar. Ele nunca mais queria ver o rosto do leão de novo. Mas, logo antes de acertá-lo,

Simba parou. Se ele empurrasse Scar da borda, como poderia ser melhor que ele? Seu pai o ensinara a ser um rei forte e sábio. Matar Scar não seria um ato de força, mas de vingança. Balançou a cabeça.

– Não, Scar. Não sou como você – ele finalmente disse.

Um sorriso apareceu no rosto de Scar.

– Ah, Simba – Scar disse, humilhando-se agora que sua morte não era mais iminente. – Você é verdadeiramente nobre! Vou recompensá-lo... só me diga como provar! Diga-me o que você quer que eu faça!

Simba fez uma pausa. Então, lentamente, inclinou-se.

– Corra – disse, repetindo as palavras que Scar lhe dissera tantos anos antes. – Fuja e não volte nunca mais.

Por um longo momento, Scar só ficou olhando para Simba, como se estivesse vendo o fantasma de seu irmão. Finalmente, assentiu.

– Sim, claro – Scar disse, abaixando a cabeça. – Como quiser... Sua Majestade.

Mas tão logo as palavras saíram de sua boca, ele se abaixou e pegou uma pilha de brasas quentes. Com um grunhido, ele as atirou em Simba, cegando-o momentaneamente. Enquanto Simba esfregava seus olhos ardentes, Scar pulou nele, derrubando-o no chão. Simba sentiu o ar sair de seus pulmões quando seu tio tentou imobilizá-lo na rocha e rugiu alto, empurrando de volta. Ele tinha oferecido a Scar uma chance, e seu tio literalmente a jogou fora. Raiva o alimentava enquanto ele lutava, atacando seu tio às cegas.

Trovões continuavam a retumbar conforme os dois lutavam ferozmente. Abaixo, as hienas restantes e as leoas assistiam à luta, nervosas. Alheio ao público e a tudo, menos a seu tio traidor, Simba lutou com tudo o que tinha. Lutou pelos anos e esperanças perdidos. Lutou pelos momentos que nunca teria de volta – com sua mãe, com Nala, com seu pai. Mas, mais importante, lutou com o coração de um rei. Com um rugido final, empurrou Scar e o atirou no chão a seus pés.

– Você não pode vencer, Scar – Simba disse. Seu peito subia e descia.

– Este é o *meu* reino – Scar disse. Sua respiração estava pesada. – *Meu* destino! – Soltando um rugido, atacou mais uma vez.

Mas, ao contrário de antes, dessa vez Simba estava preparado. Rapidamente, deu um passo para o lado, evitando o golpe do leão. Scar passou voando por ele, diretamente para a borda da pedra. E caiu no ar, pousando com um baque no chão distante.

Simba correu para a borda e olhou para a lateral do penhasco. Abaixo, ele

podia ver seu tio colocando-se de pé lenta e dolorosamente. Um grupo de hienas, lideradas por Shenzi, cercou-o devagar. Mesmo de seu ponto de vista no alto da Pedra do Rei, Simba podia ver que as hienas estavam cansadas de seu “líder”. Elas o tinham ouvido chamá-las de carniceiras, quando ele disse que seu plano era acabar com elas. Hienas não eram os animais mais brilhantes, mas Simba sabia que elas também não eram misericordiosas. Enquanto se virava para voltar para as leoas, Simba ouviu os gritos assustados de Scar e os rosnados das hienas. Elas lhe ensinariam uma lição – uma que ele certamente nunca esqueceria.



Simba caminhou lentamente. Seu corpo inteiro doía. No céu acima, as nuvens se abriam e a chuva começava a cair, encharcando seu pelo e apagando o incêndio violento que tinha engolido a Pedra do Rei. Então Simba saiu para a rocha plana que, mais uma vez, chamava de lar.

Um sorriso se espalhou pelo seu rosto enquanto ele olhava em volta. Sarabi e Nala estavam esperando, cercadas pelas outras leoas. E ali no canto, feliz, mas ainda levemente nervosos por estarem em meio a tantos carnívoros, Timão, Pumba e os outros também sorriam. Simba caminhou até Sarabi e fez um carinho nela. Então se virou e deu um aceno de agradecimento a seus amigos. Timão também acenou alegremente e fez uma dancinha enquanto Pumba fez o que fazia melhor: soltou um pum. Rindo, Simba finalmente se virou para Nala. Tinha tantas coisas para dizer a ela. *Deveria* ter dito tantas coisas. Ele queria agradecê-la por tê-lo salvado. Enquanto a olhava nos olhos, as palavras ficaram presas em sua garganta. Então, com gentileza, esticou o pescoço até que seus focinhos quase se tocaram. Não era tudo, mas era um início para muito mais.

Sem conseguir parar de sorrir, ele se virou ao som de asas batendo. Olhando para cima, viu Zazu. O calau pousou na frente dele e fez uma reverência.

– Sua Majestade – disse.

Simba inclinou a cabeça. Mas, antes que pudesse cumprimentar seu velho amigo, viu Rafiki parado próximo ao promontório da Pedra do Rei. O babuíno fez um gesto para Simba com seu cajado de madeira. Com outro aceno para seus amigos – velhos e novos –, Simba lentamente começou a caminhar até Rafiki. Apontando o cajado para o final do promontório, o

velho macaco não disse nada. Mas não precisava. Simba sabia o que fazer. Estava em seu sangue.

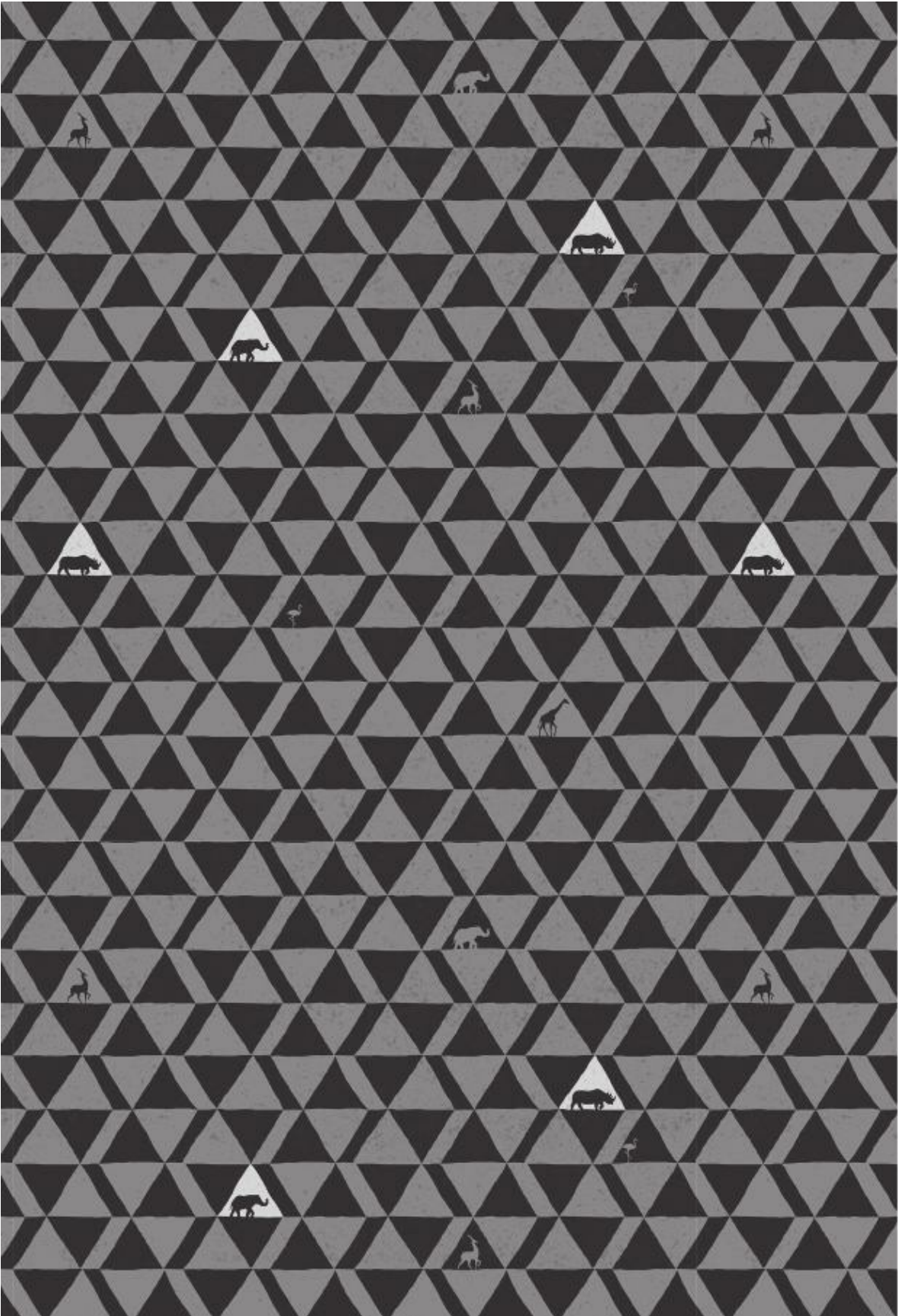
Erguendo a cabeça, ele caminhou para a borda da Pedra do Rei. Parou e olhou para o céu. A tempestade tinha acabado, levando consigo a chuva, as nuvens negras e os trovões. Em seu lugar, as estrelas emergiram, suas luzinhas cintilantes iluminando a noite. Enquanto observava o céu, Simba ouviu a voz de seu pai no vento.

– Lembre-se... – Mufasa disse.

Nunca vou esquecer, Simba prometeu silenciosamente. Ele era o rei agora e para sempre. E passaria sua vida comprometido a realizar os desejos de seu pai. Ele seria o rei mais poderoso que poderia ser. E se lembraria de tudo e de todos que o levaram até ali.

Inclinando a cabeça para trás, Simba soltou um rugido.

Na rocha atrás dele, Nala, Sarabi e as outras leoas soltaram rugidos estrondosos. O som ecoou pela Pedra do Rei e pelas terras que se seguiam. Simba sorriu, olhando para seu reino. O passado estava no passado. Timão e Pumba estavam certos sobre isso. Agora era hora de olhar para o futuro.





EPÍLOGO

Simba observava as planícies à frente. Manadas de elefantes atravessavam a savana com bebês pendurados nas caudas de suas mães. Topis e gazelas saltavam pela densa e exuberante grama, seus chifres brilhando ao sol. Simba podia ouvir os gritos altos dos hipopótamos no olho-d'água, conforme emergiam da superfície e espirravam água em bebedores desavisados. Nas árvores, mandris chilreavam e conversavam, balançando de galho em galho para cumprimentar amigos e familiares. As girafas caminhavam devagar, parando para pastar em ramos carregados de folhas vibrantes e vívidas. O ar estava doce com o aroma da vida. As planícies não eram mais a terra devastada do reinado de Scar.

A vida tinha voltado às Terras do Reino.

Virando-se, Simba voltou para sua toca. Um sorriso se espalhou pelo seu rosto quando viu seu filhinho brincando com Timão e Pumba. Nala observava, com os olhos cheios de amor e fascínio, assistindo ao filhote. Sentindo o olhar de Simba, ela se virou e sorriu, orgulhosa.

Ouvindo o inconfundível som do cajado de Rafiki batendo na pedra dura, Simba fez um gesto para que Nala se juntasse a ele. Apanhando seu filhote, ela caminhou até ele e, juntos, seguiram Rafiki para o promontório. Abaixo, os animais tinham se reunido para mais uma vez honrar seu futuro rei.

Enquanto Rafiki segurava o filhote, Simba se virou para olhar Nala e sorriu. Anos atrás, ele tinha fugido e pensado que nunca poderia voltar. Mas seu pai estava certo. A vida era um ciclo. E ele era uma parte disso. Só precisou de um empurrãozinho para se lembrar.

Abaixo, os animais gritaram de alegria para saudar o novo filhote. Simba recuou lentamente. Ele ainda tinha tempo, mas esse reino seria de seu filho um dia. Até lá, faria o melhor para honrar a promessa que tinha feito a Mufasa. Simba sempre se lembraria de quem era e de quem Mufasa tinha sido. Não importava o caminho que seu filho seguisse, ele estaria ao seu lado. E também estaria ao lado de Nala, de seus amigos e de seu reino. Esse era o caminho de Simba.

